

LAURA BRANDÃO

A Invisibilidade Feminina na Política

MARIA ELENA BERNARDES

MARIA ELENA BERNARDES

LAURA BRANDÃO

A INVISIBILIDADE FEMININA NA POLÍTICA

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob orientação da
Profa. Maria Clementina Pereira da Cunha

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora
em 30/11/1995

Banca:

Profa. Dra. Maria Clementina Pereira da Cunha (orientadora)

Prof. Dr. Alcir Lenharo

Prof. Dr. João Quartim de Moraes

Prof. Dr. Michel McDonald Hall (suplente)

novembro de 1995

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	BC
N.º QUANTIDADE	1
TIPO	CAMP
B456L	
V.	Er.
IMPRESSO B.J.	26400
PHOTO	667/96
	D XI
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	13/01/96
N.º GPD	

CM-00083524-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Bernardes, Maria Elena

B456L Laura Brandão : a invisibilidade feminina na política / Maria Elena Bernardes. - - Campinas, SP: [s.n.], 1995.

Orientador: Maria Clementina Pereira da Cunha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1.Brandão,Laura, 1891- 1942 - Biografia. 2. Brandão,Octavio, 1896-1980. 3. Feminismo. 4. Partido Comunista Brasileiro. 5. Moscou(Russia) - História. 6.* Salões literários - Rio de Janeiro (RJ). I.Cunha, Maria Clementina Pereira da. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Sumário:

AGRADECIMENTOS.....	1
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I	
NASCE A POETA	27
1. NOVA NO MUNDO	28
2. VISIBILIDADE E PRESTÍGIO NOS SALÕES LITERÁRIOS	46
CAPÍTULO II	
LAURA, UMA MULHER	67
1. FEMININO E FEMINISMO.....	68
2. OCTÁVIO	83
CAPÍTULO III	
DOS SALÕES AOS COMÍCIOS	99
1. FLAMBOYANT	100
2. UMA PERENE FONTE DE SOFRIMENTOS.....	129
CAPÍTULO IV	
CANÇÕES DO EXÍLIO	158
1. UMA GRANDE TERRA	159
2. A VITÓRIA SERÁ NOSSA ?	182
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	199

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento mais gostoso deste longo percurso que foi escrever esta dissertação. De um lado, porque ela está sendo finalizada e, de outro, porque percebo a longa lista de amigos e colaboradores que fizeram parte deste processo. Sem eles seguramente não teria sido possível concretizar este trabalho.

O meu interesse por pesquisar Laura Brandão começou através de informações que Elaine Marques Zanatta, do Arquivo Edgard Leuenrouth, trouxe-me após ter entrevistado Dionysa Brandão em 1992, no Rio de Janeiro.

Através do Paulo de Tarso Venceslau conheci o Professor João Quartim de Moraes. E num café - não da rua Larga, mas da General Osório - conversamos em um começo de noite e ele, entusiasmado, mostrou-me um dos poemas que Laura escreveu. Não com menos entusiasmo, falou-me do quanto gostaria que alguém se ocupasse em escrever a história da poeta e militante comunista. A ele devo o meu objeto de pesquisa e o incentivo durante todo este tempo.

No momento em que preparava o projeto, encontrei a Professora Margareth Rago, que indicou-me referências, leu o que escrevi e, felizmente, foi bastante crítica. Durante o período do mestrado, sempre tinha uma bibliografia para me indicar e, com o entusiasmo que lhe é peculiar, ouvia as histórias que eu contava a respeito de minhas pesquisas. Margareth foi uma das pessoas que gostei muito de conhecer neste percurso.

Maria José Taube também leu o projeto e foi grande incentivadora além de abrir-me os arquivos dos SOS-Ação Mulher.

A partir deste momento, passei a contar com o apoio financeiro do CNPq, que foi fundamental para as viagens e necessidades impostas pela pesquisa.

Dos colegas de turma fica a saudade dos momentos vividos. Tânia Cruz foi com quem mais de perto compartilhei minhas dúvidas e descobertas e, com seu talento de vasculhar bibliotecas, recebi indicações preciosas. A Silvana Mota Blanco devo todas as dicas em relação aos meandros da burocracia; ela também pacientemente ouviu todas as minhas angústias e incertezas. Jeferson Cano, que conhece de cor as prateleiras da biblioteca do IFCH, facilitou minhas atrapalhadas na procura de livros. Os colegas e amigos da linha de pesquisa, numa manhã, discutiram comigo o quarto Capítulo deste trabalho, e muito contribuíram apontando caminhos. Regina Xavier ouviu minhas angústias e incentivou. Enfim, os colegas e amigos da pós graduação - que seria impossível nominá-los todos aqui -, que durante estes anos estiveram ao meu lado, seja nos cafés, cantinas, salas de aula e biblioteca tiveram seu papel importante.

Tive a sorte de participar do curso "Biografia e Micro História", ministrado pela Professora Maria Clementina Pereira da Cunha, no segundo semestre de 1994. A ela e aos colegas do curso, com suas discussões calorosas nas tardes de quinta-feira, devo o "fio da meada" para começar a escrever a dissertação.

Aos funcionários e amigos do Arquivo Edgard Leuenrouth devo a gentileza e carinho com que me acolheram. A professora Angela Araújo Carneiro não poupou

esforços na truncada comunicação com Moscou, para que o arquivo que lá estava com a família chegasse a tempo. Marisa Zanatta entendeu e facilitou para que eu pudesse pesquisar o material sem que ele estivesse organizado. Miriam Manini, além de incentivar desde do início, ouvir minhas angústias, cuidou com carinho da reprodução das fotos. Maria Cimélia Garcia, com carinho e atenção digitalizou e reconstitui as imagens reproduzidas neste trabalho, através de efeitos e tratamento. Elaine Marques Zanatta acompanhou este trabalho desde o primeiro momento. De suas mãos recebi materiais importantes como, por exemplo, o acervo doado por Eloísa Felizardo Prestes. Elaine ouviu minhas queixas, vibrou com as descobertas novas e me deu dicas preciosas.

Os funcionários das bibliotecas do IFCH e IEL-UNICAMP, auxiliaram e facilitaram minhas pesquisas, em especial Solange e Luciano. Na Biblioteca Mário de Andrade-SP, contei com a ajuda preciosa dos funcionários da seção de obras raras. As funcionárias da Secretaria de Pós Graduação do IFCH, Lurdina, Esmeralda e Marli, cuidaram de toda burocracia e sempre me acolheram com carinho.

Na primeira ida ao Rio de Janeiro, fui gentilmente recebida por Denise Rollemberg e Daniel Aarão, que me emprestaram o apartamento. Ainda no Rio pude contar com a atenção de todas as pessoas entrevistadas citadas neste trabalho, que me receberam gentilmente e não pouparam esforços para o difícil e - para muitos deles - doloroso exercício de memória. Marisa Brandão foi uma importante colaboradora. Sempre que precisei de informações que teriam que ser procuradas no Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional ou Arquivo Geral da Cidade, ela estava lá, pronta e disposta e, com entusiasmo, sempre retornava a ligação telefônica com boas notícias.

A Dionysa Brandão devo uma referência especial. Recebeu-me em sua casa por duas vezes, abriu-me os arquivos que mantém sob sua guarda e não mediu esforços para que este trabalho fosse concretizado. Nas inúmeras ligações telefônicas que estabelecemos Campinas/Rio de Janeiro ela aos poucos revelava-me fatos e me instigava a procurar sempre mais.

Pepita Losada cuidou da Camila num momento muito delicado e particular. Sem sua ajuda e carinho, minhas pesquisas no Rio de Janeiro não teriam sido possíveis. Marisa Cabrera e Tarcísio P. Leite, igualmente cuidaram dela nas férias de julho de 1995, deixando-me assim tranquila para concluir o texto da qualificação.

Camila foi quem mais sofreu com minhas ausências. No começo deste trabalho esbravejou o quanto pode. Um dia, cansada e se sentindo sozinha, desabafou do jeito teatral que lhe é peculiar: "Maria Elena, ponha uma coisa na sua cabeça, a Laura está morta eu estou viva". Consegui o que queria e me deixou culpada a ponto de abandonar o trabalho por alguns dias. Depois foi comigo para o Arquivo e me ajudou a copiar os poemas de Laura e agora no final fala dela com a desenvoltura de uma velha conhecida.

Paulo de Tarso Venceslau acompanhou-me de perto desde o início e, a ele devo a determinação para este trabalho. Deu-me o colo que precisei para manter a lucidez e as longas horas de trabalho mais prazerosas. Leu os meus primeiros rascunhos e felizmente não foi nada concessivo. Nestes últimos dias viveu comigo os atropelos inevitáveis que sempre surgem na última hora. Pacientemente leu todo o texto, e corrigiu os meus erros de português.

Cláudio Roberto Ghiorzi, com disposição e gentileza, salvou-me das inúmeras brigas com o computador e sem sua ajuda tudo teria sido muito mais difícil.

Na banca de qualificação pude contar com as leituras criteriosas dos Professores Marco Aurélio Garcia e Alcir Lenharo que apontaram inúmeras perspectivas. Alcir me acompanhou desde a seleção para o ingresso no mestrado e foi uma das pessoas que gostei muito de conhecer e conviver neste período.

Finalmente, a Professora Clementina - por quem tive a sorte de ter sido orientada - merece uma referência especial. Com firmeza e segurança soube mesclar incentivo, críticas e, acima de tudo muita paciência e dedicação para ler os textos várias vezes, ordenar o que eu escrevia, corrigir os meus intermináveis erros e, com bom humor, mostrava o tamanho das bobagens que eu escrevia. Se não fosse ela eu não teria sido capaz de concluir este trabalho.

Maria Elena Bernardes

Campinas, 16 de Outubro de 1995

para

Dionysa, Vólia e Valná

à

Camila

pela vida compartilhada



Laura da Fonseca e Silva - 1915.

INTRODUÇÃO

"A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas e subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina.

Disso eu quis fazer minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e as coisas que não têm voz"

Ferreira Gullar

Fevereiro de 1947. Nos bastidores do Partido Comunista Brasileiro, uma preocupação atípica mobilizava três dos seus grandes líderes. Diógenes Arruda Câmara, Luís Carlos Prestes - o Cavaleiro da Esperança - e Astrojildo Pereira, vivem um dilema: publicar ou não o livro *A Imagem de Laura Brandão*, escrito por seu marido Octávio Brandão. Decide-se, então, que Astrojildo é a pessoa mais autorizada do grupo para emitir tal parecer, pois era tido, dentre os intelectuais do partido, como o que mais conhecia literatura. Não foi preciso muito tempo: em três dias o dirigente entrega o veredito final .

Camarada Prestes

Camarada Arruda

Aqui me desobrijo da tarefa que, no dia 22, vocês me confiaram. Tentarei ser breve, para não lhes roubar tempo.

Suponho que editar o livro do camarada Octávio Brandão seria uma aventura prejudicial a todos nós, sobretudo a ele, que veria, sem nenhuma dúvida, profanado o objeto de sua veneração. A crítica burguesa nada exoria a respeito desse trabalho; é certo porém, que choveriam sobre ele sátiras políticas. Seria um desastre.

O lugar que, na literatura nacional, ocupa Laura Brandão, a artista agora tão exaltada, é bem modesto. O público não lhe reconhece grande mérito. Para ser franco diria que o público a ignora.

Octávio afirma corajosamente que se trata de injustiça e busca realizar uma glória póstuma. Aventura-se a comparações assombrosas, mas o que nos exhibe não justifica de maneira nenhuma a veemência dos seus conceitos. Aliás, Octávio é a pessoa menos indicada para conduzir essa empresa: falta-lhe serenidade, evidentemente, há no seu amor à companheira desaparecida muito de religião. O seu pensamento, como adiante se verá, é este: Laura foi uma grande poeta: ninguém até hoje lhe percebeu o valor; é certo, pois, que todos estão em erro. Ora, se as idéias do meu velho amigo

Octávio Brandão divergem da realidade, o que se confessa no livro, como persistir nelas? A sua opinião é uma e é uma opinião única - e não vejo meio de fazê-la aceita pelos outros homens.

Essa opinião se manifesta numa prosa enfática, hiperbólica. E alguns versos de Octávio reproduzidos na obra, são horríveis.

Vou estender-me um pouco em citações, para demonstrar o que asseverei. À página 10 temos estas linhas de ingenuidade pasmosa: "Laura sofreu insônias e moléstias da infância. Esteve à morte várias vezes. Levantava-se pela manhã e dizia: - Hoje não estou boa. E fazia uma carinha triste. "Na página 17 principia a corroboração do que acima escrevi: "Algumas vezes tentou ser professora pública, mas o Estado semi-feudal e burguês do Brasil temia os espíritos progressistas, e, por isso, ela nada conseguiu". Impossível admitir a imparcialidade desse julgamento. As páginas 19 e 20 estão cheias de puerilidades como esta: "Oh ! vinde, meus meninos, a escola freqüentar o gosto e a variedade convidam a estudar, a estudar, a estudar".

À página 48 temos um soneto composto em metros diferentes, coisa que nunca vi: os dois quartetos, o primeiro verso do primeiro terceto e o primeiro e o segundo são decassílabos; o segundo e o terceiro versos são do primeiro terceto, o segundo e o terceiro do segundo são alexandrinos.

Página 51; "O povo brasileiro é um povo de ideais. Laura reflete as aspirações do povo". *Isso é linguagem de comício de subúrbio* (grifos meus) semelhante a destas linhas, que surgem na página 57: "Mais de 25 anos depois, Laura, a peregrina do amor, do sonho ideal, heroína da luta da humanidade contra o fascismo - galgou os contrafortes da montanha aspérrima dos Urais, nos umbrais da Ásia, e desapareceu inesperadamente". Entre a página 58 e a 66 há trechos de cartas, notícias de festas de arte, declamações, referências amáveis de sujeitos mais ou menos importantes, em conversas, a Laura. Há também a declaração de que os papéis relativos à poeta estão guardados no arquivo da família em Moscou. Essas páginas são alarmantes e devem ser lidas com atenção. Página 67. "Rolou mais de um quarto de século entre o surgimento literário de Laura e a sua morte. Espaço de tempo mais que suficiente para o aparecimento de um crítico literário que fizesse uma análise da obra de Laura. Entretanto, esse crítico não apareceu até hoje, apesar de Laura tê-lo esperado mais de um quarto de século..." Exatamente o que eu disse: O nosso camarada tem uma certeza profunda e lamenta que não a confirmem. É impossível que todas os nossos críticos sejam idiotas; poderei grifar isto se eles guardarem silêncio quando aparecer

um livro meu, mas não conseguirei transmitir aos outros este juízo, livrado de suspeição. Além disso, o camarada Octávio Brandão não é crítico. À página 68 compara-se Laura a Castro Alves e insinua-se que ela foi superior a Euclides da Cunha. Da página 70 a 73, Laura vence Olavo Bilac e Cruz e Souza. Na página 76, vemos Laura acima de Machado de Assis. Indiquei, da página 92 a 101, numerosas passagens infantis e absurdas, é conveniente examiná-las de perto. Na página 108, há esta poesia medonha de Octávio, medonha repito:

"Tú, que tens a energia e a wagneriana harmonia das Cataratas do Iguaçu: Alma ardente e viril de combatente: heróica e estoica alma forte e ativa, alma de Lucrecia, Afrontes a tormenta e o vendaval - Filha espiritual da Grécia, Tu me deste a visão da beleza imortal".

Página 11. "Laura auxiliava o companheiro a carregar a cruz. Afastava as pedras do caminho. Arrancava os espinhos". Literariamente, isso vale bem pouco. Dexe para o fim esta citação da página 105. "Uma de suas características: a Modéstia. Em um mundo cheio de cabotinos, ela não procurava chamar a atenção sobre si mesma". Isso nos impõe o dever de respeitar a memória de Laura Brandão. Ninguém tem o direito de perturbar-lhe o repouso chamando para ela uma curiosidade impertinente que a humilde artista não desejou.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1947.¹

Os argumentos de Astrojildo para o veto à publicação do livro não deixam dúvidas. Para ele, Laura não ocupara lugar de destaque na literatura brasileira; ao contrário, era ignorada pelo público. Além disso tratava-se, na sua opinião, de um livro

1 Fundo Octávio Brandão. Arquivo Edgard Leuenrouth - UNICAMP - pasta 120. O livro a que o documento se refere tem por título A Imagem de Laura Brandão - escrito por Octávio Brandão, em 1947, após a morte de Laura - pasta no.120 do referido Fundo.

mal escrito e, por estes motivos, adverte para o risco que todos - Octávio e a própria direção do PCB - corriam de serem ridicularizados pela crítica. Nas entrelinhas desta discussão, vale lembrar que, na disputa pelo poder dentro do Partido Comunista Brasileiro, Octávio Brandão nunca ocupou os espaços que almejou e não são poucos os embates travados com a direção do partido ao longo da história. É sugestivo que, no decorrer do texto, em nenhum momento Astrojildo analise sequer um poema que Laura escreveu, embora se dê ao trabalho de transcrever um poema de Octávio Brandão e classificá-lo de "medonho". Que Brandão escrevesse mal e que tenha sido totalmente parcial em seu julgamento pode até ser um argumento que não deve ser desconsiderado, mas essa é uma outra discussão e não cabe aqui o papel de advogado do diabo.

Infelizmente, a poesia de Laura não será analisada com o rigor que os procedimentos da crítica literária exigem. Tomara que algum especialista venha se ocupar desta tarefa. Longe disso, usei apenas minha sensibilidade de leitora e os critérios de historiadora para trabalhar com suas poesias, apresentadas ao leitor com a intenção de revelar a maneira que ela manifestava suas emoções e visões do mundo.

Por razões diferentes das de Octávio Brandão que, - como declarou Marisa Coutinho², sua terceira mulher, continuou lutando pela "memória sublime" daquele

² "Se um homem mesmo encontrando um novo amor, após a morte da primeira esposa, continuou lutando por sua memória sublime, que outra prova haverá de sua grandeza, beleza e valor" Conforme depoimento escrito de Marisa Coutinho em 30 de setembro de 1995, Campo Grande-MS.

declarado amor que “enfrentou as piores tempestades do tempo” - este trabalho discorda evidentemente de Astrojildo e da direção do PCB quanto aos méritos de Laura, que justifiquem a publicação de sua biografia. Procura, no entanto, enxergá-la sob um outro prisma e descrevê-la com menos adjetivos.

Independente de seu controverso valor literário, Laura teve uma atuação significativa junto ao movimento operário brasileiro, comparável, segundo João Quartim de Moraes³, “a militantes femininas de excepcional grandeza, como a espanhola Dolores Ibarruri e alemã Olga Benário”. Sua militância deu-se sempre ao lado do PCB, fato que Astrojildo ignora em suas considerações, reforçando a impressão de que os comunistas pautaram-se geralmente por idéias que consideravam natural a condição subalterna da mulher, atribuindo-lhe o papel de coadjuvante. Essa posição pode ser confirmada nas próprias palavras de Octávio Brandão: “Laura auxiliava o companheiro a carregar a cruz. Afastava as pedras do caminho. Arrancava os espinhos”. Ou então: “...a inspiradora, a animadora e a cooperadora. Acompanhou-me aos sindicatos, auxiliou-me no trabalho de massas...”⁴

Literalmente, isto vale bem pouco mesmo, como disse Astrojildo. Mas, aos olhos do historiador recebe um conjunto importante de significados atribuídos à presença

³ MORAES, João Quartim de. A esquerda Militar no Brasil: Da Coluna à Comuna, Vol. II, São Paulo: Siciliano, 1994 pg.44

⁴ BRANDÃO, Octávio. Combates e Batalhas - 1o. vol. São Paulo: Alfa-Omega, 1978, pg. 159

feminina na militância. Neste contexto, as palavras de Michelle Pierrot iluminam a discussão: "enquanto militante, a mulher tem dificuldade em se fazer ouvir pelos camaradas masculinos, que consideram normal serem seus portas-vozes".⁵ Laura, em sua poesia, expressou o sentimento de quem sabia muito bem o lugar que lhe era reservado nas complicadas relações de poder com seus pares masculinos. Assim, no poema "Palmeira" ela intuía seu destino :

" Teu destino é dos grandes infelizes !
Fria meditas, e no ideal te abraças
- É a glória-dor de voar tendo raízes ! "

Foi expressando este tipo de concepção que a liderança masculina do PCB decidiu que Laura não tivera visibilidade para merecer uma biografia. No entanto, procurando cercar-me de argumentos que justificassem uma pesquisa sobre sua trajetória, deparei-me com uma documentação que não confere com o parecer dado pelo PCB em 1947. Se a historiografia operária brasileira, ainda fortemente marcada pelas concepções da própria militância, não deu nenhuma importância à sua existência, da mesma maneira ignorou também outras mulheres militantes: no decorrer desta pesquisa, descobri documentos catalogados ao longo do tempo por Eloisa Felizardo Prestes que teve o cuidado de organizar *dossiers* de mulheres, comunistas ou não, que tiveram atuação política ou se destacaram em suas profissões.

⁵ PIERROTT, Michelle - " Mulheres " in Os Excluídos da História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, pg.186

Entre esta documentação encontrei, por exemplo, o *dossier* de Rosa de Bittencourt. Em uma anotação manuscrita de Eloisa, descobri que, segundo informação de Astrojildo, Rosa fora a primeira mulher brasileira a filiar-se ao PCB. Olhando retrospectivamente, este fato parece bastante significativo mas, em nenhum momento, a historiografia sobre [e do] PCB fez menção a ela. Nem mesmo Astrojildo, que se ocupou em escrever a história do PCB e forneceu a informação a Eloisa, refere-se a ela. Fatos como este demonstram que a invisibilidade de Laura não está isolada de um contexto vivido pelas mulheres militantes no início deste século. A propósito, cabem aqui algumas perguntas: quem foram as mulheres dos militantes que dirigiam o Partido? Quem era a mulher de Astrojildo, ou as de Prestes ⁶, Arruda, Minervino, etc...? Porque nenhuma delas teve compromisso orgânico com o Partido? É também curioso observar que Rosa - que não era mulher de ninguém ⁷ - tenha se filiado ao Partido em 1922. É provável que a ligação orgânica de Rosa com o PCB deva-se a este fato, pois ela não tinha que "concorrer" com nenhum militante masculino em sua casa. Estes elementos sugerem o sentido geral das relações de gênero⁸ entre os militantes do período e, ao que parece, esta

⁶ Olga Benário, a primeira mulher de Prestes, teve uma outra trajetória e seu encontro com ele deu-se em outra circunstância. Mesmo assim, se sabemos de sua atuação enquanto militante, deve-se à biografia que Fernando Moraes escreveu e não que a historiografia tenha dado visibilidade a sua atuação enquanto militante comunista, ligada ao PCB.

⁷ Sobre a trajetória de Rosa, ver página 132.

⁸ Nas últimas décadas, os estudos feministas incorporaram em suas discussões e pesquisas a categoria de GÊNERO em detrimento do objeto MULHERES, propondo a desconstrução da generalização "mulheres" e sobretudo para se pensar as diferenças sexuais enquanto construções sociais e culturais. Sobre o assunto, veja-se SCOTT, Joan. "Gênero: Uma categoria útil de análise histórica", in *Educação e Sociedade*, vol. 15,

discussão passava longe das preocupações de seus dirigentes. Suas companheiras não tinham nenhuma função central: efetivamente, a militância feminina não cabia na vida orgânica do partido. Provavelmente, restavam-lhes as tarefas “menores” ligadas a campanhas de solidariedade organizadas pelo PCB como, por exemplo, campanhas para fundos de greves.

O leitor pode estar se perguntando se esta cobrança em relação à militância masculina contemporânea de Laura tem algum sentido pois, no período, esta discussão não estava colocada com o mesmo peso das últimas décadas. Não se trata no entanto, de anacronismo: estes dirigentes nomeados acima, e tantos outros, não eram homens “comuns”. Eles dirigiam um partido que tinha como tese central a igualdade social e que se originara em uma tradição política para a qual a igualdade entre homens e mulheres era uma questão teoricamente “resolvida”, e muito antes da fundação do PCB, a imprensa anarquista já discutia a questão com bastante clareza. Não me parece assim extemporâneo que deles se esperasse uma postura de companheirismo e reconhecimento da militância feminina.

Ainda hoje, final do século XX, o tema da visibilidade feminina é uma questão não resolvida nos movimentos sociais e partidos políticos. Este ponto tem sido pauta de

n.2 jul./dez/ de 1990. - DIAS, Maria Odila Leite “Teoria e Método dos Estudos Feministas” ; CASTRO, Mery e LAVINAS, Lena “ Do Feminino ao Gênero : A Construção de um Objeto” in : Uma Questão de Gênero COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

discussões em busca da criação de mecanismos que resultem na superação das desigualdades de gênero. Entre elas ganha destaque a inclusão da proposta de cotas que é a delimitação de uma porcentagem de mulheres em instâncias de decisão, como no caso do Partido dos Trabalhadores-PT, que aprovou em seu décimo Congresso, em 1991, a política de trinta por cento de mulheres na direção partidária. Se no PT esta política é implementada com dificuldades, problemas maiores surgem no setor sindical, onde, mesmo em categorias predominantemente femininas a maioria da direção é masculina.⁹ Estes são questionamentos que o movimento feminista vem se fazendo e que foi, inclusive, tema na Conferência de Mulheres em Pequim/95. Indo além, as congressistas reivindicam porcentagem de mulheres nos parlamentos.

De qualquer maneira, a representação de papéis masculinos e femininos respectivamente identificados com o público e privado¹⁰, onde a mulher e o homem aparecem como figuras de contraste, parece ter sido bastante sólida na militância do PCB: delas é esperado que a paz e a harmonia do lar e da família sejam asseguradas, trabalhando sem remuneração, confinadas e "protegidas" dentro de casa; deles, ao

⁹ CUT-Espaços de Mulheres e Homens. Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora, 1993

¹⁰ Para acompanhar esta discussão veja-se por exemplo: SENNETT, Richard - O Declínio do Homem Público, São Paulo: Cia das Letras, 1988. - HABERMAS, J. Mudança Estrutural da Esfera Pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

contrário, deseja-se o trabalho do guerreiro, criativo, inteligente, portanto, remunerado, pois é o seu trabalho que deve garantir o sustento da família.

Mesmo que as representações do homem e da mulher -ou de ambos - sejam variáveis com o tempo de acordo com épocas e culturas, a separação entre essas duas instâncias colocou-os em relação hierárquica e assimétrica no que tange às relações de gênero, definindo-lhes locais separados - mundo privado e mundo público. Contrapor a afetividade, a sensualidade, o desejo e a paixão ao pensamento é situar a separação entre estas duas esferas numa perspectiva definitiva. E é como símbolo de fragilidade e docilidade que a mulher ficou fora do público, identificado como um lugar "perigoso", onde ela deveria ser protegida. Com isso, o espaço político e a cidadania acabam sendo exclusivamente identificados com o mundo masculino. Desta maneira, a mulher acabou ficando invisível e reduzida ao silêncio, mesmo quando transgredia as normas e tinha uma atuação destacada na esfera pública. Por isso, a vontade de resgatar Laura deste longo esquecimento.

Enquanto os padrões de comportamento normatizados ditavam que as mulheres deveriam permanecer silenciadas no "obscurantismo" do privado, muitas delas ousaram transgredir as normas. As fontes disponíveis permitiram desenhar a trajetória de Laura e, como podemos conferir nos capítulos que seguem, esta não foi nada insignificante. Ao contrário, Laura foi bastante visível nas ruas enquanto militante de

esquerda. Como poeta, conquistou um lugar raramente ocupado pelas mulheres no início deste século. Laura foi ainda prestigiada nos elegantes salões da época pela singularidade com que declamava. Nas primeiras décadas deste século, anos de repressão e de importantes agitações políticas, ela subverteu o espaço vazio reservado às mulheres, transpassou os estereótipos e foi além.

No entanto, minha inquietação em escrever sobre Laura não foi somente por aquilo que ela tinha de excepcional na sua experiência de comunista. Busquei também a possibilidade de, através de sua trajetória pessoal, entender um pouco a história do tempo em que viveu, penetrar no dia a dia, buscar o que significou ser mulher, literata e militante, e perceber quais os mecanismos que a levaram romper com os padrões que normatizavam o comportamento das mulheres no período. A historiografia tem discutido nas últimas décadas a necessidade de uma revisão nos métodos, até então usados, que sempre privilegiavam descrições ou análises que dessem conta da totalidade social, estruturadas para pensar sujeitos universais e enfatizar práticas coletivas marcadamente masculinas. A historiografia marxista, assim como a da escola francesa dos *Annales* - no primeiro e segundo momentos -, desprezava as ações cotidianas dos indivíduos por acreditar que estas não influíam nas mudanças estruturais da sociedade. Neste contexto, surgiu o interesse pela narrativa, pela micro história, pela biografia, redimensionando o peso político das ações individuais antes vistas como "subalternas"

da cultura, dos valores simbólicos, do poder.¹¹ Autores consagrados associados aos *Annales* como Georges Duby e Le Roy Ladurie, por exemplo, passaram a valorizar acontecimentos particulares e dedicaram livros inteiros ao assunto.¹²

Um exemplo bem conhecido entre nós de como a micro-história pode ser um caminho fértil para a reflexão histórica, é a história de Martin Guerre¹³, escrita por Natalie Zemon Davis. Um filho pródigo do século dezesseis que retornou a sua casa, no Sul da França, para descobrir que seu lugar na fazenda - e também na cama de sua esposa Bertrande - havia sido tomado por um intruso que afirmava ser ele próprio. Davis, a partir da história destes três camponeses, reconstrói a história rural da França no século dezesseis. Lança-nos luz sobre as esperanças e sentimentos dos camponeses e as formas como vivenciaram as relações entre marido e mulher, pai e filho. Descreve o protestantismo rural e as contradições do juiz e, principalmente, como aquela gente

¹¹ Para acompanhar este debate ver: BURKE, Peter. "A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa" in *A Escrita da História*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992; WHITE, H. "A questão da narrativa na teoria contemporânea da história" in *Revista de História* no. 2, 1.991; HOBSBAWN, Eric J. "O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários."; STONE, Lawrence. "O ressurgimento da narrativa reflexões sobre uma nova velha história."; LEVI, Giovanni. "Les usages de la biographie" in *ANNALES E.S.C.*, novembre-décembre 1989, no. 6; LE GOFF, Jacques. "Comment écrire une biographie aujourd'hui?" in *LE DÉBAT* no. 54, mars-avril 1989.; GINSBURG, Carlo. *A Micro História e Outros Ensaios*, São Paulo: Difel, 1991. Sobre a questão do poder ver: FOUCAULT, Michael. *A Micro Física do Poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.

¹² BURKE, Peter. op. cit. pg. 329. DUBY. *The Legend of Bouvines*, Cambridge: 1990; LAUDURIE. *Carnival*. Londres, 1980.

¹³ DAVIS, Natalie Z. *O Retorno de Martin Guerre*. São Paulo: Paz e Terra, 1987

vivenciou as restrições e as possibilidades que a vida lhes oferecia. Davis, em sua história, não só trabalhou o contexto como o utilizou na própria constituição da narrativa. Quando não conseguiu reunir fontes necessárias para construir sua história, lançou mão do contexto para completar as lacunas da documentação. Quando não pôde saber, por exemplo, as atividades desenvolvidas por Bertrande, recorreu ao estilo de vida das mulheres no local e no período estudado para supor que sua protagonista tivesse comportamento semelhante. Neste sentido, o geral é que informou o particular. Pensando ainda na história de vida, é bom reportarmos a Carlo Ginzburg, em O Queijo e os Vermes¹⁴, que mostra como o moleiro Menocchio constrói sua cosmologia misturando o saber oral camponês, permeado de religiosidade e heresia, com leituras de uma elite intelectual que a ele originalmente não se destinariam, leituras que ele absorve, transforma e com as quais desafia o saber inquisitorial que se abisma com sua singularidade. Com Menocchio, Ginzburg buscou a ênfase no indivíduo. Este indivíduo, porém, traduz o coletivo e se move dentro da "jaula flexível e invisível de sua cultura"¹⁵

Parte da historiografia brasileira ocupou-se em estudar a história do Partido Comunista Brasileiro. No entanto, pouco sabemos sobre a atuação que as mulheres tiveram junto a ele. Esta dissertação não tem a pretensão de revelar dados novos em relação à história do PCB, pois dela já ocuparam-se vários historiadores. O objetivo

¹⁴ GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes : O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo : Cia das Letras , 1987

¹⁵ Idem. pg. 27

pretendido é , ao acompanhar a trajetória de Laura, revelar que a invisibilidade em que as mulheres foram colocadas é o resultado das relações de gênero que definiam a predominância masculina na estrutura partidária; quero também com isso mostrar que as análises genéricas dificilmente dão conta da vida concreta das pessoas ou de um grupo minoritário. Foi neste duplo sentido que a história de Laura despertou-me interesse. Suas experiências individuais traziam elementos reveladores das relações que homens e mulheres travavam na disputa pelo poder nos bastidores do Partido. Não é difícil imaginar o quanto Laura deveria incomodar os dirigentes masculinos, pois ela soube fazer-se visível, embora a lógica que regia o Partido impedisse que ela tivesse uma atuação de destaque.

Na tentativa de reconstruir sua história, mergulhei nos rastros que dela restaram. Assim, através de suas cartas pessoais, caderno de recordações, poesias, artigos registrados na imprensa a respeito de sua vida, fotografias, aos poucos foram juntando-se as peças e, como um quebra-cabeça, a história tomava forma. Cada carta decifrada, muitas vezes com uma caligrafia complicada, o papel amarelado por quase um século de existência guardava um "segredo" que agora , desvendado, revelava novos sentidos. Entretanto, esses documentos, cuidadosamente guardados por tantos anos, traziam consigo um significado especial. Afinal, é normal que se queira guardar a melhor imagem, aquilo que julgamos ser o lado mais positivo das pessoas que nos são caras. Estes papéis guardavam consigo um lado da história e mostravam-me seus limites. O dia

a dia das pessoas nem sempre é valorizado e os registros neste sentido são quase que inexistentes. As técnicas da história oral vieram ajudar a esclarecer, ou ainda revelar, aquilo que os documentos escritos não elucidavam. Nem foi preciso uma seleção prévia dos entrevistados, ao contrário, procurei todas as pessoas que ainda estavam vivas e que de alguma maneira mantiveram contato com Laura. Na busca de escutar outras vozes, foram gravados depoimentos com todas as pessoas localizadas.

O relato oral é uma oportunidade de reflexão para aquele que se dispõe a falar e para aquele que, apesar de estar na posição de "ouvir", é constitutivo deste momento mágico. As lembranças vão surgindo num exercício de décadas por meio do qual transita a memória e o passado é reelaborado como um fio que tece um novo cenário, do qual, muitas vezes, ele próprio não havia se dado conta. O cotidiano, que à primeira vista não possuía relevância, adquire uma nova forma, uma nova cor. Como escreveu Ecléa Bosi: "... a memória assume uma função decisiva, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também desloca estas últimas ocupando o espaço da consciência [...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstituir, repensar com imagens e idéias de hoje experiências do passado".¹⁶

Vólia, Dionysa e Valná, filhas de Laura, num exercício doloroso de memória, garimpam em suas lembranças imagens permeadas pela guerra, o exílio e a

¹⁶ BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. - São Paulo : T.A. Queiros Ltda, 1979, pg. 17

segregação da família. A narrativa destes fatos veio à tona misturado de muita emoção. Em meio às recordações que ficaram e outras varridas pela guerra, o choro acaba sendo a revelação da dor sentida há décadas. Provavelmente, não tiveram oportunidade de chorar quando se separaram da família, pois naquele momento que estavam vivendo não havia tempo nem espaço para nenhum sentimento. Por sua vez - e em grande parte por causa justamente deste registro emotivo -, a memória é seletiva, falível e fantasiosa. Entretanto, a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas ou visuais : nenhuma dispensa o filtro do historiador. O importante é saber porque o entrevistado foi seletivo ou omissor, já que esta seletividade certamente tem um significado.

A dissertação se divide em quatro capítulos. No primeiro, descrevo o cenário em que Laura nasceu e viveu os primeiros anos de sua infância , migrando com os pais de uma cidade para outra; o Rio de Janeiro, sua vida literária enquanto poeta, a publicação de seus livros de poemas, o ambiente artístico que frequentou no final dos anos dez e anos vinte, sua relação com poetas e escritores, sua visibilidade e prestígio nos salões literários da Capital da República.

No segundo capítulo, conhecemos Laura já mulher se relacionando com o mundo do trabalho enquanto professora e vivendo as contradições impostas pelas normas de comportamento no período. O padrão que normatizava as regras que a mulher

"honesta " deveria seguir não condizia com a realidade das mulheres que precisavam trabalhar: elas tinham que ir às ruas sozinhas e em horários não permitidos exercitando uma independência indesejável para os padrões das mulheres de elite. Laura, por sua vez, experimentava no dia a dia esta contradição. Frequentava salões sofisticados, vivenciava padrões de mulheres da elite - onde a mulher ficava em casa e circulava em espaços delimitados e legitimados pelos códigos da moral vigente -, mas durante o dia saía às ruas sozinha para ir ao trabalho e garantir, junto com a mãe, que havia se separado do marido, o sustento da família. Na segunda parte deste capítulo, Laura conhece Octávio Brandão. Surge a partir daí seu envolvimento com movimentos sociais e a política. No entanto, sua carreira de poeta foi praticamente encerrada neste momento.

No terceiro capítulo, Laura troca os salões literários pelas ruas , comícios, greves, reuniões sindicais e a redação do jornal *A Classe Operária*. Começa sua militância política junto ao PCB. Com ela, as prisões, a polícia na porta de sua casa acompanhando os passos de Brandão, a vida de privações a que foi submetida pelas circunstâncias da conjuntura política que o país viveu. Agora, a poeta vê o mundo com outro olhar e muda o tom de suas poesias. Neste período, conhece a literatura marxista e sua militância feminista se dá junto ao Comitê de Mulheres Trabalhadoras, ligado ao BOC, do qual ela foi uma das fundadoras. Vivencia a difícil relação de gêneros no interior do Partido e as dificuldades em conciliar suas atividades de mãe, mulher e militante.

Por fim, no quarto e último capítulo, o exílio imposto à família leva Laura à sonhada URSS, a terra do socialismo, o paraíso idealizado pelos comunistas. Os dez anos vividos em Moscou foram mais que suficientes para que ela experimentasse as dificuldades enfrentadas num país que se organizava em torno de uma perspectiva socialista na qual Laura via também as possibilidades de uma nova vida. Seu trabalho durante quatro anos enquanto redatora e locutora na Rádio de Moscou e as condições de trabalho que o país oferecia às mulheres devolveram a ela a possibilidade de viver sem abdicar ou hierarquizar as coisas que lhe eram importantes. No entanto, viveu uma grande contradição: se, de um lado, ela reconhecia em Stalin um grande líder que foi capaz de enfrentar Hitler, em contrapartida não suportava presenciar o terror causado por ele com a perseguição, prisão e fuzilamento de tantos companheiros. Na segunda parte deste capítulo, Laura viveu a guerra, a segregação da família, adoeceu e morreu sozinha em um hospital.

Longe de querer retratar a totalidade da trajetória de Laura, este trabalho é uma versão minha, diferente daquela de Octávio Brandão ou das filhas, resultado das leituras em tantos papéis amarelados pelo tempo e de tantas histórias contadas pelos seus descendentes. É uma tentativa de contribuir no sentido de que a história de Laura possa mostrar que a invisibilidade das mulheres militantes é visível na história operária escrita por homens.

Ao contrário de Astrojildo, não creio que o silêncio a que Laura foi condenada seja a melhor forma de "respeitar sua memória".

CAPÍTULO I
NASCE A POETA

1. Nova no Mundo

**"a gente jamais imagina
a vida
por trás da página"**

Alice Ruiz

Parece invenção. Na verdade é uma "reivenção" da história que remexe o final do século dezenove e cujo início remete ao interior do nordeste, mais precisamente num lugarejo de Alagoas, o Engenho do Hortelã. Na sede do engenho, numa casa branca, pintada a cal, com varanda e pilares, morava Jacinta. Na varanda, sob a brisa que balançava as palmeiras e o sol refletido na cristalina Lagoa Manguaba, iluminando os olhos com luzes de cores variadas, Jacinta conversa com o primo Domingos, que estava de visita, vindo do Recife.

Poderia ser um dia qualquer daquela primavera ensolarada, mas acabou sendo um dia muito especial. O rapaz, maroto e perspicaz, pega de surpresa a prima desavisada e inventa a seguinte história: numa tarde de domingo, querendo bisbilhotar a conversa de seus respectivos pais, metera-se debaixo da mesa e, para sua surpresa, descobrira que o assunto nada mais era que o casamento dos dois primos. A prima, que na verdade gostou da idéia, simula que cai na lábia do primo. Não era tão desavisada assim. Ele, bom de papo e de imaginação fértil, propõe a ela um casamento "fugido"

pois assim ganhariam tempo. Ela, sem muito pestanejar, aceita a proposta e foge com ele. Casal fugido é fato consumado. Nada mais a fazer a não ser preparar o enlace. E, ainda na primavera, em novembro de 1890, casam-se na cidade de Maceió, nas Alagoas.

Assim teria começado, segundo a memória consagrada por seus descendentes, a história de Domingos Leopoldino da Fonseca e Silva e Jacinta Cavalcanti.¹⁷ Jacinta é retratada como uma mulher mansa e trabalhadeira, assim como quase todas as mulheres suas contemporâneas. Domingos era professor. Segundo Octávio Brandão, lia Dante, Petrarca, Shakespeare e foi um propagandista da obra de Camões e de Castro Alves. Tiveram três filhos: Laura, Tercina e o menino Bel.¹⁸ Ainda segundo Brandão, Domingos tinha idéias “progressistas”. Fora abolicionista e militante do movimento republicano, o que nos leva a concluir que era uma pessoa integrada ao contexto político da cidade, pois Pernambuco tivera tradições liberais muito antes de 1870 e era, de todas as províncias do norte e nordeste, a mais progressista em vida intelectual e onde o movimento republicano era mais forte. Contudo, as atividades republicanas não atingiram ali a altura a que chegou em Minas Gerais ou São Paulo. Como aconteceu em outras províncias, o movimento centralizou-se em torno de algumas figuras dirigentes, como José Maria de Albuquerque Melo, o primeiro chefe, José Isidro Martins Junior, que estabeleceu com êxito o Partido, e Aníbal Falcão, o adepto de Silva Jardim, que teve acesso rápido à direção até tornar-se rival de Martins Junior. Diferentemente da maioria dos líderes de São Paulo, políticos práticos, os republicanos de Recife estavam mais interessados pela teoria do que pela prática, porém, a natureza do

17 Conforme depoimento gravado com Valná Brandão [filha de Laura] em 17 de junho de 1994 no Rio de Janeiro.

18 A Imagem de Laura Brandão. Fundo Octávio Brandão, Arquivo Edgard Leuenrouth - IFCH-UNICAMP, pasta 120

movimento republicano de Pernambuco não diferia em geral do resto do movimento republicano no Brasil.¹⁹

Neste contexto pernambucano, embora progressista, Domingos talvez se sentisse um pouco limitado naquilo que desejava realizar. Atirado e de espírito aventureiro²⁰, tinha muitos sonhos. Os últimos dias do Império anunciavam profundas transformações na sociedade brasileira. A lavoura cafeeira expandia-se, o país remodelava-se com uma significativa urbanização e o crescimento industrial - redes telegráficas, instalações portuárias, ferrovias, etc. O fim do regime escravocrata e a perspectiva de modernização do país, empolgavam as elites intelectuais pelo Brasil afora. Domingos compartilhava da idéia de que os problemas do país poderiam ser minimizados com a extensão da escola elementar ao povo.²¹ Inspirado no movimento desenvolvido por intelectuais do país, denominado "entusiasmo pela educação", pensava em poder contribuir para resolver os problemas que o país enfrentava, erradicando o analfabetismo.

* * *

¹⁹ BOEHRER, George. Da Monarquia à República : história do partido republicano do Brasil (1870-1889) trad. Berenice Xavier - Ministério da Educação e Cultura, s/d. pags. 156 a 163.

²⁰ segundo suas netas Dionysa e Valná Brandão

²¹ A reorganização da sociedade, devido ao advento da República, assim como a urbanização do país, foram fatores decisivos para a criação de novas necessidades para a população, o que possibilitou que a educação aparecesse como meta almejada pelas famílias que viam nas carreiras burocráticas e intelectuais um caminho mais promissor para seus filhos. GHIRALDELLI, Paulo Jr. História da Educação. São Paulo: Cortez, 1990, pg. 16. Para acompanhar este debate ver também : CARVALHO, Marta M. Chagas de. A Escola e a República. " Coleção Tudo é História", São Paulo : Brasiliense, 1989.

Longe dali, em plena corte, as coisas pareciam caminhar ainda mais rápido. Efetivamente, uma nova paisagem descortinava-se no Rio de Janeiro no final do século XIX. Apesar da miséria trazida pelo progresso, cores, luxo e sensações novas se mesclavam. A expansão econômica surgia como apologia de uma nova vida. A Capital Federal se modernizava, os tempos marcados pelo sistema escravista iam ficando para trás e o trabalho livre surgia como um lado da modernização. Buscando o progresso, a cidade descobria uma nova maneira de ser, reproduzindo os padrões europeus com o combate aos usos e costumes tradicionais e na construção de uma nova cidade higienizada, com largas avenidas, teatros, cafés, cinemas e confeitarias. A vida noturna surgia para ficar.²²

A rua do Ouvidor - a rua que tinha "ouvidos", " ... tomando parte em tudo ... que começou por se chamar desvio do Mar ... por ela continua a passar para todos os desvios muita gente boa ... Um dia resolveu chamar-se do Ouvidor ... porque era preciso denominar o lugar em que todos falam do que ouve ... " ²³ -, com suas lojas e cafés elegantes, onde homens e mulheres desfilavam seus figurinos refinados e exercitavam seus conhecimentos da língua francesa, dando um novo tom cultural, explicitava o que seria este progresso. O cronista Luís Edmundo nos dá uma descrição do que representa, no final do século XIX, a rua do Ouvidor: " A artéria principal da cidade, a mais elegante, a mais limpa, a de aspecto menos colonial, ainda é a rua do Ouvidor . Aí estão as lojas de mais requintado luxo e aparato, de melhor clientela e consideração. Nelas vêem-se caixeiros e patrões dentro de uniformes de linho branco, muito limpos, bem barbeados, afetando maneiras, mostrando sorrisos e falando francês.²⁴

²² MENEZES, Lená Medeiros. Os Estrangeiros e o Comércio do Prazer nas Ruas do Rio de Janeiro (1890-1930) - Rio de Janeiro: Arquivo nacional, 1992 - pg.21 - passim -

²³ RIO, João. A Alma Encantadora das Ruas. Rio de Janeiro: "Organização Simões", 1952, pg. 15.

²⁴ EDMUNDO, Luís. O Rio de Janeiro do Meu Tempo, 2a.ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, v.1 pg. 65

A idéia do progresso e as possibilidades que a capital federal oferecia fizeram com que Domingos se mudasse com a mulher já grávida para o Rio de Janeiro alguns meses depois do casamento. A origem aristocrática da família do casal nordestino provavelmente lhes desse contatos na capital que pudessem facilitar suas vidas. De qualquer forma, passaram a morar na casa de dona Matilde Veiga, sogra do poeta Luís Murat, na Rua Silveira Martins, no.12, entre os bairros do Catete e do Flamengo, e certamente, fizeram parte de seu círculo de relações.

Luís Murat, poeta aclamado do fim do século dezenove, não difere muito dos padrões literários de seu tempo ao hiper-valorizar os "homens de letras" e seu papel de vanguarda "civilizatória" e elite intelectual. Ao iniciar a *Vida Moderna*, o poeta fez discurso na Maison Rouge, o "cenáculo da boêmia", onde "[...] declarou solenemente, como um augure que, dentro em pouco, o Brasil analfabeto e ignaro, seria um país de grandes luzes porque as líras, vibradas como a de Orfeu na Thracia agreste, haviam de agitar as almas, conclamando-as para a vida intelectual [...] - Meus amigos, temos a ignorância que é um pouco pior. Começemos a campanha, tenhamos a audácia de Orfeu, que o ideal seja a nossa Eurídice. O artista é um iniciado, deve ter a coragem da sua crença [...] Nós somos os precursores - alheemos o caminho para os que vêm [...] que diabos, pois então esse povo há de viver eternamente chafurdado na ignorância? [...]"²⁵ Entretanto, coloca-se contra a popularização da literatura ao afirmar que "um poeta não deve descer à multidão, a multidão é que deve subir ao Parnaso para ouvi-lo".²⁶ Embora Domingos e Jacinta fizessem parte deste mundo socialmente privilegiado, tudo que tinham era um quarto para morar e um filho que

²⁵ NETO, Coelho. *A Conquista*. Lisboa, Paris: livraria Chardrin de Léo & irmão, Ltda - Editores, 1921, pgs. 308-309.

²⁶ Idem pg. 268

muito em breve nasceria. Chegando à cidade, o jovem casal, ele com 23 anos e ela com 18, logo percebe que a vida não seria fácil.

Talvez não fosse apenas uma questão de "pobreza". O problema da moradia era sério no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. O acelerado crescimento da população agravava mais ainda o problema na cidade. O Brasil vivia o primeiro ano da república. O Rio, capital e centro financeiro, vivia a efervescência do momento político que o país atravessava. Os reflexos eram imediatos. Com base nas idéias de progresso e disciplina, a república pôs em prática um projeto político disposto a redefinir a ordem social. A intensa imigração agravou os problemas sociais e econômicos já existentes na capital. Em 1890, mais de 100 mil pessoas não tinham ocupações definidas e sustentavam-se prestando serviços irregulares ou viviam na fronteira da ilegalidade, como ocorria com as prostitutas, malandros, ladrões, desertores, ciganos. A estes somar-se-ia um contingente de trabalhadores regulares, porém, mal remunerados. O crescimento populacional acelerado causava um impacto negativo sobre as condições de vida da maioria da população que vivia mergulhada na pobreza ou na miséria. Apesar da expansão econômica impulsionada pela República, os problemas emergiam principalmente pela falta de trabalho e por questões ligadas ao problema da habitação, motivo dos principais focos de tensão e conflitos cotidianos.²⁷

Apesar dos reversos políticos, econômicos e sociais que o Brasil vivia, a vida fluía. Se este avesso da política social e econômica não podia ser controlado, existia

²⁷ CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados : O Rio de Janeiro e a República que não foi, SP: Cia das Letras, 1987, pgs. 15/41 e 42/65 ; CHALHOUB, Sidney. Trabalho Bar e Botequim : Vida Cotidiana e Controle Social da Classe Trabalhadora no Rio de Janeiro da Belle Epoque, São Paulo: Brasiliense, 1986, principalmente 1o. capítulo.

uma outra história construída pelos sonhos de vida nova, de idealismo, de noites e de dias vividos pelo jovem casal. Assim, em meio a decepções e sonhos, nasce a menina LAURA, em 28 de Agosto de 1891. Seu nome foi escolhido pela menina Cordélia, filha do poeta Luís Murat, que na época tinha quatro anos de idade. Agora o pequeno quarto cedido por dona Matilde tinha ficado ainda menor. O tempo foi passando e Domingos não conseguia concretizar seu projeto de educador. Quatro anos se passaram desde a chegada à Capital e Domingos, a essa altura, já havia entendido que a vida não seria nada fácil. Porém, ele não queria deixar de lado seu sonho de professor. Partiram então para São Paulo, onde Domingos formou-se na Escola Normal.

Começou neste momento uma vida itinerante ²⁸. A família percorreu grande parte do Brasil. Domingos chegava numa cidade e, depois de mobilizar pessoas influentes - o que, segundo Jacinta, ele fazia sem muitos problemas -, abria uma escola. Em pouco tempo, o grande número de alunos matriculados viabilizava seu funcionamento. Jacinta, boa cozinheira e costureira, bordava com mãos de fada. Ia logo conhecendo a vizinhança e fazendo boas amizades. Mas Domingos, convicto de seu papel de professor e intelectual progressista, tinha o pavio curto. Não abria mão de suas idéias e logo arrumava encrenca com as autoridades da cidade. A passagem pela Escola Normal deu a ele a convicção da Pedagogia Nova, que adotava os chamados "processos intuitivos" importados da Alemanha, Suíça e Estados Unidos, ligada às classes médias formadas por jornalistas, intelectuais, educadores, políticos, e que propunha a superação do atraso através de um

²⁸ As informações a respeito das várias mudanças de cidade que a família fez foram extraídas das cartas que Jacinta escreveu no Rio de Janeiro, para as netas que estavam em Moscou, após a morte de Laura, datadas de 7 e 15 de setembro de 1942. Fundo Octávio... - parte 2 - não catalogado - . Parte do acervo de Octávio e Laura Brandão que estava com a família em Moscou chegou ao Arquivo Edgard Leuenrouth em agosto de 1995.

projeto pedagógico que elevasse o nível de instrução dos brasileiros e formasse uma elite bem pensante, calcada no saber científico.

Ao mesmo tempo, a Pedagogia Libertária, ligada aos anarquistas, defendia a perspectiva de formação de um novo homem e uma nova sociedade, sem divisão de classes, sem hierarquia burocratizada, sem centralização do poder, divergindo da Pedagogia Nova que defendia a democracia fundada nos princípios básicos do liberalismo ocidental. Aos mais privilegiados, a Pedagogia Nova proporcionava uma formação mais geral e científica tendo em vista o reforço intelectual de uma elite projetada para a direção dos destino da Nação; enquanto que, para as grandes parcelas da população, destinava uma educação direcionada para o trabalho assalariado, através de uma formação profissionalizante e disciplinadora.²⁹ No entanto, mesmo condenada pelos anarquistas, a Pedagogia Nova contrapunha-se à Pedagogia Tradicional - praticada sobretudo pela Igreja Católica -, o que nos leva a concluir que, muito provavelmente, as divergências de Domingos com as autoridades das cidades por onde passava estivessem ligadas a essa tensão.

Em São Paulo, Domingos compreendeu logo que teria que procurar as pequenas cidades. Era o ano de 1897. Mudaram-se para Franca, cidade do interior deste Estado. Nesse município abriu um internato para meninos. Era um casarão distante da cidade, num lugar bonito e com muitas árvores. Segundo Jacinta, o colégio contava com professores italianos e brasileiros e, em pouco tempo, muitos alunos estavam

²⁹ REIS, Maria C. Delagado. Tessitura de Destinos : Mulher e Educação [São Paulo 10/20/30] Dissertação de Mestrado, PUC-São Paulo, 1991, pgs 58 a 61 - passim - Sobre os conflitos pedagógicos [pedagogia tradicional, pedagogia nova e pedagogia libertária] ver GHIRALDELLI, op. cit., -pgs. 19 a 26

matriculados e podia até mesmo dizer que o colégio era um sucesso. Laura não era matriculada e, embora a escola fosse só para meninos, assistia às aulas sentada na primeira carteira. Em casa exercitava sua vocação de professora explicando o que aprendia aos dois meninos que prestavam serviços na casa em troca da bolsa de estudos que recebiam do colégio. Ali permaneceram por três anos, quando Domingos decidiu que deveriam partir para o Sul do país.

Os valores vigentes em relação à família davam a Domingos a supremacia de poder na esfera familiar. Cabia a ele a decisão de partir ou ficar em determinado lugar. Não sabemos ao certo qual foi a encrenca que ele arrumou em Franca.. Desta vez, o Estado do Rio Grande do Sul foi escolhido e muitas cidades foram percorridas: Santa Maria, Cruz Alta, Uruguaiana, Alegrete e Pelotas. Em Uruguaiana, cidade no extremo sul do país, Domingos abriu uma escola mista. Ao que parece, neste momento, ele estava bem mais próximo da Pedagogia Libertária e, portanto, mais distante ainda da Pedagogia Tradicional. Suas desavenças em São Paulo, podem ser entendidas por este prisma. Era o ano de 1900. No início do século, raramente as escolas recebiam permissão para funcionar em regime de co-educação dos sexos. Segundo Fernando de Azevedo, no final do século dezenove a constituição determinava a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos e "escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas". No entanto, o governo mostrou-se incapaz de organizar a educação popular no país; poucas escolas foram criadas, sobretudo as de meninas que, em todo território nacional, não passavam de vinte³⁰.

³⁰ AZEVEDO, Fernando. *A Cultura Brasileira*. 2a. ed., Cia Editora Nacional, 1944, pg. 328

As escolas Modernas, organizadas pelos libertários a partir de 1907, em São Paulo e no Rio de Janeiro, firmaram-se em 1910, e defendiam as relações de cooperação, confiança e respeito mútuo. Estas escolas podiam ser frequentadas por alunos de idades diferentes, de meios sociais diversos e de ambos os sexos. Visavam criar um "novo homem", como afirma João Pentead, militante libertário e professor, na revista *Vida*: As escolas racionalistas serão o nosso meio, e a transformação social, o fim. As escolas racionalistas, as escolas livres, as escolas despidas de todos os prejuízos políticos, sociais e religiosos [...] eis o recurso mais eficaz, mais poderoso, mais praticamente realizável para consecução do ideal luminoso [...] na perspectiva feliz e iluminada na cidade futura, em que seremos todos iguais, fortes e livres sobre a terra livre ³¹. O ensino racional propunha, então, o desenvolvimento de cada pessoa, independente de sexo, se contrapondo aos valores "burgo-clericais" como a obediência, a subordinação e a docilidade, a partir da apropriação do saber que os transformariam em libertários.

Neste sentido, a proposta de educação libertária se destaca em relação à mulher, como aparece no periódico a *Lanterna*: A menina livra-se do erro, aprende a verdade e fica em condições de desempenhar funções sociais importantíssimas, não inferiores às do homem [...] que a humanidade masculina e feminina se entrelacem desde a infância, chegando a ser mulher, não apenas verbalmente mas na realidade, verdadeiramente a companheira do homem. ³² A noção de erro referia-se aos dogmas e às explicações metafísicas enquanto que a verdade devia ser entendida como o saber das ciências naturais. Por fim, a educação mista nas escolas só foi oficializada no Brasil nos anos vinte. Em Uruguaiana, na escola mista, as filhas de Domingos começaram a frequentar a escola oficialmente, embora Laura já soubesse ler e

³¹ Revista *Vida*: Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1914

³² A *Lanterna*: São Paulo, 13 de outubro de 1911 . .

escrever desde os quatro anos de idade. Aprendeu ouvindo as aulas nas escolas que o pai abria. Na verdade, sua alfabetização foi informal.

A hospitalidade das pessoas da cidade de Uruguaiana facilitou para que a família, em pouco tempo, fosse bastante conhecida. Os convites para os acontecimentos sociais não tardaram a chegar. Aos domingos, iam às festas onde as meninas exibiam seus vestidos lindamente bordados pelas "mãos de fada" da Jacintinha - era assim que todos a chamavam. Os registros mostram que tanto as meninas quanto o colégio e as aulas de gramática de Domingos mereceram notícias na imprensa local :

".. recitaram versos as interessantes meninas Tercina e Laura, filhas do Dr. Domingos Leopoldino, sendo que a última, ao recitar uma poesia francesa escrita no Rio em 1871, fez-o com tal graça, tanta clareza, ao traduzi-la em vernáculo, que levantou uma verdadeira tempestade de aplausos. ³³

"Inaugurou-se em 16 do vigente o estabelecimento de educação e ensino que sob a denominação de Gynnasio Uruguayana e Escola integral - aqui fundaram o nosso patrício, Dr. Domingos Leopoldino da Fonseca e Silva ex-aluno da Escola Normal de São Paulo e sua Exma. esposa. Quem escreve estas linhas assistio à uma lição de gramática, dada na escola integral, pelo referido Dr. Leopoldino, sahindo maravilhado pela forma atrahente e singella, porém intelligente e sagaz que o referido educacionista emprega o método intuitivo, o mais racional de todos até aqui conhecidos. ³⁴

³³ O Caxeiro: Uruguaiana-RS, 14 de julho de 1900

³⁴ Idem . 20 de abril de 1900

Apesar da hospitalidade dos gaúchos e do aparente sucesso do colégio de Domingos, nem tudo corria bem. O inverno rigoroso do sul do país deixava a família com saudades do calor e do sol do nordeste, a terra natal do casal. Voltaram para Maceió e as crianças foram conhecer os avós, no Engenho do Hortelã. A mesma casa, a mesma varanda e agora a história "inventada" era uma realidade vivida com aventuras, alegrias e tristezas, mas, certamente, com muitas outras histórias para serem contadas que precisariam de muitos dias naquela varanda. Jacintinha já não era mais desavisada: ao contrário, sabia muito bem imaginar como seria a vida dali para frente.

O tempo ia passando e Domingos, como já sabemos, era atirado e de espírito aventureiro. Tentou abrir uma escola em Maceió, mas não deu certo. Depois de conhecer parte do sudeste e do sul, o norte do país despontava como uma possibilidade. Partem então para Belém, no Pará. A cidade, ainda muito nova, com menos de duas décadas de existência, poderia oferecer boas condições para seu projeto de educador. Tudo era novo outra vez. As ervas e as essências perfumavam os negros cabelos das índias e mestiças que desfilavam pelas ruas. Os seringueiros sempre tinham muitas histórias para contar. A proximidade geográfica com a região Amazonas aumentava a imaginação das pessoas. Não faltavam os "causos" sobre fantasmas, sereias e tesouros. Não há como negar que Domingos era um grande empreendedor. Chegava, mobilizava a cidade e abria sua escola, mesmo que fosse por pouco tempo. Segundo Jacintinha, o que atrapalhava era o jeito desprendido com que o marido encarava a vida. As suas atitudes custavam-lhe grande constrangimento perante à família que o via como irresponsável e aventureiro, e não poupavam severas críticas em relação ao seu modo de vida.

Foi ainda com este espírito de aventura que voltaram do Pará para Minas Gerais. Depois de muitos dias e uma viagem penosa, ora de trem, ora em carro de boi, na procura de uma cidade em que fosse possível abrir uma escola, se instalaram na cidade de Conceição da Boa Vista, no sul de Minas Gerais. Domingos, com seus "causos", acabou ganhando a simpatia dos moradores. O padre cedeu-lhes a própria casa para que ficassem hospedados. O que aliás foi uma sorte, pois Jacintinha estava doente por causa da reação causada pela vacina que havia tomado contra a peste bubônica. Era uma cidade sem recursos, poucas casas, uma pequena farmácia e um Largo com uma Igreja. Neste Largo havia apenas uma torneira com água para toda a população. As crianças aprenderam a apanhar galhos secos nos pequenos matagais dos arredores para acender o fogão. Socar o arroz no pilão para tirar a casca era uma das tarefas prediletas da pequena Laura. Desta maneira, a menina vai sendo educada para, assim como Jacinta, bordar, costurar, cuidar da casa, casar-se, ter filhos e exercer com distinção a carreira doméstica. No entanto, as atividades do pai despertavam-lhe um certo fascínio e, desde cedo, parecia espelhar-se nele. Com quatro anos de idade já sabia escrever e aos dez, compunha jornaizinhos. Neles escrevia cartas, contos e ilustrava-os com desenhos a tinta nankin, distribuindo-os entre os membros da família e os amigos.³⁵

Em um diário de sua adolescência, aberto com uma bem humorada epígrafe - "Contos e não contas que tanto aborrecem as crianças e além de tudo não lhes dão o mínimo proveito" - Laura revelou suas expectativas em relação à sua futura vida de poeta, simulando em seu diário um prefácio escrito por Olavo Bilac:

³⁵ A Imagem de Laura ... pg. 11

"Tercina e Bell,

Desculpem eu oferecer-vos coisa tão sem valor. Vocês mesmo é que muito me pedem. Bell quando receberdes o teu exemplarzinho não decore nenhum dos versos, apenas passe ligeiramente os olhos: ligeiramente porque se fores ler atentamente, ajudado pela tua muita vivacidade descobrirás milhões de erros, e tu Tercina, com esta carinha muito meiga, não vá ler-los para alguém ouvir, pois assim, eu ficarei desacreditada pela alta sociedade a que pertença. Queiram pois desculpar a oferta, assim eu desculparei as travessuras de ambos."

Laura - Adelaide

"Prefácio desmentindo o que está atrás.

Tenho a grande honra de apresentar ao público literário esta poeta, que não deve ficar esquecida entre as do Novo Mundo; ela é do Novo Mundo e também nova no mundo. É por esta razão que "Musa Coxa" é um livro instrutivo, fácil de compreender e sobretudo muito inocente. Este livro, como o nome mostra, não tem aquelas charadas de Camões nem choradeiras como todas em geral tem; não é de choradeiras porque não foi feito ... ou melhor dizer, não foi inspirado por questões amorosas, como em geral o são, razão pela qual tornam-se detestáveis ! Quem inspirou esta poeta foram os entes mais sagrados : a virtuosa mãe, o laborioso pai e os travessos irmãozinhos a quem por modéstia dedicou este primoroso livro que deve ser lido por toda a família honrada, pois ele é superior à Bíblia !"

Olavo Bilac, 1907

[Para o poeta não há nada mais feio que a Bíblia] ³⁶

³⁶ Fundo Octávio Brandão... pasta "poemas " [material recebido após a finalização da organização do fundo e por esta razão a pasta não tem número]

Dois meses se passaram. Já descansados e com Jacintinha recuperada voltaram para São Paulo e foram morar na Paulicéia. Domingos abriu mais um Colégio que contava também com uma classe do Jardim da Infância. Segundo Jacintinha, Laura, em São Paulo, assistia as aulas do Jardim da Infância do Estado de São Paulo, dirigido por americanos, e em pouco tempo aprendeu tudo. Aos 14 anos, começou a lecionar e respondia pela classe do Jardim da Infância do Colégio do pai.³⁷

No entanto, o Rio de Janeiro com suas luzes continuava atraindo Domingos. Agora os filhos já estavam crescidos e Jacintinha se sentia cansada da vida itinerante que levava desde o casamento. Por ocasião da Exposição Nacional de 1908 ³⁸, Laura visitou o Rio de Janeiro em companhia do pai. Tinha então dezessete anos. Comovida com a cidade e com os acontecimentos que presenciara, não foi difícil convencer os seus pais que havia chegado a hora de voltar. Assim, no ano seguinte, a família voltou definitivamente para a Capital Federal.

³⁷ Conforme carta manuscrita de Jacinta às netas que estavam em Moscou - Rio de Janeiro 7 de setembro de 1942.

Octávio Brandão em *A Imagem de Laura*, escreveu que ela começou a lecionar em Belém. Nesta carta Jacintinha

esclarece que não foi, inclusive porque quando por lá passaram Laura ainda era muito pequena.

³⁸ Com o objetivo de mostrar aos estrangeiros as melhorias da Capital Federal - resultantes dos trabalhos de saneamento de Oswaldo Cruz e remodelação urbana de Pereira Passos, a exposição fora instalada na Praia Vermelha, em diversos pavilhões, especialmente construídos para a ocasião. Em um dos pavilhões funcionava um

teatro, que sob a direção de Arthur de Azevedo e Coelho Neto, realizava um retrospectiva da dramaturgia nacional, de Martins Penna aos contemporâneos. apud NOSSO SÉCULO. - São Paulo : Abril Cultural, 1980 vol. 1 - 1900/1910.

O cenário agora volta a ser o Rio de Janeiro de 1909. Mudanças já haviam ocorrido desde que fora instaurada a República. Pereira Passos (1903-1906), inspirado em Haussmann, pôs abaixo a cidade velha. Uma nova paisagem urbana passou a "embelezar" o Rio, segundo os padrões de uma estética europeizante. A avenida Central, inaugurada em 1905, pretendia "arejar" a cidade. O cinema, o automóvel, o ônibus, faziam parte da paisagem, da mesma forma que o Palácio Monroe (1906), a Escola de Belas-Artes (1908), O Teatro Municipal (1909), a Biblioteca Nacional (1910), além de clubes, grandes companhias empresariais e comércio de luxo. A Capital Federal possuía agora um bulevar verdadeiramente "civilizado". Pereira Passos fez muito mais: pavimentou ruas, construiu calçadas e asfaltou estradas, abriu o túnel do Leme, iniciou a avenida Atlântica. Proibiu a venda ambulante de alimentos, os quiosques, o ato de cuspir no chão dos bondes, o comércio do leite em que as vacas eram levadas de porta em porta, a criação de porcos dentro dos limites urbanos, a perambulação de cães vadios, o descuido com a pintura das fachadas³⁹.

Entretanto, a reforma urbanística das áreas centrais da cidade, configura um período bastante violento. Junto com o discurso de modernidade e embelezamento do meio urbano, evidencia-se uma concepção higiênica e disciplinadora sobre as famílias. Tal concepção no fundo, respondia ao impulso de diferenciação social, principalmente pautada na afirmação da superioridade das camadas dominantes em relação ao enorme contingente populacional de negros e mulatos. Para dar lugar à Avenida Central e outras ruas alargadas, iluminadas e ventiladas, em apenas quatro anos milhares de pessoas

³⁹ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Epoque Tropical : Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século*. São Paulo: Cia das letras, 1993., pgs. 55 a 57 - passim-. *O Comércio*, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1904; *O Paiz*, Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1904.

tiveram que deixar suas casinhas em cortiços ou seus quartos em casas de cômodos que foram desapropriadas e demolidas por ordem da prefeitura. A estas pessoas, restavam poucas opções: pagar aluguéis exorbitantes por casinhas e por quartos nos cortiços e casas de cômodos ainda existentes, ou mudar para os subúrbios - o que era um problema, pois significava aumentar a distância a ser percorrida diariamente até o emprego e ficar sem acesso ao Bonde . Uma alternativa, finalmente, era alojar-se em um dos inúmeros morros que rodeavam o centro da cidade onde se multiplicavam as favelas.⁴⁰

Chegando no Rio de Janeiro, a família foi morar em Santa Teresa, mais precisamente à Rua Dona Cristina, esquina da Rua do Aqueduto. A casa, um sobradinho com varanda por onde subia uma trepadeira de flores azuis. Do quarto e da pequena sala avistava-se a Baía de Guanabara. Nada mais tranquilo e inspirador, mas parece que para Jacintinha e Domiguinhos a vida conjugal já não inspirava tanto assim. Aquele era um tempo em que, via de regra, as mulheres casavam-se e assim permaneciam até a viuvez. Mas, para Jacintinha, o tempo de suas vivências particulares contava mais. Como já se sabe, agora ela era uma mulher "avisada" e, apesar de Domiguinhos continuar bom de papo e de imaginação fértil, o casamento já não se sustentava mais. As verdadeiras razões nunca foram reveladas, pelo menos seus descendentes não as registraram em suas memórias. Philippe Ariès observou que é difícil para o historiador interpretar o silêncio que reina sobre os vastos domínios da vida: ora ele significa a indiferença ou a ignorância, ora o pudor e o segredo. Existiam coisas que não se diziam: o amor conjugal era uma delas.⁴¹ Talvez Jacintinha tenha se cansado do espírito aventureiro de

⁴⁰ CHALHOUB, op. cit. pg. 91 e 92 - passim - ; ESTEVES, Marta. Meninas Perdidas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, Introdução.

⁴¹ ARIÈS, Philippe. "O amor no casamento", in Sexualidades Ocidentais. São Paulo : Brasiliense, 1987, pg. 153 e 159

Dominguinhos, ou o amor tivesse acabado, incompatibilidade de gênios, ou ainda, quem sabe, outros amores...! O que se sabe é que o casal separou-se e, desta vez, foi Jacintinha que pegou Dominginhos desavisado.

E assim terminou o preâmbulo dessa história que começou com uma "mentira" bem contada naquela varanda do Engenho do Hortelã, nas Alagoas. No entanto, a história de Laura, evidentemente, mal começava. Desta maneira, uma longa viagem começa neste momento de reencontro com o Rio de Janeiro. Além de Laura, outros atores vão surgindo e novos cenários desenhados, às vezes nebulosos e até cinzentos, da poesia à violência do exílio e da guerra, na tentativa de se compreender parte da história das primeiras décadas do século XX.



Domingos da Fonseca e Silva e Jacinta Cavalcante - sem data





Esquerda para direita. Laura, Domingos, Bel, Jacinta e Tercina. sem data.



Laura no colo da mãe aos nove meses.

2. Visibilidade e Prestígio nos Salões Literários

" porque de feitos tais por mais
que diga mais me há de ficar
ainda por dizer "

Luís de Camões

De volta ao Rio de Janeiro, depois de morar naquele sobradinho, mudou-se com a mãe - então separada de Domingos - e os dois irmãos para o casa do seu tio-avô, o Conselheiro Lourenço Cavalcanti de Albuquerque. Este tio, pernambucano, bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, ocupou vários cargos na esfera pública. Foi deputado por Alagoas em várias legislaturas gerais e presidiu as províncias de Santa Catarina e de Pernambuco. Ocupou ainda a pasta dos negócios estrangeiros no gabinete de 3 de Julho de 1881 e a pasta da agricultura de 7 de Junho de 1889 até a queda da monarquia.⁴² O costume de abrigar "parentes pobres" e mulheres desprotegidas era comum naquele período, e até hoje, incorporando pessoas ligadas por laços de parentesco, trabalho e amizade. No primeiro caso, os parentes mais comumente incorporados à família eram os ascendentes. Jacintinha era sobrinha pelo lado materno do Conselheiro; desta maneira, parece natural que naquele momento difícil de sua vida , no que diz respeito à situação

⁴² Conforme BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento in Dicionário Bibliográfico Brasileiro. - 5 vol. - RJ: Imprensa Nacional, 1899, 1a. ed. e BOITEUX, Lucas Alexandre. Notas para história Catarinense. Typ. da livraria moderna s/d.

econômica e também emocional, fosse mantida a supremacia do sentimento de família.⁴³ Na casa do tio Jacintinha manteve, junto com os três filhos, o mesmo ambiente social de quando chegou ao Rio de Janeiro e, ao que parece, as relações com o círculo do poeta Luís Murat mantiveram-se. Laura escreveu, em 1910, o poema “Grande Lemma” e dedicou à dona Matilde Veiga, que foi quem recebeu seus pais quando chegaram pela primeira vez na Capital Federal:

Venerar sempre os mortos é saudade
Que pouco a pouco se transforma em prece
Perfume solitário da amizade
Que no espaço da ausência resplandece! [...]

A casa, cercada por árvores centenárias, estava situada à Rua Mauá 47, esquina da rua dos Junquilhos, em Santa Teresa. Vivia-se o ano de 1909. Laura, com dezoito anos de idade, não parecia preocupada com o que certamente mobilizava as moças de sua idade. Os padrões de comportamento do período ditavam que o ideal de toda moça deveria ser o casamento. Não casar, principalmente no caso da mulher, era tido como um insucesso. Antes fazer um mau casamento do que ficar solteirona, era o lema. Longe disso, a preocupação de Laura era outra e parecia não acreditar no casamento e na maternidade como destino. Foi o período de maior produção poética além de estudar música e piano. O ambiente que estava vivendo propiciava-lhe encontros com pessoas que aguçavam a sua sensibilidade artística. Organizava reuniões sociais e usufruía ao máximo da companhia dos artistas que frequentavam a casa do Conselheiro, como o compositor Glauco Velasquez, o poeta Hermes Fontes, o artista plástico Antônio Parreiras, o poeta e escritor Olavo Bilac, a pintora Tarsila do Amaral, a violinista Paulina

⁴³ Sobre o assunto ver SAMARA, Eni de Mesquita. *Mulheres o Poder e a Família*. São Paulo: Edt. Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

D'Ambrosio e a poeta Julia Cortines. Glauco Velasquez, frequentador assíduo da casa, buscava inspiração em Laura para compor suas peças para piano. " Laura, aparentemente irreal, [...] pairava acima de nós, arrebatada no vôo de sua poesia [...] sempre vestia-se de branco como se trouxesse sobre os ombros, uma alva túnica, vivia entre nós, qual a própria fraternidade, bela e serena, justa e profética, e dizer-nos verdades, apontando-nos, sem impor, o caminho" ⁴⁴. Ela tinha pelo compositor uma grande amizade e o confortou - moral e intelectualmente - até os seus últimos dias, quando morreu em 1914, aos trinta anos de idade.⁴⁵

Dedicou a ele seu poema "Noite de Artista", publicado em seu primeiro livro, em 1915:

Noite irmã do Silêncio, Noite amiga
Cuja luz é mais calma sem mormaço
Em que o corpo repousa da fadiga,
E a grande mente busca o grande Espaço!

Oh! Noite! é no teu seio que se abriga
Quem medita, fugindo ao mundo escasso,
depois, flores da aurora, aos frutos, liga

⁴⁴ conforme depoimento de Emilie Kamprad, Fundo Octávio ... pasta 123.

⁴⁵ "GLAUCO VELASQUEZ [...] [1884-1914] , [...] foi um artista fundamentalmente romântico, mas de um romantismo tão exacerbado que muitas de suas obras são espantosamente inovadoras, moderníssimas para época. Vivendo em um ambiente cultural nada cosmopolita, foi um exemplo raro de uma dessas sensibilidades privilegiadas - antenas voltadas para o futuro da arte. A história particular de Glauco foi bastante triste. Nascido no sul da Itália, veio ainda menino para o Brasil, onde foi "adotado" por sua própria mãe - uma senhora da sociedade do Rio de Janeiro que por ser solteira, nunca conseguiu contar ao filho algo a respeito da sua real condição [...] o rapaz "adotado" revelou um talento precoce que perturbou os professores do conservatório. Produziu intensamente durante apenas 10 anos, morrendo tuberculoso aos 30 anos. A trajetória de G.V. foi curta e trás as marcas do inacabado . O que conseguiu nos deixar de suas canções, obras para pequenos conjuntos e para piano - tudo febrilmente adorado em seu tempo, mas rapidamente esquecido após a sua morte - nos leva, no entanto, a afirmar : é preciso conhecer a sua música com urgência, mesmo que com meio século de atraso " . Conforme crítica de J.J. Morais [crítico do Jornal da Tarde e Prof. na USP] no disco: O PIANO INÉDITO DE GLAUCO - Intérprete; CLARA SVERNER - London M. Odeon, 1977

Da idéia germinada em teu regaço!
Tal a Noite, sem trevas e sem frio,
Um pouco primavera, um pouco estio
Artista, no teu sono, que irradia!

Cenário dos projetos mais risonhos,
Que das tantas estrelas, quantos sonhos
- Noite tão clara que parece dia!

Os salões na *Belle Époque*⁴⁶ muito se assemelhavam aos salões do Segundo Reinado. Eles ajudaram a manter, como antes, os relacionamentos convenientemente personalizados, da mesma forma que serviam como interseção dos círculos de um mundo muito restrito, onde os valores europeus determinavam os passatempos. As reuniões seguiam, em geral, um padrão comum. Os salões distinguiam-se das festas e recepções sociais por sua repetição regular em determinado dia da semana, todas as semanas, a cada quinze dias ou mensalmente. O anfitrião e sua mulher preparavam um jantar íntimo para um grupo selecionado de amigos e conhecidos. Em seguida, o círculo mais amplo de convidados chegava e dava-se início a uma variedade de passatempos refinados: música de câmara, seleções operísticas, declamação de poesia ou ainda representação rápida de um trecho de peça de teatro. Danças, jogos de cartas e conversas requintadas ajudavam a compor o ambiente. Era uma oportunidade para as mulheres exibirem seus vestidos importados. Os homens usavam sobrecasacas formais de noite. Em geral, as declamadoras ou cantoras eram jovens solteiras pertencentes à família do anfitrião ou dos convidados. Tais dotes faziam parte da formação de uma moça bem-nascida.

Laura frequentava os salões e promovia recitais de poesia. Foi uma declamadora apreciada. Intérprete de Castro Alves, recitava também suas poesias e as dos

⁴⁶ Sobre os Salões na Belle Époque acompanho aqui interpretações como as de Needell, op.cit., pg 106 a 142

amigos poetas. Na casa de Rui Barbosa - um dos mais requintados salões cariocas, o que conferia maior prestígio aos seus frequentadores -, Laura recitou em 1914 a sua poesia "Feiticismo". Rui, admirado, disse: *poderia ter sido escrita por um homem de 35 anos*" ⁴⁷ O nosso ilustre publicista denunciava-se com seu estranhamento vendo uma mulher, e ainda tão jovem, roubando a cena dos homens de letras. Laura dedicou a ele o poema referido, quando publicou seu primeiro livro em 1915:

Morreu agora mesmo, de repente,
Aquele
Árvore: a seiva ainda está quente.

Em homenagem a memória
Dela,
quero contar-te de relance
Sua passada vida [...]

Foi naquele barranco árido, ao vir da noite,
Uma semente sepultou-se viva
[...]
Abrigando-a não quis toma-la por cativa,
Mas, cativo quis ser do seu agrado

As lisonjas dos admiradores aparentemente não a perturbavam. Mas, um dia, as de Hermes Fontes⁴⁸ tocaram-lhe o coração e Laura passa a viver um grande e

⁴⁷ *A Imagem de Laura* ... pg. 64

⁴⁸ Bacharelou-se em direito em 1911, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, lançou as *Apoteoses*, com o que consagrou-se um dos melhores poetas brasileiros da época. Foi redator das revistas *Careta* e *Fon-Fon* e do jornal *Diário de Notícias*. Colaborou nos periódicos: *Tribuna*, *Imprensa*, *Atlantida*, *Brasil-Revista*, *Folha do Dia*, *Revistas das Revistas*, entre outros. Funcionário concursado dos correios, exerceu várias comissões, dentre elas a de oficial de Gabinete do Ministro da Viação. Sua vida não foi, todavia feliz. Sofreu decepções e amarguras. Por cinco vezes tentou a Academia Brasileira de Letras, e não conseguiu eleger-se. Em 1930, devido à Revolução, viu desfeito o sonho de tornar-se deputado, e, tendo servido ao governo caído, foi alvo de

secreto amor não correspondido. Amargurada, confessa à amiga Emilie Kamprad:” o grande poeta , surdo, apenas me coloca na frente a coroa de irmã”.⁴⁹ “Acenos e Sorrisos” revela o desejo e ao mesmo tempo o sentimento de frustração que ela experimentava no momento:

Vêm dos lábios os beijos e os sorrisos.
Quem não pode beijar, sorri, ao menos;
Quem não pode abraçar, ergue, em acenos,
O braço, em gestos vagos, indecisos....

[...]

Porque me acenas, penso que me abraças,
E porque me sorris, eu tremo toda,
Tenho a impressão de que me estás beijando...

Do poeta que, ao que parece, permaneceu surdo ao amor de Laura, os indícios encontrados constam de três simples e discretos bilhetes:⁵⁰ "Que o ano novo de 1912 outra coisa não ouse no mundo da espiritualidade realizar todo bem, toda a felicidade da Laura. No segundo, sem data : "Agradeço muito as suas felicitações e sirvo-me do ensejo para retribuir, desejando-lhe tranqüilidade, bem estar e as muitas glórias a quem tem direito a sua laureada alma de sonhadora. O terceiro, - aniversário de Laura e também dele - " Deus inspire a grande poetiza e lhe dê largos

humilhações. Sofreu a dor de um lar desfeito e a traição de pessoas amigas. Conforme Dicionário Literário Brasileiro. ed. Rio de Janeiro, 1978 e Enciclopédia de Literatura Brasileira . vol. 1 - Ministério da Educação - FAE, Rio de Janeiro., 1989

⁴⁹ Conforme depoimento de Emilie Kamprad, Fundo Octávio... pasta 123

⁵⁰ Os originais das cartas citadas daqui para frente no texto, enviadas a Laura por poetas, escritores , críticos., fazem parte do acervo que estava em Moscou e só chegou ao AEL em agosto de 1995, portanto não catalogados.

anos de glória viço e graça.⁵¹ Laura, em versos, lamentava o fracasso amoroso com a poesia

“Pobre de mim”, publicada no primeiro livro em 1915:

Pobre de mim que tenho esperanças ainda:
Que não sei esconder a alegria, o alvoroço,
Quando te encontro, quando esta saudade finda

Converso atentamente e finjo que não te ouço
Para te ouvir de novo... E quem me vê folgando
Contigo, pensa que és o meu irmão mais moço...

Que grato interromper a voz de quando em quando,
Depois dizer que a Tarde ou que a Aurora está linda...
E achar mais lindo o Amor, e rir de um modo brando...

Pobre de mim que tenho esperanças ainda...!

Com o poema “Sonata Bohemia”, publicado no mesmo livro em 1915, sem nenhuma cerimônia, declara sua admiração pela poesia de Hermes Fontes e, sem medo de parecer ridícula, tinge o sofrimento pelo amor perdido com novas cores:

Eu levo a vida no maior desleixo:
Quando mais sofro mais ainda canto
Não suplico, não choro, não me queixo.

Que importa que ela amargue e doa tanto?
Que adianta blasfemar porque há pesares?
Mais vale, neles procurar encanto

[...]

Se os versos teus, depois dos meus, declamo,
A quem quanto aos autores, vive a esmo,
Falo, ouvindo lisonjas :
Esta poesia é d'ele, não é minha.
E crendo que elas se confundem mesmo -
Eu me julgo, dos astros, a Rainha!

⁵¹ cartas manuscritas assinadas por Hermes Fontes , respectivamente, em 01 de janeiro de 1912, sem data e 19 de agosto de 1914, no Rio de Janeiro.

Ao que parece, restava-lhe apenas o consolo dos encontros poéticos. E nos avessos da vida, mais de duas décadas depois, Laura passeava pela rua do Ouvidor e os dois poetas já maduros se encontram. Hermes Fontes estava então com quarenta e dois anos de idade e uma vida literária consagrada pela crítica. No entanto, infeliz no casamento, já havia se separado. Laura, com três filhas tinha uma longa história para contar: sua vida de casada, diferentemente da dele, era de muita paixão, embora atormentada pela perseguição política - sobretudo de Octávio, que ora estava preso, ora na clandestinidade -, agravada pelas dificuldades financeiras que a família enfrentava. Ouvindo sua história, Hermes Fontes observou: Você continua uma criatura forte! Dois dias depois, na noite de 25 de dezembro de 1930, o poeta suicidou-se, com um tiro de revólver.⁵²

* * *

A influência francesa nos usos e costumes fazia com que o Brasil importasse daquele país roupas masculinas e femininas, companhias teatrais, nomes e casas de comércio, livros e estilos literários. Era natural que em 1912 repercutisse a eleição de Paul Fort como o príncipe dos poetas franceses. A seção "elegante" da *Gazeta de Notícias*, deste mesmo ano, noticiou um concurso popular para a eleição do príncipe dos poetas brasileiros. Que a idéia partisse de uma coluna "café society" não é de se estranhar, porque quem a dirigia era Figueredo Pimentel, antigo escritor, colaborador do *Mercure de France*, que mantivera correspondência com os simbolistas franceses. Mas o concurso não deu certo. Podendo votar quem quisesse, e para não negar a tradição

⁵² *A Imagem de Laura*, ... pg. 61 e 62

eleitoral brasileira, logo de início surgiram votos fraudulentos que fizeram com que Figueredo Pimentel desistisse da idéia.

No ano seguinte, a revista *Fon-Fon*⁵³, que tinha grande prestígio social e literário - redigida por Mário Pederneiras e Lima Campos, com a colaboração de Álvaro Moreira, Hermes Fontes e muitos outros -, retomou a idéia e desta vez com as devidas precauções. Em vinte e dois de fevereiro, lançou as regras do concurso. Votariam somente homens de letras, residentes no Rio de Janeiro e com livro publicado. O voto seria dado por escrito, com a assinatura do eleitor, e a apuração seria feita por uma comissão de jornalistas convidados. *Fon-Fon* explicou que pusera de lado os escritores do resto do Brasil por culpa das dificuldades de comunicação e do desconhecimento lamentável em que o Rio de Janeiro mantinha-se em relação à vida literária no resto do país. Em resposta às opiniões contrárias que logo surgiram quanto ao critério de só votarem os escritores do Rio, *Fon-Fon* respondeu que, se ouvisse os escritores dos outros estados, o concurso ficaria interminável.

Em primeiro de março, a lista dos escritores aptos a votar era de oitenta e sete nomes. Se o número de inscritos não chegasse a cem, a comissão organizadora havia decidido que se incluíam na lista de nomes, escritores sem obras publicadas, mas de respeitabilidade literária indiscutível. Não foi necessário, pois em oito de março a lista cresceu para noventa e oito e no dia quinze, deste mesmo mês, a lista chegou a cento e vinte e cinco escritores, sendo cinquenta e um poetas e setenta e quatro prosadores. Desta

⁵³ *Fon-Fon* - Rio de Janeiro 22 de fevereiro de 1913.

relação não consta o nome de Olavo Bilac, que se encontrava na Europa, o que não impedia, entretanto, que fosse votado.⁵⁴

O fato é que os critérios previamente definidos não foram tão rigorosamente respeitados, pois, em vinte e dois de março foram apurados os votos de cento e cinquenta e um eleitores, sendo sessenta e oito poetas e oitenta e três prosadores, e, ao que parece, nem todos com obra publicada. *Fon-Fon*, no dia vinte e nove, admitiu a inclusão destes escritores e disse: *mas são tão poucos!* Ficou esclarecido que mesmo sem obra publicada todos os escritores tinham, reconhecidamente, vida ativa literária.⁵⁵

Assim, a revista fez a primeira apuração em 05 de abril e, no dia doze deste mesmo mês, divulgou o resultado: Olavo Bilac fora eleito príncipe dos poetas brasileiros, com trinta e nove votos; Alberto de Oliveira em segundo com trinta e quatro votos; Mário Pederneiras em seguida com treze votos; Emílio Meneses com cinco votos; Vicente de Carvalho com três votos e, finalmente, Hermes Fontes com dois votos.⁵⁶

O que mais nos interessa aqui, no entanto é a lista de votantes. Nela, só duas mulheres aparecem: Laura da Fonseca e Silva - mais tarde Laura Brandão (que votou em Bilac) e Júlia Lopes (que se absteve de votar). Entre os eleitores homens estão escritores do calibre de Manuel Bandeira, Lima Barreto, Alberto de Oliveira, Hermes

⁵⁴ *Fon-Fon* - Rio de Janeiro 01, 08 e 15 de março de 1913

⁵⁵ *Fon-Fon*. 22 de março de 1913

⁵⁶ *Fon-Fon* 05 e 12 de abril de 1913

Fontes, João do Rio, José Oiticica, José Veríssimo, Figueredo Pimentel, Augusto do Anjos, entre muitos outros.⁵⁷

No dia vinte e oito de junho, a revista noticiou que seria prestada homenagem à Bilac em seu regresso ao Brasil. A homenagem realizou-se no salão de festas do *Jornal do Comércio*, em vinte e um de Junho, e quem melhor noticiou o evento foi a revista *Careta*, que era ligada a Bilac: "os homens de letras, sem distinções de grupos, unidos em torno de um nome que é, no esplendor da sua glória, um símbolo puro, celebram na próxima segunda-feira [...] uma festa literária. Esta festa, promovida pelos escritores das gerações mais novas com adesão dos mestres da grande geração a que pertencem Coelho Neto e Alberto de Oliveira, é destinada a exprimir a justa admiração que os homens de letras consagram a Bilac..."⁵⁸. Mesmo que alguns escritores tivessem se declarado contrários à realização do concurso, a homenagem acabou realizando-se com muito brilho: Alcides Maya fez o discurso de abertura; Emílio de Meneses saudou o homenageado com um soneto; as poetisas Rosalina Coelho Lisboa e Laura da Fonseca e Silva recitaram poemas de Bilac⁵⁹. *Fon-Fon*, em seu número da semana, noticiou com relevância os acontecimentos ocorridos na festa. Laura foi destaque na reportagem com a publicação de uma foto com a seguinte legenda: "A senhorita Laura é uma distinta poeta a quem o público já conhece e com verdadeiro sentimento poético fez soar no recinto festivo as rimas impecáveis da Alma Inquieta"⁶⁰.

⁵⁷ Se abstiveram de votar: Rui Barbosa, Luís Edmundo, Luís Murat, entre outros. Olavo Bilac, na Europa, ciente do resultado da eleição, enviou um cartão que a revista publicou no seu número de quatorze de junho sob o título "o príncipe dos poetas" diz o cartão: "Aos ilustres colegas e amigos Olavo Bilac agradece, penhoradíssimo, a honra e a amabilidade. Paris - 18, rue Galillon 17 de maio de 1913. FON-FON: Rio de Janeiro, 14 de junho de 1913.

⁵⁸ *Careta*, Rio de Janeiro, 17 de junho de 1913.

⁵⁹ Coube a Laura recitar a "Ronda Noturna" e "Avenida das Lágrimas"

⁶⁰ *Fon-Fon*, - Rio de Janeiro 28 de junho de 1913.

Mostrando seu agradecimento, Bilac enviou-lhe flores e um cartão manuscrito: *Mademoiselle Laura da Fonseca e Silva* ; creia no vivo afeto e na profunda gratidão de Olavo Bilac.⁶¹ Mas não se tratava, parece, apenas de uma gentileza ditada pela formalidade: ainda neste período, referindo-se a ela numa reunião literária na casa de Coelho Neto, Bilac diz : "Ouvir Laura é ouvir a própria poesia" E Bilac era rigoroso com quem recitava os seus versos. Dizia: "tenho vontade de meter-me embaixo da mesa quando, numa sala, alguém diz que uma moça vai recitar versos meus".⁶²

Assim, Laura vai construindo seu espaço de poeta ao lado dos homens de letras. Recebeu, através de carta, os aplausos de poetas, escritores, pintores, intelectuais e, com muitos deles, parece ter mantido relacionamento próximo. Dando mostra de que a considerava uma de seus pares, Alberto de Oliveira - poeta parnasiano contemporâneo de Bilac - escreveu-lhe comentando seu primeiro livro: "Distinta colega . Li todo o seu livro e em parte releio agora , e é natural, haver umas tantas composições superiores às demais. Ficou-me da obra a melhor impressão [...] Entre os mais estimulantes volumes de minha estante, guardarei este [...] com os meus aplausos."⁶³ Os literatos, acostumados com seus iguais- , resistiam em reconhecer , num mundo em que só homens reinavam , que as mulheres também pudessem mostrar o seu talento literário. Júlia Lopes de Almeida, casada com Filinto de Almeida era uma romancista de sucesso por seu próprio mérito, que na década de oitenta do século XIX se impôs na República das letras, não era reconhecida por muitos como uma literata como eles. Portanto, o reconhecimento de Alberto de Oliveira dirigindo-se a Laura como

⁶¹ Bilhete manuscrito e assinado por Olavo Bilac em 14 de junho de 1913, no Rio de Janeiro

⁶² *A Imagem de Laura*. ... pg. 60

⁶³ carta manuscrita assinada por Alberto de Oliveira em 28 de Junho de 1915 no Rio de Janeiro.

"minha distinta colega", atribuindo-lhe o status de igualdade, parece evidenciar o reconhecimento e respeito conquistado pela poeta. Provavelmente fora influenciada pela poesia de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia - poetas que ela admirava e com quem mantinha relações próximas: suas primeiras composições, editadas no livro *Poesias*, são vinculadas ao rigor Parnasiano. Daí por diante, distanciou-se do Parnasianismo, abandonou a métrica e seus versos ficaram soltos, menos objetivos, musicados, têm cor, cheiro, luz.

No entanto, a controvérsia a respeito do lugar ocupado por Laura na literatura, portanto, na vida pública, ia além dos seus pares masculinos. A prima Gilka, filha do Conselheiro, não concordava com os caminhos trilhados pela poeta. Tocar piano, como toda moça bem nascida, declamar nos salões, era um mérito, mas, escrever poemas, fábulas provocadoras e ainda publicá-los, não lhe parecia adequado para uma moça que, além do mais, morava em sua casa e contava com a proteção de seu pai. Laura, por causa destas desavenças com a prima e não conseguindo que ela compreendesse sua posição, escreveu a José Oiticica, anarquista, escritor e catedrático do Colégio Pedro II, quando este estava de viagem de férias no Recife, pedindo-lhe que escrevesse sobre o assunto para que a discussão tomasse outra proporção. Oiticica respondeu, prometendo escrever um artigo a respeito e encorajou-a: "deves ter orgulho de ser mulher e poeta".⁶⁴

Felizmente, outras mulheres faziam coro com a voz de Laura, que não só a reconheciam como também sabiam, pela suas próprias vivências, o que significava os espaços conquistados por elas no mundo das letras, das artes, etc. Júlia Lopes, em quem

⁶⁴ Carta manuscrita e assinada por José Oiticica no Recife, em 8 de fevereiro de 1916

Laura se espelhava pelo talento e coragem, escreveu a ela: "Um grande beijo pelo seu lindo soneto e toda a minha alma agradecida. No paralelo que fizera entre nós duas caberá à poeta a supremacia e isso se conhecerá quando tiveres a minha idade e gasto as energias que eu tenho espalhado muito desorientadamente, o que desejo que lhe não aconteça. Guardo os seus versos com muito carinho. Toda sua. Júlia."⁶⁵ Júlia Cortines, outra poeta contemporânea de Laura, também mantinha com ela relações de amizade e trocavam experiências do ofício que as duas abraçaram.⁶⁶

Do mesmo modo, a pintora Tarsila do Amaral, que fazia parte de suas relações pessoais, escreveu de São Paulo contando as novidades de seu ofício de pintora e feliz por estar "mais familiarizada com a pintura a óleo". Faz planos junto com Domingos, pai de Laura - que naquele momento morava em São Paulo -, no sentido de preparar um recital da amiga poeta na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo: [...] Mais tarde, recebi uma pessoa a ti muito querida e aos desta casa muito simpática: teu pai, sempre amável, com aquele habitual sorriso de bondade[...] Falamos muito a teu respeito e nos lembramos de que uma "Hora Literária", na qual colaborasses com Albertina Bereta, causaria em São Paulo ótima impressão. Que tal a idéia? Ainda não me dirigi, para esse fim, aos diretores da Sociedade de Cultura Artística, o que farei brevemente.[...] Dei as tuas saudades aos quadros, aos bustos, ao espelho branco - ao Templo de Arte. Ali os teus versos, com tanta alma recitados, vibram ainda imperceptivelmente, canta a tua voz, cantam teus pensamentos, geme a tua santa saudade e fulgem as tuas lágrimas benditas. Devo-te muito. Quanta riqueza me deixaste!. Adeus, minhas recomendações a sua querida mãe. A ti um apertado abraço meu.⁶⁷ Tarsila,

⁶⁵ Carta manuscrita e assinada por Júlia Lopes no Rio de Janeiro, em 1916 [sem dia e mês]

⁶⁶ Conforme carta manuscrita assinada por Júlia Cortines no Rio de Janeiro em 1916 - sem dia mês

⁶⁷ Carta manuscrita assinada por Tarsila do Amaral, em São Paulo em 19 de Fevereiro de 1919. Murilo de Araújo, pintor, também escreve: Dona Laura, obrigado pela leitura de seus livros, pela viagem encantada que sonhando com eles acabo de fazer, num país alcantilado e admirável! Pela amabilidade gentil das dedicatórias confesso-lhe uma gratidão inferior porque é talvez ridícula na minha vaidadezinha de fraco, pela

além de amiga e admiradora da poeta, também admirou sua beleza! Envolvida pelos encantos que a amiga despertava, desenhou um retrato de Laura.

Teve igualmente prestígio confirmado pela academia : o filólogo e historiador João Ribeiro, em 1912, na direção do *Almanaque Brasileiro Garnier*, publicou dois poemas de Laura: o soneto a “Voz da Razão”, em junho; e “Sonata Boêmia” em novembro. Os poemas são precedidos de uma nota introdutória que diz:

LAURA DA FONSECA E SILVA - é o nome de uma gentil poeta, cujos versos encantadores começam agora a ser divulgados pela imprensa. Desejamos chamar a atenção dos nossos poetas tão numerosos em todo o Brasil que ainda desconhecem o nome da poeta que com seguras esperanças promete ocupar com destaque um dos lugares mais distintos no meio intelectual, ao lado de Julia Cortines e outras poetas que legitimam o orgulho de seu sexo. Laura Silva, nos seus vinte anos - termina a nota , tem já escrito numerosas produções ainda inéditas, apenas ouvidas de íntimos que tanto admiram a arte imitável com que as recita.

⁶⁸. Na revista número 21 do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, publicada em 31 de dezembro de 1915, Laura foi homenageada com a publicação de sua foto com a seguinte legenda : "Da poeta d'O Espelho, pessoalmente sabemos muito pouco[...] Literalmente vale pelo talento estético[...] atribuímos a ela um posto distinto, entre as melhores cultoras de verso no Brasil." Agradecendo à oferta que Laura fez de seu livro *Poesia* ao Centro de Ciências Letras e

delícia de ler tão suaves poemas a minha gratidão é bem maior e mais alta, porque é menos humana e mais artística [...] "Imaginação" parece crescer de esplendor a ponto de aurelar com reflexos exteriores os próprios seres [...] entre os quais se enfileira o seu admirador grato. Carta manuscrita e assinado por Murilo de Araujo, 12 de Março de 1918.

⁶⁸ Correio da Manhã. 16 de fevereiro de 1964

Artes , o escritor e então diretor do Centro , Alberto de Faria escreveu-lhe revelando a dificuldade de aceitar a idéia da poesia feminina como coisa séria: "Os vossos versos são bem versos de moça, pela pureza do sentimento e pelo recato da graça: prefiro-os a outros de maior vibração, exatamente porque os vossos posso comunicar às minhas filhas.⁶⁹

Mas não era este o único registro possível. Andrade Muricy, bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, além do magistério exercido na Escola Superior do Comércio e no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, colaborava nos jornais *A Folha* e *A Tribuna*, no Rio de Janeiro nos quais fazia crítica literária e musical. Igualmente nas revistas *América Latina* e *A Festa* que, com Tasso da Silveira, fundou e dirigiu. Redator e crítico musical do *Jornal do Comercio*, foi ainda diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e membro da Academia Paranaense de Letras. Publicou uma longa crítica a respeito da poesia de Laura no livro *Alguns Poetas Novos* na qual dizia: "Difícilmente o crítico poderá apontar os caracteres íntimos. Além disso, os seus característicos espirituais são múltiplos e talvez ainda incertos. Alguns deles apresentam-se duma simplicidade adorável, outros arrogantes, muitos elevados a altitude já notável de arrebatamento e inspiração. Talento bem moderno pela capacidade receptiva inteligente da existência contemporânea [...] o característico predominante em dona Laura da Fonseca e Silva é a tendência para o pensamento, para a poesia meditativa, em tom singular e concentrado[...] a força espiritual é notável. [...] A força de suas

⁶⁹ Carta manuscrita e assinada por Alberto Faria em Campinas em 25 de maio de 1916.

composições levam-nos à convicção de que suas possibilidades artísticas são muito vastas e muito promissoras... "70

Apesar destas exceções, o estranhamento dá o tom principal às apreciações críticas sobre o trabalho de Laura. Outro crítico, Nestor Victor, considerado, segundo Raimundo de Menezes,⁷¹ um dos maiores críticos de literatura no Brasil, escreveu-lhe duas longas cartas, onde fez minuciosas observações sobre sua produção poética. " [...] *Poesia e Imaginação* são como dois diários íntimos, escandalosamente francos, na castidade nunca desmentida das suas expressões artísticas. E quem veja seus livros assim como os vejo, em tudo os verá perfeitos [...] São duas obras essencialmente femininas de uma quase criança, tão comovedora quanto admirável. Do ponto de vista do espírito, és precursora, por enquanto, do que serão, decerto, as nossas moças amanhã quando estas puderem corresponder-lhe em luzes e coragem intelectual". [...] e para expressar-lhe o meu apreço e minha admiração, com os votos que faço para que continue *a compor versos, ao que raramente se deve incentivar uma mulher*. 19 de fevereiro de 1916. "*Serenidade* não me deu a impressão que de seu título se podia esperar. Em seu conjunto, pelo contrário, é um livro doloroso, pungente, intimamente desordenado, falta de equilíbrio, mesmo, como *Imaginação e Poesia* não são [...] É um livro que, até nas suas alegrias e trivialidades, reflete uma fase da vida verdadeiramente convulsiva, tão própria da mocidade. Todos nós, os muito sensíveis, atravessamos essas quadras, que na ocasião parece que vão nos matar. Elas não matam, fecundam-nos, quando somos fortes. Confio que a senhora mostrará que o é. Do seu grande talento é

70 MURICY, Andrade. Alguns Poetas Novos., carmo, 5, Rio de Janeiro: 1918 pag. 21 a 27. Ver também artigo de Emilie Carréa Guerra in Imprensa Popular, 30 de janeiro de 1955

71 foi também professor e vice-diretor do Instituto do Ginásio Nacional, depois Colégio Pedro II, e da Escola Superior do Comércio. Morando em Paris, em 1901, foi correspondente de *O País* e do *Correio Paulistano*. Tradutor e revisor, trabalhou para a *livraria Garnier* para a qual, entre outras, traduziu *La sagesse et la destinée* de Maeterlinck. Calaborou no *Correio da Manhã* e foi crítico literário do jornal *O Globo* desde sua fundação, em 1926. MENEZES, Raimundo. Dicionário Literário Brasileiro. 2a. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1978 - pg. 708

lícito ainda esperar-se muito". *Meias Dúzias de Fábulas* antes de vir à luz ninguém imaginaria que em sua natureza até aí tão normalmente feminina e de um feminismo tão brasileiro, estivesse a coragem e a crueza de manejar a sátira com o talento, com que nele a senhora o fez. Neste livro de agora quero destacar o soneto "Vão Todos":

Recatadas meninas dançadeiras
De jongo e tango em fulgidos salões
Nobres velhas, alcoviteiras
Destas meninas e de rapagões

[...]

Jornalistas anônimos, capazes
De fazer guerra e de fazer as pazes
Por qualquer soma abaixo de chinfrim

Calúnias quem é pura e vos desgosta
Não me dou a desonra da resposta
- Mando Cambronne responder por mim

Infelizmente, dir-lhe-ei com franqueza, tal evolução se afigura muito ingrata ao meu senso estético, produzindo-se numa natureza de mulher. Eu preferiria muito mais que a senhora encontrasse em si outros recursos para manter o seu tonus vital, que não esses, tão inexoráveis, tão aberrantes do seu sexo. Sempre seu sincero admirador e amigo.⁷²

Certamente o sucesso poderia ter sido muito maior se a vida de Laura não tivesse tomado outro rumo. São os críticos que apontavam algo contrafeitos: "suas possibilidades artísticas (...) são vastas e promissoras" ou "seu talento do qual era lícito ainda esperar-se muito". No entanto, o crítico Nestor Victor lamentava-se que a poeta, que até então compusera versos com a delicadeza de um "diário íntimo", expressando o

⁷² Cartas manuscritas e assinadas por Nestor Victor no Rio de Janeiro em dezembro de 1916 e 10 de dezembro de 1918

ideal, na opinião dele , de um "feminismo tão brasileiro" passasse a escrever poemas e fábulas num tom arrojado e provocador pouco adequado para uma representante do sexo feminino.

Em "Variações da Lua", um de seus mais expressivos poemas, que emocionava mesmo depois da "Ballade a la Lune", de Musset e do "Plenilúnio", de Raimundo Corrêa , na opinião de Andrade Muricy, Laura expressava, seu ideal de independência enquanto poeta e mulher; mas não se iludia pois sabia que o cotidiano, com seus códigos normatizadores da moral, apagava a luz daquelas que ousavam brilhar por seu próprio mérito:

Vagando e divagando devagar,
A Lua pelo Espaço amplo navega
A compor, a sorrir, a idealizar...

Pobre Lua, que a um sonho vão se entrega:
Sonha que tem luz própria, independente
- Pensa que é Estrela-Guia a Lua cega

[...]

Vagando e divagando devagar
navega pelo Espaço fora a Lua
Como se navegasse em pleno Mar.

Poeta que cantou a natureza, teve como cenário privilegiado a cidade do Rio de Janeiro que lhe inspirou o "Idílio do Pão de Açúcar": Março ainda florida e já frutificava...com os poemas "Renuncia" e "Pensadora" ela traduziu em linguagem poética seu sentimento melancólico e resignado :

Renúncia:

Prometi renunciar ao meu Amor por Ti
Ao tempo desde que ele guardasse
A tua vida contra o acerbo desenlace
E o tempo me atendeu - estás ainda aqui!

Não me arrependo, vês? Cumpro o que prometi:
renuncio ao amor como se realizasse
Aquele amor sonhado, intrépido, vivace...
E contente de dor, a alma soluça e ri...

Então, suplico ao Tempo, ordeno, choro, , imploro...
Ah! prometo, contendo um doloroso abalo,
Saber pensar em Ti sem lembrar de mim!

Pensadora:

Pensar ,pensar em ti é quanto gozo ainda:
É o quanto já gozei; é o quanto hei de gozar
E eu duvido que possa haver outra mais linda
maneira de viver morrendo devagar...

[...]

E eu sofro, mas adoro a saudade fatal,
porque é pensando em ti, que do mundo me ausento
- Pensar em ti é o meu retiro-espiritual

Mesmo que sua vida tenha mudado de rumo, como veremos no capítulo seguinte, sua produção, enquanto poeta, é bastante razoável. Ao longo do tempo publicou regularmente nos jornais e revistas da imprensa comercial e operária, além de ter tido quatro livros editados. Sua primeira publicação foi o poema "Relógio", (1910), na revista *Fon-Fon*, Rio Janeiro, com o pseudônimo de Marabá Carioca:

[...]

Onde o tempo, esboçando várias
cores, buscas em vão,

mitigar a infinita sede [...]
relógio, livro inédito da vida,
ao tempo e pelo tempo, desfolhado
- numa constância ingrata e dolorida

O *Correio da Manhã*, em 1913, publicou na primeira página seu poema "Homem" : ... quem desanima o raro ideal profana... Na seção "As Nossas Poetas" da revista *Fon-Fon* ⁷³, agora devidamente identificada, inclusive através da publicação de uma foto, anunciava: "A jovem poeta Laura da Fonseca e Silva tão modesta quanto talentosa, de quem publicamos seu lindo soneto "Visão":

Desde que comecei a fazer versos,
Há uma boa visão que me acompanha:
Olhos profundos de uma cor estranha,
Ao céu, erguidos, ou no mar, imersos.

Colhe sons, luzes e aromas no ar, dispersos
Para brindar-me pela dor tamanha
Diz, prometendo a paz nesta campanha,
Que os grandes males tem grandes reversos!

E ela, a boa visão, num gesto ledado,
Responden-me em dulcíssimo segredo
Até acabares de fazer poesia!

Os olhos da poeta continuaram por muitos anos atentos aos sons, luzes e cores. Com a lente de poeta via o mundo e registrou suas visões em livros: *Poesia*, (1915), *Imaginação* (1916), *Meia Dúzia de Fábulas*, (1917) e *Serenidade*, (1918) ⁷⁴. Embora Laura não seja hoje, quase um século depois, uma poeta conhecida entre nós,

⁷³ *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 08 de março de 1913

⁷⁴ Fundo Octávio... Pasta "Poemas" - Os quatro livros foram impressos no Rio de Janeiro nos anos de 1915, 1916, 1917 e 1918 - sem editora.

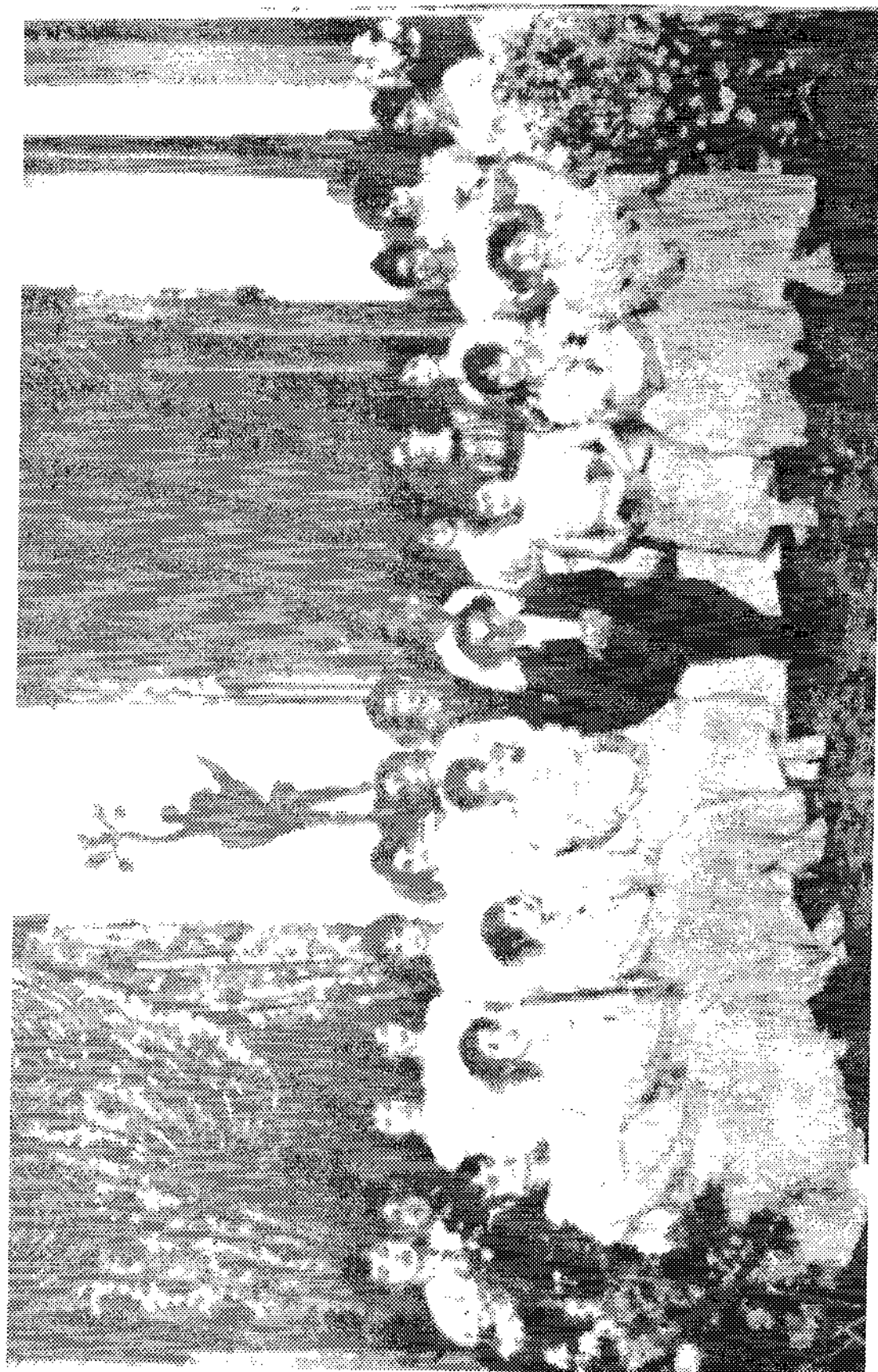
não se pode dizer o mesmo em seu tempo - em que eram raras as mulheres literatas e com dificuldades em fazerem-se respeitar. Sua produção no período é, sem dúvida, um sucesso.



Laura da Fonseca e Silva - 1915.



Laura em uma reunião social após lançamento do primeiro livro - 1915.



Turma da Escola de Música de Alberto Nepomucceno.
No centro, Laura de branco - segunda fila.

CAPÍTULO II
LAURA, UMA MULHER

1. Feminino e Feminismo

"o feminismo ainda faz sentido, os espaços de liberdade não estão assegurados e nem ao menos sabemos analisar este fenômeno cíclico a que chamamos feminismo, que vai e vem, que nos deu direito ao voto e a educação, a algumas deu direito ao corpo, a outras um pouco de dignidade ou a consciência de ser. E a todas talvez a única satisfação de reconhecer-nos numa experiência ao mesmo tempo diferente e comum de viver no feminino"

Elizabeth Lobo⁷⁵

Nem só de poesia se fazia a vida de Laura. Desde cedo dedicou-se ao professorado. Jacintinha, sua mãe, passava o dia na máquina costurando. A costura surgia como opção de trabalho para as mulheres de classe baixa, assim como as atividades ligadas às fábricas, principalmente na indústria têxtil, escritórios comerciais, serviços em lojas, ou Companhia Telefônica. O ideal para a mulher, principalmente se fosse jovem, era ficar em casa. Se precisava trabalhar, então trabalhava em casa - como por exemplo,

⁷⁵ "Viagens aos Confins dos Feminismos" in Desvios. Rio de Janeiro : Paz e Terra, março de 1976, pg. 50

costurando por encomenda - era uma opção desejável.⁷⁶ Jacintinha separou-se de Dominginhos assim que a família chegou ao Rio, em 1909. Com três filhos, passou a ser a mantenedora da família, embora num primeiro momento contasse com a proteção do tio Lourenço de Albuquerque, trabalhando, primeiro como costureira e depois como dona de pensão. Desta maneira, assumiu um duplo papel na família, que se contrapunha à imagem da mulher "frágil" incapaz de assumir sua vida individual, que precisa sempre de um pai ou marido para guiar seus passos.

A mulher de classe alta ficava em casa, onde recebia aulas particulares de francês e piano e se preocupava com a moda e com a aparência, preparando-se para um bom casamento. Para a mulher letrada de classe média, que precisava trabalhar, o magistério era o trabalho mais atraente. Laura desde cedo dedicou-se ao magistério. O leitor deve se lembrar que em São Paulo, aos quatorze anos, ela já lecionava na escola do pai. No Rio, nos anos de 1912 e 1913, lecionou no Instituto Amante da Instrução, situado à rua Ipiranga. Era um Instituto para crianças órfãs. De 1917 a 1919 lecionou no

⁷⁶ SAFFIOTI, Heleith. A Mulher na Sociedade de Classes. Mito e Realidade. Petrópolis: Vozes, 1979. A autora tematiza o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e denuncia as formas perversas desta integração, ou seja, as péssimas condições de trabalho, os salários inferiores aos dos homens, o assédio sexual, etc., identificando-a como produto das determinações econômicas e sociais, pouco destacando à sua dimensão de sujeito histórico, consciente e atuante. Numa outra linha de pensamento, onde a mulher aparece como sujeito histórico, destaco o trabalho de RAGO, Margareth. Do Cabaré ao Lar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 - principalmente no segundo capítulo - a autora descreve a presença das mulheres atuando na vida social, reiventando seu cotidiano, criando estratégias informais de sobrevivência e resistência à dominação masculina classista. Nesta mesma linha de pensamento o trabalho de DIAS, Maria Odila Leite S., Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XX, São Paulo: Brasiliense, 1984 - releve em seu livro a força da resistência das mulheres pobres, ao longo do século passado.

Instituto Lafayette, onde foi também diretora do Jardim da Infância.⁷⁷ Este Instituto era uma ampla escola, situado à rua Conde de Bonfim 743, no bairro da Tijuca. Contava com seis modernos prédios, numa chácara de cem mil metros quadrados, toda arborizada, onde eram ministrados cursos de jardim da infância, primário e complementares. Oferecia ainda o curso Fundamental de seis anos que era organizado para preparar alunos para prestarem os exames perante as bancas examinadoras do Departamento Nacional de Ensino. Seu corpo docente era especializado, quase todos formados em Universidades e pela Escola Normal.⁷⁸ Uma das práticas do magistério, no período, eram as aulas particulares. Laura ensinou filhos de famílias ilustres como, por exemplo, as netas de Benjamim Constant, um dos fundadores da República no Brasil. Ensinou também as filhas de Cordélia, filha do poeta Luís Murat, aquela menina de quatro anos que escolheu o seu nome quando ela nasceu. Na função de preceptora, viajou para Paris com a família do escritor João Ribeiro, onde viveu em Saint-Cloud, entre maio e agosto de 1912.⁷⁹

No começo deste século, as normas de comportamento já não eram centradas no enclausuramento, como era o caso da mulher do século XIX descrita por Jurandir Freire Costa, que só saía às ruas nas raras situações rigidamente previstas de "passeios com a família por ocasião das festas públicas e obrigações religiosas"⁸⁰ A nova mulher urbana de classe alta deveria adequar-se ao novo padrão de comportamento. "A

⁷⁷ Em 1921, já casada com Octávio Brandão, lecionou no Colégio Batista Americano/Brasileiro situado à rua Dr. José Hygio 350, na Tijuca.

⁷⁸ ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - Anuário : 1919/1920 e Correio da Manhã - 07 de fevereiro de 1929 p.11 Rio de Janeiro

⁷⁹ A Imagem de Laura ... pg. 19 e Imprensa Popular, Rio de Janeiro : 30 de Janeiro de 1955.

⁸⁰ COSTA, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma Familiar : Rio de Janeiro, Graal, 1977, p.119

mulher de posse deveria saber receber as visitas do marido, estar presente à mesa e às conversações ... abandonando seus hábitos e europeizando seu corpo, seus vestidos e seus modos"⁸¹ As novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial do país solicitavam a presença destas mulheres no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés. A mudança de hábitos femininos estimulou-as a maiores cuidados pessoais com a aparência. Entretanto, a primeira e primordial necessidade continuava sendo cuidar dos filhos e da família. A socialização dar-se-ia em reuniões privadas, como bailes, teatros, jantares e recepções. O passeio pelas ruas no começo do século começou ser permitido, mas obedecendo um certo código social. O relógio da confeitaria Colombo marcava o compasso deste código, onde duas imagens de mulher se revezavam, estabelecido de acordo com uma tácita escala de horários, para que lá pudessem tranquilamente tomar o seu chá.⁸² Esta imagem foi assim retratada pelo cronista Luís Edmundo: Até às cinco da tarde as famílias imperavam. De repente, olhando o relógio do fundo, começa o êxodo em massa. E todos, quase ao mesmo tempo, o que muito impressiona os que desconhecem os detalhes curioso da vida dessa casa. Mutação do cenário na confeitaria. Vão chegando as "madamas", os "coronéis", os "caetetus". Olha -se o relógio - cinco e meia -"⁸³.

Este padrão, que normatizava as regras que a mulher "honesta" deveria seguir, não condizia com a realidade das mulheres que precisavam trabalhar. Elas iam às ruas sozinhas e em horários "não permitidos". Laura, por sua vez, experimentava no dia a

⁸¹ Idem, *ibidem*

⁸² Ver ESTEVES, Marta. *op.cit.* pg. 43

⁸³ EDMUNDO, Luís, *op.cit.* p. 605. Não só a Colombo, como também, a confeitaria Pachcoal à Rua do Ouvidor também tinha horários determinados para a classe de frequentadores. De uma às três horas era os homens de letras; de três às quatro horas, das famílias; das cinco às sete horas, das cocottes que lá iam exibir as suas toillettes e as cintilantes jóias que possuíam.

dia esta contradição. Frequentava salões sofisticados, vivenciava padrões de sociabilidade da elite - onde a mulher ficava em casa e circulava em espaços delimitados e legitimados pelos códigos da moral vigente ; mas durante o dia saía às ruas sozinha para ir ao trabalho garantir , junto com a mãe , o sustento da família, situação que não combinava com o "padrão" do papel feminino ideal.⁸⁴

Sua visibilidade e prestígio enquanto poeta na sociedade letrada carioca não era, entretanto, acompanhada de uma remuneração que lhe garantisse o sustento, - o que aliás acontecia com outros poetas e literatos renomados, que não conseguiam prover suas necessidades materiais com a literatura. O prestígio social dos homens de letras, no final do século XIX e início do século XX, nem sempre condizia com a condição econômica em que viviam.⁸⁵ Laura, com o poema " Entre Artistas", protesta de maneira poética:

Entre artistas não deve ser assim
Como na sociedade:
É preciso outras leis para esta gente
Que vive do que sente [...]
para esta gente aflita,
Que, no meio de tanto horror, inda acredita
Na coragem, na Luz; [...]
E esta gente que luta e sofre e pensa, às vezes
Abandonando um pouco as coisas graves,
Procura a fantasia e canta como as aves [...]

⁸⁴ Sobre a questão ver ESTEVES, Marta , op.cit. pgs. 43 a 53. Maria Clementina Pereira Cunha escreve artigo onde no discurso sobre a mulher enquanto figura normatizada e higiênica podem ser detectadas diferenças sociais e formas distintas de subordinação da "condição feminina" CUNHA, Maria Clementina Pereira. "Loucura, Gênero Feminino: As Mulheres do Juquery na São Paulo do início do Século XX" in A Mulher e o Espaço Público : Revista Brasileira de História, no. 18 pag.121 a 144.

⁸⁵ Sobre a questão ver PEREIRA, Leonardo A.M. O Carnaval das Letras : Os Literatos e as Histórias da Folia Carioca nas últimas Décadas do Século XIX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995

Vivenciando o duplo papel que sua condição de poeta reconhecida nos salões literários e de mulher trabalhadora impunham-lhe, Laura ao que parece, não estava muito preocupada com os códigos ditados pela moral vigente. O primeiro indício era que ela tinha vinte e um anos e ainda estava solteira; longe das normas da 'conveniência', recebia em sua casa e era recebida pelos seus amigos, inclusive em encontros a sós, não apenas em ocasiões sociais. Estes encontros intimistas quase sempre eram celebrados para compartilhar experiências artísticas. Em 1912, por exemplo, o pintor Antônio Parreiras a convidou para visitá-lo em seu atelier situado à rua Tiradentes, 47 em Niterói. Escreveu a ela o seguinte bilhete: Saudações respeitadas: Na segunda-feira e na terça-feira da próxima semana estarei em casa, afim de mostrar-lhe os meus borrões. Muito grato pelo prazer de sua visita ficaria. O respeitoso servo e admirador.⁸⁶ Laura, de maneira silenciosa, subvertia a ordem estabelecida e defendia a independência da mulher que conquistava sua liberdade enquanto cidadã. E em versos atestava:

"Não há nada mais digno de respeito
que a independência na mulher que é pura".

Percebe-se que Laura estava integrada no debate instaurado a respeito da condição feminina. A revista anarquista *Vida*, de publicação mensal, num artigo de José Oiticica, argumenta que o verdadeiro feminismo devia propor que a mulher tivesse uma profissão que lhe desse independência econômica e, portanto, a liberdade. Argumenta,

⁸⁶ Bilhete manuscrito e assinado por Antonio Parreiras em 31 de maio de 1912.

ainda, que a mulher duplamente explorada - pela sociedade e pelo homem - fica impedida de exercer livremente sua vontade e suas ações são controladas. Insistem, segundo Oiticica, em mantê-la na ignorância, não percebem que é ela quem educava os filhos e portanto deveria ser bem instruída.⁸⁷ Num dos artigos, diversos aspectos da opressão feminina são apontados: Como cultivar na mulher as energias morais, se cada passo está medido, marcado, regulamentado pelas leis do casamento, pela maledicência de esquina, pela etiqueta de Paris, pela disciplina da fábrica, pelas conveniências da patroa, pelas urgências do pão diário[...] A mulher, escravizada em todos os seus atos, representa um incalculável desperdício de energias morais e isso impossibilita a solidariedade humana. E, Oiticica, finalmente, aponta o programa anarquista, como uma possível solução: [...] Que resta fazer a mulher? Entrar no movimento. O primeiro passo nesse rumo é abandonar a Igreja, libertar a razão, começar a emancipação intelectual. Conseguindo isso o espírito está aberto a compreender o problema social que não é só o problema econômico, e a mulher será, desde logo, um elemento formidável de luta para a consecução dessa humanidade futura[...] : a ANARQUIA.⁸⁸ Para Oiticica, a mulher não conseguia assumir seu verdadeiro papel na sociedade, por ser explorada no trabalho e condenada à ignorância e à servidão. Segundo ele, para reverter esta situação, era preciso que a mulher participasse ativamente da vida social e se apropriasse do saber científico.

Desde o século XIX, mulheres brasileiras já discutiam, através de artigos para jornais - embora o uso generalizado do pseudônimo indique, de um lado, a timidez e de outro, a consciência da falta de aceitação pública na defesa da educação feminina -, o papel tradicional da mulher. Algumas trabalham, paralelamente, pelos direitos femininos à educação que ultrapassassem a chamada educação doméstica, defendendo que a

⁸⁷ Revista *Vida* - Rio de Janeiro; 31 de dezembro de 1914 pg.06 e 31 de janeiro de 1915 pg. 04.

⁸⁸ Idem, 31 de março de 1915

instrução da mulher era o caminho para sua participação nas discussões políticas e sociais. No entanto, divergiam quanto aos sentidos e as formas que as transformações sociais deveriam tomar. As contradições e divergências assumem variadas expressões sobre os conceitos de feminismo em discussão nas primeiras décadas deste século. O debate instituído ia desde a crítica ao movimento sufragista, a influência que a religião exercia sobre a consciência feminina à situação da mulher como trabalhadora ; até discussões de caráter moral, como a condição da prostituta na sociedade e o comportamento adequado para mulher honesta.

As primeiras décadas republicanas foram anos decisivos para a construção do ideal feminino. O debate sobre o sufrágio feminino instalou-se simultaneamente na Imprensa e no Congresso que justificaram suas posições pró e contra, com discursos semelhantes. Na Assembléia Constituinte de 1891, o voto feminino foi considerado, pela maioria dos deputados, o caminho para dissolução da família brasileira. Para a maioria, era indiscutível o papel da mulher no lar e na família, e o sufrágio feminino parecia-lhes uma ousadia anti-social. Alguns apelavam para a "missão sublime" da mulher, deixando de lado a questão jurídica. Por outro lado, os liberais mostravam-se também confiantes no "senso de responsabilidade" feminino, amenizando os temores da oposição, confiantes que essencialmente nada seria mudado com o ingresso da mulher no mundo político, até então reduto exclusivo do mundo masculino alfabetizado. A Imprensa teve papel importante divulgando as discussões parlamentares, além de publicar entrevistas pessoais, tornando o tema de grande interesse público. Os artigos desfavoráveis, embora aceitando a constitucionalidade da questão, rejeitavam o direito por razões morais, com ênfase sobre o papel da mulher como mãe e esposa devotada. Os favoráveis ao sufrágio enfatizavam a questão constitucional e consideravam que, embora a mulher exercesse

predomínio sobre o homem na esfera privada do lar, era necessário também que ela influísse - com sua rápida visão dos pequenos detalhes e a larga intuição das coisas - diretamente na organização e na legislação sociais, defendendo que a mulher seria o grande elemento construtivo da nova sociedade do futuro.⁸⁹

De forma organizada, foi a professora Leolinda Daltro quem projetou, no Brasil, a idéia do sufrágio feminino. Fundou, em 1910, o *Partido Republicano Feminino*, com o objetivo de ressuscitar no Congresso o debate sobre o voto, esquecido desde a Constituinte de 1891. Em novembro de 1917, a população do Rio foi surpreendida com uma passeata de 84 mulheres organizada por ela. Suas atividades pareciam surtir efeito, pois, neste mesmo ano, o Deputado Maurício Lacerda apresentava na Câmara um projeto de lei instituindo o sufrágio feminino, e, pouco depois, em 1919, Justo Chermont levou ao Senado um projeto no mesmo sentido. Bertha Lutz fundou, no mesmo ano, a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, posteriormente denominada Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que levaria adiante a luta pelo sufrágio. Nos meandros do poder, o projeto tramitou longo tempo constituindo-se para cada uma das casas - Câmara e Senado - comissões de Constituição e Justiça. Em 1921, discutido e aprovado o projeto pela primeira vez em ambas as casas, veio a ser votado. Só em 1932 foi instituído por decreto presidencial e confirmado pela Constituição em 1934.⁹⁰

⁸⁹ MOREIRA ALVES, Branca. *Ideologia e Feminismo : A Luta da Mulher pelo Voto no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980, 4o. capítulo e HAHNER, June E. *A Mulher Brasileira e suas lutas Sociais e Políticas - 1850-1937* : São Paulo, Brasiliense, 1981

⁹⁰ Idem, pag. 90 a 96 - passim -.

Sufragistas, anarquistas, socialistas, católicas. Opiniões e posturas diversas marcaram o debate sobre a questão feminina na sociedade brasileira. O discurso reproduzido na imprensa operária e partidária sobre a mulher, também não era homogêneo. Para as socialistas, a proteção do trabalho feminino, bem como a igualdade de salários, não excluía sua presença no mercado de trabalho. A ambiguidade que levava as mulheres da classe trabalhadora ao trabalho - a necessidade de contar com a remuneração salarial, a obediência aos velhos valores que as exigiam fechadas em casa priorizando o trabalho doméstico e a reprodução -, foi determinante para que as reivindicações dos socialistas se prendessem à exigência de uma legislação especial que protegesse a mulher no seu trabalho assalariado e lhe permitisse desempenhar o trabalho doméstico e reprodutivo. Os comunistas, que a partir de 1922, fundam o Partido Comunista Brasileiro, não registravam a presença de mulheres - embora Rosa Bittencourt tenha sido uma de suas filiadas desde 1922- nem priorizavam, em seus discursos, suas reivindicações específicas. Em 1928, no contexto da política do B.O.C. - Bloco Operário Camponês -, foi organizado um Comitê de Mulheres Trabalhadoras, no qual apenas Laura, já casada com Octávio Brandão, aparece como fundadora do movimento de mulheres operárias.⁹¹

O jornal *A Plebe*, periódico libertário, destacava a figura de Maria Lacerda de Moura e discutia o movimento sufragista, a necessidade de instrução feminina, a

⁹¹ Imagem de Laura ... pg. 85 e BRANDÃO. op.cit. pg. 160

importância de se organizar em sindicatos, pois defendia que a luta das mulheres não era só pela emancipação em relação ao sexo masculino e sim também em relação ao poder do Estado e da Igreja. Contraditoriamente, discutia a importância do militante masculino - mais bem preparado, ativo, consciente e forte - no sentido de que ele deveria ensinar a mulher, tomá-la sob sua responsabilidade, ser seu guardião e, por conseguinte, atribuindo-se também o direito de liderança e decisão sobre ela.⁹² Maria Lacerda, em sua intensa atividade intelectual, publicou, além de artigos, diversos livros sobre educação, dirigiu a revista *Renascença* em 1913 e, dois anos antes, fundara a *Federação Internacional Feminina* com o objetivo de canalizar as lutas dispersas das mulheres. Adotou o discurso e a prática pedagógica anarquista embora não se mantivesse fiel a eles pois o sentimento místico a levou até os Rosacruses, em determinado momento. Enquanto feminista e escritora, ela pregava a necessidade de instrução, da educação sexual dos jovens, a liberdade de amar, a maternidade "livre e consciente" e a independência da mulher em relação à imposição social do casamento. Para ela, Laura soube ser "mãe e mulher de verdade"⁹³.

Como exemplo das discordâncias quanto ao método a ser adotado no movimento de mulheres podemos citar a fala de Patrícia Galvão, mais conhecida por Pagu, ligada, na década de 1930, ao Partido Comunista Brasileiro, - companheira de Laura, portanto - a respeito de Maria Lacerda de Moura, em sua secção "A Mulher do

⁹² *Plebe* - São Paulo, 06 de novembro de 1902

⁹³ Conforme Emilie Kamprad, Fundo Octávio ... pasta 123

Povo” : ... temos a atraparlar o movimento revolucionário do Brasil uma elitezinha [...] sustentada pelo nome de vanguardistas e feministas que berram a favor da liberdade sexual, da maternidade consciente, do direito de voto para "mulheres cultas", [...] achando que a orientação do velho Malthus resolve todos os problemas do mundo [...] Marx já passou um sabão no celibatário Malthus, que desvia o sentido da revolução para um detalhe que a Rússia por exemplo já resolveu. O feminismo ideológico tem em Dona Maria Lacerda de Moura uma simples sargento reformista que precisa estender a sua visão para horizontes mais vastos afim de melhor atuar no próximo Congresso do Sexo.⁹⁴ Críticas deste teor desde o início dividiam o movimento feminista, onde cada uma, de acordo com sua posição ideológica, defendia um único caminho para a "libertação " da mulher. Entretanto, "as associações femininas " nem sempre foram feministas. Muitas delas, embora constituídas por mulheres, não se empenhavam efetivamente na defesa de seus direitos, como tais. Criadas com intenções beneficentes, dirigidas por mulheres de alta renda, manifestavam uma atuação classista e conservadora, inclusive no sentido de proporcionar e estabelecer a proteção de "desprotegidos" por um sistema fechado de filantropia"⁹⁵

Não consta que Laura tenha participado de maneira organizada de nenhum grupo ou associação feminista. No entanto, sua postura a aproximava das posições anarquistas, inclusive pelo relacionamento próximo que mantinha com Otílica e das relações de amizade com Maria Lacerda. Mas os registros nos mostram que ela não ficou fora do debate instaurado no período. É possível que tenha começado por aí seu caminho

⁹⁴ Homem do Povo - no. 1. São Paulo, 27 de março de 1931, in CAMPOS, Augusto (org) PAGU: Vida e Obra, São Paulo: Brasiliense, 1982, pg. 81

⁹⁵ LEITE, Miriam L. Moreira. Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura - São Paulo: Ática, 1984 pg.34

em direção à militância política. Com a publicação de seu livro *Meia Dúzia de Fábulas*, em 1917, deliciosamente desmascara o falso moralismo em relação às mulheres e, de forma divertida e irônica, explicita uma visão política tecendo sua representação da sociedade: Na fábula "Sociedade Protetora", por exemplo, a história é sobre um terreiro, onde as galinhas com seus pintinhos e frangas amargam a "sobra da miséria", provocada pelo luxo das marrecas. Decide-se então, no terreiro, criar uma Sociedade Protetora do "sexo fraco", com a ajuda dos patos - jornalistas - que promovem grandes festas para arrecadar dinheiro. No final, a "marreca mor" é eleita presidenta da sociedade.

Certamente sua crítica foi dirigida aos valores inquestionáveis, que são insistentemente trabalhados na imprensa da época com o objetivo de "moldar" a sociedade de acordo com seus princípios de verdade. Laura responsabiliza o sistema econômico e social pela miséria em prol do luxo de poucos. Por fim, denuncia os "jogos políticos" quando concluiu que a "marreca-mor" é eleita presidenta. Segundo Octávio Brandão, a publicação desta fábula resultou no fechamento de uma associação criada por damas cariocas, que tinha como objetivo "proteger" a mulher. Por outro lado, foi um escândalo, principalmente por ter sido escrito por uma mulher. Algumas filhas de famílias "respeitáveis" foram proibidas de ler seus poemas.⁹⁶ É provável que as "marrecas" da sociedade, que dirigiam as tais entidades femininas direcionadas à filantropia, tenham se sentido atingidas, e patrocinado alguma campanha de boicote ao que Laura escrevia.

⁹⁶ *A Imagem de Laura*.. pg. 55

Sua crítica à hipocrisia em relação à moral sexual foi descrita em “Temporão”, outra fábula. A filha da viúva Raposa casou-se, mas teve uma criança seis meses e meio depois do casamento. O macaco, que era médico parteiro foi chamado e calmamente tranquilizou a pobre viúva porque estava acostumado a ver casos ainda mais “extraordinários”: nascerem crianças com quatro meses! Assim como em “Más Línguas”, é posta em dúvida a paternidade de uma criança. Laura satiriza, dizendo que seja filho de quem for, sendo filho natural, legítimo será. Em “Praga Feminina”, critica a vaidade dos galos que desprezam as galinhas inteligentes e independentes que vivem a cantar salientando que o destino delas é contentar-se com o canto da galinha da angola : estou fraca, estou fraca, estou fraca... Roga uma praga e sobre os galos presunçosos cai toda uma série de desgraças ridículas.

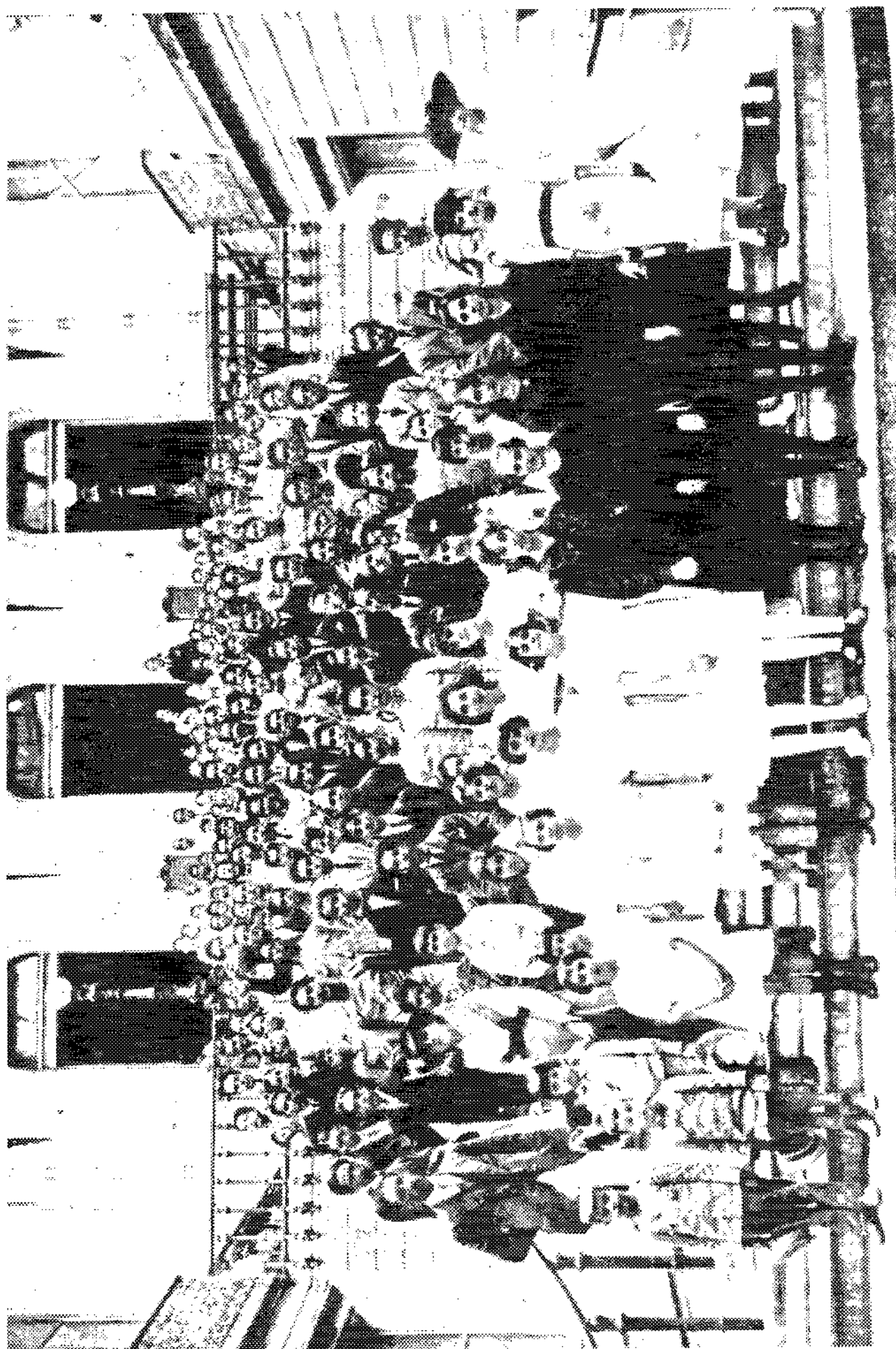
Nestas três últimas fábulas, critica a postura masculina machista que cultuava a imagem da moça recatada, como símbolo de honestidade, e a ordem patriarcal que alijava as mulheres da vida pública em todas as esferas, confinando-as na dependência emocional e financeira, primeiro do pai, e, depois, do marido.⁹⁷ Em relação à moral sexual vigente, parece concordar com Maria Lacerda de Moura quando esta escreveu: A imoralidade não está no amor fora do casamento, está no casamento ou nas uniões livres fora do Amor.⁹⁸ Ao lado das anarquistas Laura, em suas fábulas, nos dá pistas sobre como se sentia diante do puritanismo imposto às mulheres “de família” e defende o rompimento das tradições seculares da dependência feminina. Neste sentido, derrubou barreiras

⁹⁷ Sobre este assunto ver BADINTER, Elisabeth. Um Amor Conquistado . Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985 e RAGO op. cit. pgs. 74 a 83

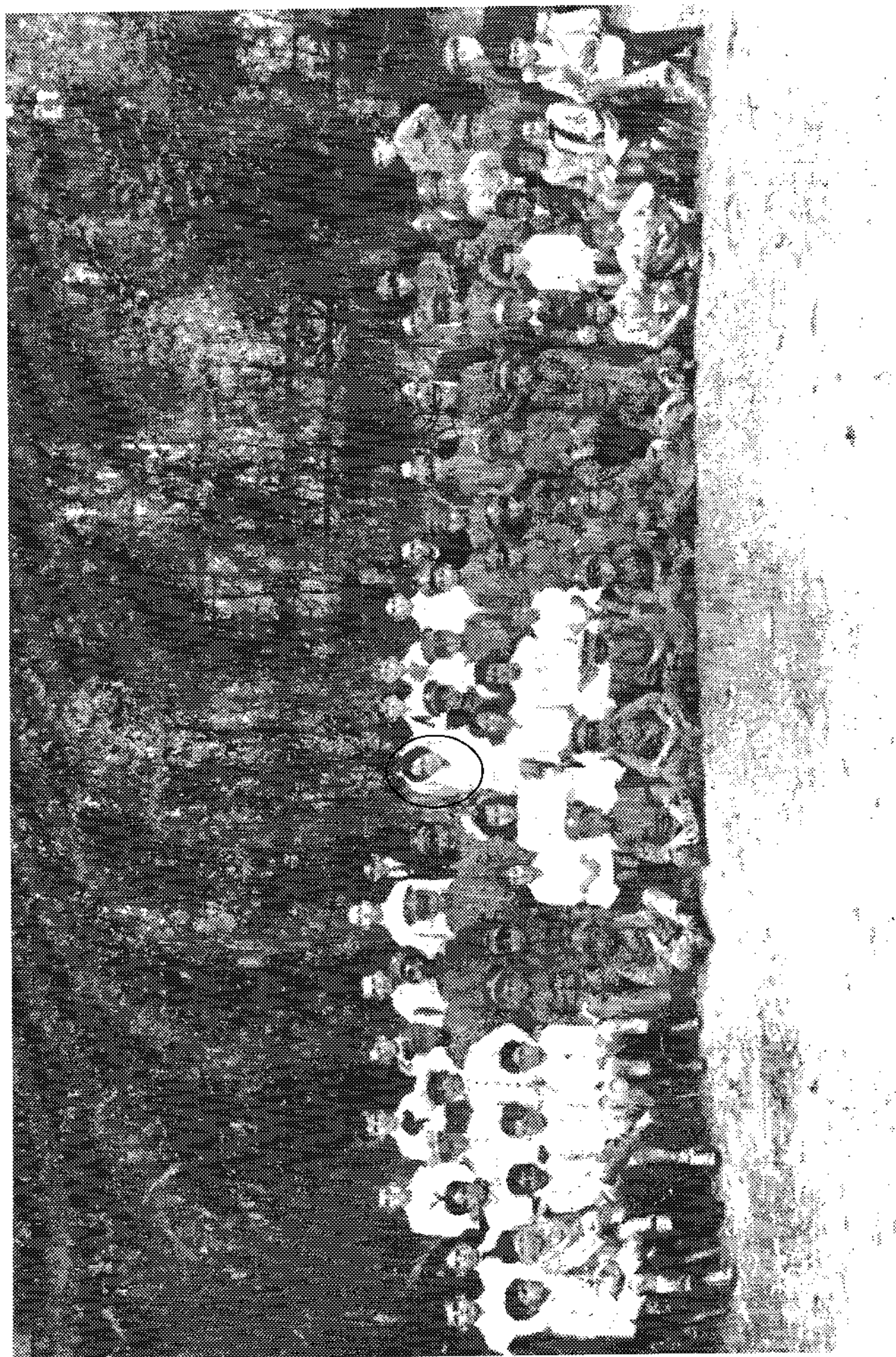
⁹⁸ MOURA, Maria Lacerda :Religião do Amor e da Beleza . São Paulo: Typ. Condor, 1916, pag. 103

vivendo sua vida de acordo com suas escolhas e concepções; ousou ser dona de sua própria história.

Laura em muitos aspectos foi representativa de sua geração, e em outros foi excepcional. Viveu e amou sem nenhuma cerimônia. Se poucas mulheres no começo deste século tiveram uma atuação político-partidária ou sindical, ela se destacou como uma mulher comunista que não aceitou a praxe da passividade feminina nas lutas sociais e políticas. Na medida que conhecemos seus sonhos e suas batalhas, ela se torna nossa contemporânea - uma mulher que acreditava firmemente que a felicidade pessoal poderia ser conquistada sem sacrificar a vida pública, e cuja luta por uma vida pessoal e pública foi árdua, obstinada e nem sempre recompensadora.



Excursão do Instituto La-Fayette ao Museu Nacional
Laura (2º) da segunda fila



Grupo de alunos da Instituto La-Fayette - RJ - 1917
Laura de branco no centro

2. Octávio

Hei de entoar cânticos da paixão [...]
ligando o tempo e os acontecimentos.

Walt Whitman

O cupido às vezes chega de maneira inesperada. Com Laura, mais uma vez foi a poesia que colocou em seu caminho Octávio Brandão, aquele que viria a ser seu companheiro até o final da vida. Octávio, jovem alagoano, iniciou seus estudos em Maceió sob a proteção de seu tio Alfredo Brandão pois, com a morte de seus pais, passara a ser tutorado por ele. Frequentando a academia em Recife nos anos de 1912 a 1914, optou por Farmacologia, quando as Ciências Naturais passaram a exercer grande fascínio sobre ele. A botânica, a mineralogia e a geologia, além da geografia, nos anos de 1915 e 1916, foram as áreas de seu interesse que se transformaram num vasto campo de pesquisa desenvolvida na região de Maceió. Apresentou os resultados de suas pesquisas em inúmeras conferências e publicações durante os anos de 1917 e 1918.⁹⁹

⁹⁹ Estes trabalhos estão reunidos em sua obra Canais e Lagoas, editado pela primeira vez em 1919, no Rio de Janeiro.

Ainda em Recife, paralelamente ao seu interesse pelas Ciências Naturais, passou a colaborar em pesquisas históricas realizadas por seu tio e historiador Alfredo Brandão sobre Zumbi e o Quilombo dos Palmares. Como autodidata, aprofundou-se sobre a história de Pernambuco e, após pesquisar sobre seus aspectos naturais e condições sócio-econômicas, publicou em 1916, no *Jornal de Recife*,¹⁰⁰ parte dessas investigações. O mesmo jornal ainda publica, neste mesmo ano, mais três artigos sobre a história do Forte do Buraco, localizado entre Olinda e Recife, no contexto da invasão holandesa.¹⁰¹

Formado em farmacologia em dezembro de 1914, retornou para Alagoas, onde passou a exercer a profissão de farmacêutico em seu próprio estabelecimento - a Farmácia Pasteur, situada à rua Santa Maria 100, em um bairro pobre de Maceió, durante os anos 1915 a 1919. Mas sua atividade na Capital Alagoana não se limitou à manipulação de fórmulas. Nessa ocasião lançou-se às atividades políticas como anarquista e revolucionário, passando a colaborar no jornal *A Semana Social* editado pelo líder anarquista Antônio Bernardo Canelas. Por esta razão, entrou em choque com as autoridades locais que, segundo ele, ficaram indignadas com a propaganda que fizera contra a Primeira Guerra Mundial protestando contra a entrada do Brasil no conflito. Em 1918, passou a lecionar história natural em Alagoas e fundou a Congregação Libertadora

¹⁰⁰ *Jornal do Recife*, 17 de maio de 1914, apud BRANDÃO, Octávio. *Combates e Batalhas*. 1o. vol São Paulo: Alfa-Omega, 1978, pg. 75.

PLANCHEREL, Alice Anabuki, defendeu em 1993, dissertação de mestrado com o título *Mémoria e Omissão: Octávio Brandão e Anarquismo*, onde ela faz uma interessante descrição da atuação de Brandão no período de sua militância anarquista, compreendido de 1917 a 1920 nas Alagoas.

¹⁰¹ Esses artigos sobre o período colonial de Pernambuco foram na época transcritos na revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco. Conforme BRANDÃO. op. cit. pgs. 75 a 77

da Terra e do Homem, que propunha a divisão da terra entre os trabalhadores rurais, entrando em conflito também com médios e grandes proprietários de terras. O alto clero católico condenou a concepção materialista de sua propaganda. Começaram os ataques pelos jornais de Maceió que, servindo de porta voz dos interesses dos setores dominantes, avisava que não admitia críticas à religião católica e que não eram permitidas reuniões operárias, sob pena da repressão policial, se preciso fosse.

Octávio Brandão, no entanto, estava envolvido até o pescoço na causa que abraçara : colaborou na organização de sindicatos , falou em comícios , escreveu e lançou jornais. Organizou os trabalhadores do porto de Jaraguá, os ferroviários da Great Wester, os tecelões, os empregados do comércio e os pescadores, chamando-os à greve defendendo as palavras de ordem do momento: oito horas de trabalho por dia! Aumento de salários! Defesa das liberdades! Rosalvo Guedes, trabalhador do comércio e ativista de rua, distribuía jornais e panfletos operários e Olímpio Sant'Ana, alfaiate-assalariado, eram seus principais companheiros. Defendeu ainda os trabalhadores rurais e apostava no dia em que "o trabalhador de enxada veria o sol da liberdade".

A repressão ao movimento operário em Maceió, no período, resultou em várias prisões, entre elas a do operário Rosalvo Guedes. Octávio, que saíra em sua defesa, foi também preso, pela primeira vez, em 13 de março de 1919. A família, envergonhada, pagou os 5 mil réis de fiança e ele foi libertado. Mas, logo chegou o aviso aos seus parentes: se continuasse defendendo tais idéias, seria novamente preso e sua vida correria perigo. Desta maneira, não era possível continuar vivendo em Maceió, sob pena de ser assassinado pela polícia. Assim, exila-se no Rio de Janeiro, onde chega em 22 de maio de 1919. Octávio pensava que na Capital Federal teria mais sorte. Levou na

bagagem o sonho de tornar-se um escritor reconhecido e conseguir um editor com interesse em publicar seu livro *Canais e Lagoas*.¹⁰²

Ainda em Maceió, o jovem Octávio Brandão adquiriu, na livraria Fonseca, o livro *Imaginação* da poeta Laura da Fonseca e Silva. O belo retrato da poeta ficou fixado em sua memória com o desejo de um dia encontrá-la. Estando no Rio de Janeiro, contou com a ajuda do amigo e crítico literário de Maceió, José Avelino Silva, para que o encontro se realizasse. O crítico escreve a ela: À laureada poeta, Dona Laura da Fonseca e Silva: Estando nessa capital da nossa grande Pátria o meu patrício Dr. Octávio Brandão, para tratar da publicação de um livro sobre os canais e as lagoas da nossa terra natal, peço permissão a V.Ex.a. para apresentá-lo, como digno de sua atenção. Este meu conterrâneo, além de representar, com brilho, a inteligência de Alagoas, priva ainda, entre seus pares, pelo seu caráter e nobres sentimentos. É um dos convictos religionários do ideal aurelado pelo estudo e pela arte; pelo que é um dos admiradores de V.Ex.a., nestas regiões que não lhe são indiferentes, porque o nome de V.Ex.a. é, com justiça, homenageada entre nós como representante da Poesia Maior. Agradecendo mais essa gentileza, apresento a V.Ex.a. o culto de minha admiração, na qualidade de compatriótico e admirador.¹⁰³

Depois de passar alguns dias numa pensão no Largo do Machado, Octávio Brandão mudou-se para outra pensão situada na Rua Sachet 11, 2o. andar: o mesmo endereço onde morava Laura, com a mãe e os dois irmãos, num quarto do 3o. andar. O tio Alfredo Brandão morava à Rua Joaquim Nabuco, em Copacabana. Mas ele opunha-se

¹⁰² BRANDÃO. op. cit. 69 a 83, 126 e 127

¹⁰³ Carta manuscrita e assinada por José Avelino Silva, Maceió 29 de junho de 1919

às idéias que o sobrinho defendia e, por este motivo, romperam relações. Portanto, Octávio não pôde, em sua chegada ao Rio de Janeiro, contar com a hospitalidade e o apoio daquele que passou a ser seu tutor após a morte de seus pais. O jovem recém chegado do nordeste foi logo procurando os lugares onde pudesse conhecer pessoas e fazer-se conhecido. Aos sábados, visitava a livraria Garnier, na Rua do Ouvidor 109, onde conheceu o professor José Oiticica e outros literatos da época. Conheceu também o jornalista Astrojildo Pereira, a quem visitava frequentemente em Niterói.

É difícil saber se o acaso resolveu ser generoso com o casal, colocando-os no mesmo prédio, ou se Octávio, propositadamente, descobriu o endereço da poeta e, por sorte, encontrou uma vaga no mesmo edifício. De qualquer forma, tudo agora parecia ter ficado bem mais fácil. O destino e Octávio já haviam feito suas partes. Assim, na varanda de seu quarto, numa tarde, Laura contemplava o entardecer. Octávio, atraído pela sua presença, olhou para cima e, nas palavras de Lúcia, sua segunda mulher que provavelmente deve ter ouvido isto dele, "o primeiro olhar foi fulminante. Octávio não pôde esconder seu encantamento pela beleza da moça".¹⁰⁴ Logo descobriram que se tratava de Octávio, apresentado pelo crítico de Maceió, e de Laura, a poeta tão procurada por ele. Este é o começo de uma longa história, de alegrias e tristezas, cujo início deveu-se ao interesse compartilhado pela poesia.

¹⁰⁴ Conforme depoimento de Lúcia Prestes Brandão [mulher de Octávio Brandão no segundo casamento] em entrevista no Rio de Janeiro em 15/07/93

Após o primeiro encontro, muitos passeios são programados e Laura, como cicerone, apresentou a ele os lugares belos do Rio de Janeiro, tais como o Curvelo e o caminho do Silvestre, Paineiras, Corcovado, floresta da Tijuca, Copacabana, Ipanema, Paquetá, Ilha da Boa Viagem. Octávio conheceu o Rio de Janeiro pelos olhos de Laura. Iam juntos ao Teatro Municipal para ouvir seus concertos preferidos como as peças de Beethoven e Wagner, em especial o *Idílio de Siegfried*. A Biblioteca Nacional também testemunhou o início da paixão que nascia e crescia a cada dia. Lá, discutiam sobre a literatura universal: Goethe, Luís de Camões, o preferido de Laura, Heine, Shakespeare, Tolstoi. Leram as obras de poetas da Índia Antiga, Roma e Grécia Clássica como: Lucrécio, Eurípedes, Virgílio, Sófocles, Homero, Viasa, Valmiki e Dalidasa.

Entre as paineiras, Walt Whitman, com o seu livro de poemas *Folhas das Folhas de Relva*, inspirava o romance que juntos liam no caminho luminoso do Silvestre. É difícil descrever o sentimento das pessoas. No entanto, neste caso, podemos conjecturar de acordo com a imagens que Octávio nos deixou. Laura era um ser sublime, que ele descreve de forma superlativa: "no caminho do Silvestre ou no caminho das Paineiras, Laura, toda de branco era uma visão de sonho. Transfigurava-se. Contemplava a beleza das paisagens. Respirava com toda força o ar puro da montanha e da floresta. Seguia com o olhar o vôo dos colibris. Embebia-se do canto dos pássaros. Aspirava o perfume das flores silvestres. Brincava correndo atrás das

borboletas - brancas, azuis, multicores. Saturava-se de luz de cores, de sons, de perfumes. Recitava suas poesias às cigarras e aos pássaros, diante do oceano, das florestas, das montanhas".¹⁰⁵

Laura também dispensava muita admiração ao namorado. Octávio ministrou conferências sobre a região dos canais e das lagoas. Na Sociedade Geográfica e no salão da Biblioteca Nacional, falou sobre história natural. Ao mesmo tempo, na sede dos sindicatos operários fazia conferências sobre os problemas sociais, em defesa das idéias libertárias. Em todas, Laura era seu público certo e é muito provável que fosse ela quem mais o inspirava, como ele confessa anos depois.¹⁰⁶

Octávio começa, ainda em setembro, segundo ele inspirado em Laura, a escrever o seu livro *Veda do Mundo Novo*. Termina em um mês. O livro é redigido em formas de aforismos inspirados na tradição filosófica hindu. O autor defende no livro a concepção libertária de organização social, a autonomia individual, a supressão tanto da exploração econômica e das desigualdades sociais quanto do Estado. Suas idéias anarquistas assim se expressam, em *Véda do Mundo Novo*: " Não digo que este Evangelho Anarquista seja a verdade; mas tenho a certeza de ser um atalho que poderá atingir a estrada imensa da Verdade [...] Não nego que, fora do pensamento livre, se possa ser grande. Mas afirmo que se fica maior, dentro do pensamento libertário [...] Nego a todos os governos, e em especial ao brasileiro, o direito de

¹⁰⁵ BRANDÃO, Octávio. op.cit. pgs.138 e 139. Ver também *A Imagem de Laura*, pgs. 81 e 102

¹⁰⁶ Idem, pg. 158

perseguir a obra incomparável dos libertários".¹⁰⁷ Em 1920, com a colaboração dos sindicatos da construção civil, sapateiros, eletricitistas e tecelões que ratearam entre os operários a quantia de quatrocentos e setenta e cinco mil réis, foi possível publicar o livro que custou seiscentos mil réis. O restante, Octávio pagou com suas economias e o livro pôde ser, finalmente, impresso na tipografia Tipo-Arte com a tiragem de dois mil exemplares.

O sonho de tornar-se um escritor reconhecido parecia que estava mesmo difícil. Com o livro *Canais e Lagoas*, as dificuldades para encontrar um editor também foram muitas. O livreiro e editor Leite Ribeiro, que teria gostado do livro, lamentava-se. "Um livro sobre Alagoas? Se fosse sobre São Paulo..." Octávio tinha 1:750\$000 das economias feitas em Maceió. Com esta quantia foi possível a impressão de quinhentos exemplares nas oficinas do *Jornal do Comércio* e editados pela livraria de Jacinto Ribeiro dos Santos, situada na rua São José 82, em 14 e outubro de 1919. O primeiro exemplar foi oferecido à Laura, o que ela respondeu, segundo Octávio, com uma carta apaixonada.

Unidos primeiramente pela poesia e depois pelo ideal libertário, os encontros entre eles eram cada vez mais frutíferos, cheios de idéias novas e sentimentos amorosos cada vez mais intensos. Assim, ficaram noivos. Era janeiro de 1920, e para

¹⁰⁷ Idem. Embora o livro defenda com clareza as idéias anarquistas, mais tarde o autor lamenta-se: "a obra tinha uma série de falhas... Cometeu desvios causados pelo voluntarismo e pelo individualismo pequeno-burguês" pg. 187

fugir do verão rigoroso do Rio de Janeiro, vão à Petrópolis. Na cidade serrana, Laura escreveu o poema “Céu Estrelado”:

O meu rosto seria um Céu estrelado
Se refletisse todo o Céu da minha mente:
Cheio de estrelas, lado a lado
- Cada estrela um ideal resplandecente!

[...]

O meu rosto seria um Céu todo estrelado
Limpidamente
Lindo
Ouvindo
As tuas preces,
Se cada beijo que me desses
Ficasse no meu rosto imaculado,
Tremulamente
luzindo....

Depois da paixão mal sucedida pelo poeta Hermes Fontes, Laura não escondia a felicidade que desfrutava ao lado de Octávio. Sem medo de confessar-se apaixonada escreve, logo depois, a poesia “Vem”:

Que linda aquela estrela...Como brilha!
Dir-se-ia
que se molha toda em luz
[...]
No entanto, aquela estrela brilha de saudade
Do próprio sol [...]

Na vitória,
No céu do amor, no céu da glória
Humana estrela,
Tenho saudade
Do meu sol também
E refulgindo pela imensidade,
Pela noite da ausência, anseio a alvorada de Alguém

**Anseio a aurora da presença tua - VEM !
Sol - quero desmaiar como a estrela do além !**

Laura confessa: a ausência do amado, mesmo que seja por uma noite, estava ficando insuportável. Talvez desejasse para si não algo de extraordinário, mas um grande amor, uma experiência natural, cotidiana, um casamento que fugisse das regras e códigos vigentes. A solidão do seu quarto era expressada no seu poema “Pesadelo”, publicado no livro *Serenidade*, em 1918:

**O pesadelo
É um sonho que parece realidade
É um verdadeiro alívio interrompê-lo
-Sonho que morre sem deixar sandade.**

[...]

**Foi-se o medonho
Pesadelo! A alvorada ei-la afinal!
E a realidade pareceu-me um sonho
- Sozinha no meu leito virginal.**

As possibilidades de ser diferente, de ter coragem de transgredir normas, são infinitamente numerosas. No entanto, as famílias de ambos esperavam que o casamento fosse oficializado. Os dois acreditavam na verdade do amor que os unia e defendiam que não precisavam da benção da Igreja, instituição contestada por ambos, e nenhuma lei seria necessária para que a união fosse selada .

"Apenas as verdades descobertas pela razão são irrefutáveis; apenas essas podem ser explicadas a todos. Pobre realidade, dependente de seres humanos que acreditam nela e a confirmam. Pois ela, assim como sua confirmação, é transitória e nem sempre apresentável."¹⁰⁸ Acreditando na transitoriedade da verdade imposta e convenientemente confirmada, apostavam que o amor não precisava de leis que o regulamentasse. Talvez pressentissem que nem todo encontro entre as pessoas fosse um acaso. O sentimento que os unia levava-os à um mundo de sonhos do qual somente a razão mostrava o limite.

E desta maneira, no outono, casaram-se no dia 20 de abril de 1921, "sem padre e sem juiz" ¹⁰⁹. Tiveram que pagar um preço por essa decisão. As famílias de ambos reagiram prontamente. A família de Octávio, do lado materno, era tradicionalmente religiosa, e entre eles vários se tornaram padres, um bispo e um cardeal, afora as beatas. O acontecimento caracterizado como um desafio inaceitável mereceu até um artigo em um jornal clerical de Maceió, condenando a atitude dos noivos. O tio Alfredo Brandão rompeu as relações pela segunda vez. O irmão de Laura, que rompeu relações definitivamente, ameaçou matar Octávio. Nem mesmo Jacintinha e Dominginhos conseguiram aprovar a decisão, rompendo, igualmente, as relações com o casal.

¹⁰⁸ ARENDT, Hannah. Rahel Vernhagen : A vida de uma judia alemã na época do Romantismo. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1994 - pg.22

¹⁰⁹ BRANDÃO, Octávio. op.cit. pg. 160

Nenhum ser humano pode isolar-se das coisas comuns, porém indispensáveis, que o dia a dia exige e que as pessoas precisam, mesmo que, minimamente. Era o aluguel, a alimentação, o vestuário, o transporte. Apesar do idealismo que os unia, o casal apaixonado precisava pensar como prover o sustento da família, que em breve seria maior, pois Laura engravidou logo após o casamento. Octávio não havia conseguido trabalho. Com os oito contos de réis conseguidos com a venda da farmácia de Maceió , foi possível comprar outra , embora menor, no Rio de Janeiro, situada à Rua São Francisco Xavier 228, um mês antes do casamento. Houve alguns problemas com a legalização dos documentos para transferir a farmácia para seu nome. O vendedor enganou-o, pois a farmácia estava no nome de uma terceira pessoa. Com a burocracia, acabou perdendo dinheiro. Cinco meses após, foi preciso transferir a farmácia para outro local menor ainda. Mudou-se então para à rua General Câmara 307. Na verdade, era uma sala com uma única porta. Com dificuldades para manter-se como farmacêutico, deixou na farmácia um prático e passou a trabalhar na Companhia SKF como datilógrafo, na seção de correspondência. Laura, nesta época, lecionava no Colégio Batista ajudando a suprir o orçamento doméstico.

Após o casamento, foram morar nos fundos do primeiro endereço da farmácia. Algum tempo depois, mudaram-se para rua Monte Alegre 167, no bairro de Santa Teresa, onde alugaram um quarto na casa de uma família portuguesa. Um ano

depois, na mesma rua, nasceu a primeira filha. Deram-lhe o nome de Sáttva - que significa: luz, ritmo, harmonia, bondade, sabedoria. Tratava-se de uma homenagem aos poetas e pensadores da Índia Antiga. O nascimento, assim como a morte, fazem com que as pessoas relevem seus ressentimentos. O pai de Laura reataram relações com ela e Octávio. É provável que o sentimento de avós tenha contado mais. Afinal, era a primeira neta! Ainda no mesmo endereço, nasceu a segunda filha, Vólia, em 1923. Desta vez, a homenagem era para os bolcheviques. Vólia é uma palavra russa, que significa vontade. O quarto que alugavam não comportava mais a nova família. Mudam-se para a rua do Curvelo 11, também em Santa Teresa. Neste endereço, nasceu a terceira filha, Dionysa, em 1925. O nome, que significa expansão, foi uma homenagem aos poetas e pensadores da Grécia Clássica. A quarta e última filha, nasceu bem mais tarde, em 1932, em Moscou, onde a família morou durante o exílio. Valná, significa onda. O nome era também uma homenagem aos revolucionários russos.¹¹⁰

Logo após o casamento, em 1921, realizou-se no salão da Biblioteca Nacional uma homenagem à memória de Castro Alves. Entre os convidados estavam os escritores e artistas da época. Laura foi convidada a recitar uma poesia do autor. Segundo a lembrança de Octávio " Laura chegou toda de branco, os longos cabelos negros envolvendo a fronte como um laurel. Subiu o estrado para recitar. Seu rosto ficou todo iluminado. Transfigurou-se. Os olhos brilharam cheios de vida, de emoção e lirismo. No silêncio profundo, as estrofes imortais do fragmento sobre

¹¹⁰ BRANDÃO, Octávio. op.cit. pgs.154, 155, 160 e 161. e A Imagem de Laura : pg. 113

a cachoeira de Paulo Afonso foram rolando como uma catarata de harmonias...¹¹¹. Entretanto, a vida de Laura começava tomar outros rumos. Declamadora e poeta reconhecida pelo seus pares, aos poucos, foi deixando os salões.

Os intelectuais e literatos como Alberto de Oliveira, Nestor Victor, Coelho Neto, Hermes Fontes, Clóvis Beviláqua, João Ribeiro, entre outros, todos admiradores e amigos de Laura, apesar de brilhantes eram porta-vozes, segundo Octávio, de posições ideológicas consideradas burguesas.¹¹² Autodidata obsessivo, Octávio foi também um famoso criador de casos e não foram poucas as divergências registradas por todos os lugares onde passou. É muito provável que esta tenha sido uma das razões pelas quais, aos poucos, ela tenha se afastado definitivamente do ambiente literário. Ela, que até então fazia parte de uma elite intelectual, que havia se firmado na sociedade patriarcal como mulher e conquistado, pelo seu talento e personalidade, respeito e visibilidade, depois que encontrou Octávio saiu deste universo e se meteu num mundo considerado marginal e obscuro, o dos comunistas¹¹³.

¹¹¹ *A Imagem de Laura*. pg. 100

¹¹² BRANDÃO, . op.cit. pg. 140

¹¹³ Marginal do ponto de vista do universo social que até então ela viveu. No entanto, no período, do ponto de vista de partido de esquerda era o que existia como perspectiva de intervir nos destino da Nação.

Por esta ocasião, Alberto de Oliveira, num encontro com Octávio, na Livraria Alves, à rua do Ouvidor, constatando que há tempo Laura nada publicava alertava: "Não deixe emudecer a grande voz de Dona Laura"¹¹⁴

Mas ela própria já pressentia que a poeta estava morrendo desde 1919, quando escreveu o poema "Aurora e Poente", dedicado a Octávio :

E se eu fosse feliz?... De vez em quando,
Agora
Me ponho
A imaginar, fico pensando
Desde que me surgiste
Inesperadamente
No triste
Poente,
Sem matizes, do meu sonho,
Como uma exuberante aurora
Colorida
Que me exalta a reerguer o meu Dia da Vida!

A minha vida é bem meu livro derradeiro
A tua vida é como o teu livro, uma estréia!
o teu primeiro livro, a mais justa esperança
Dos livros que hão de vir, glorificando a idéia
Do Futuro-Maior que o teu valor alcança!

Quando nasceste
Eu já sabia ler... e estréias a tua arte
Quando eu acabo na minha arte neste
Contraste há luz que chega e luz que parte...

O teu Dia começa, o meu Dia termina:

Teu Sol levante! minha Estrela Vespertina...
E se eu fosse feliz?...E se ressuscitasse
O meu dia que morre em teu dia que nasce?...

¹¹⁴ A Imagem de Laura ... pg. 59

Octávio, concordando que os caminhos de Laura a partir de então estavam submetidos ao seu destino, respondeu com o poema “Reflorir”:

**Sol poente de hoje é o sol nascente de amanhã
Toucando a serrania, o valado, a rechã.**

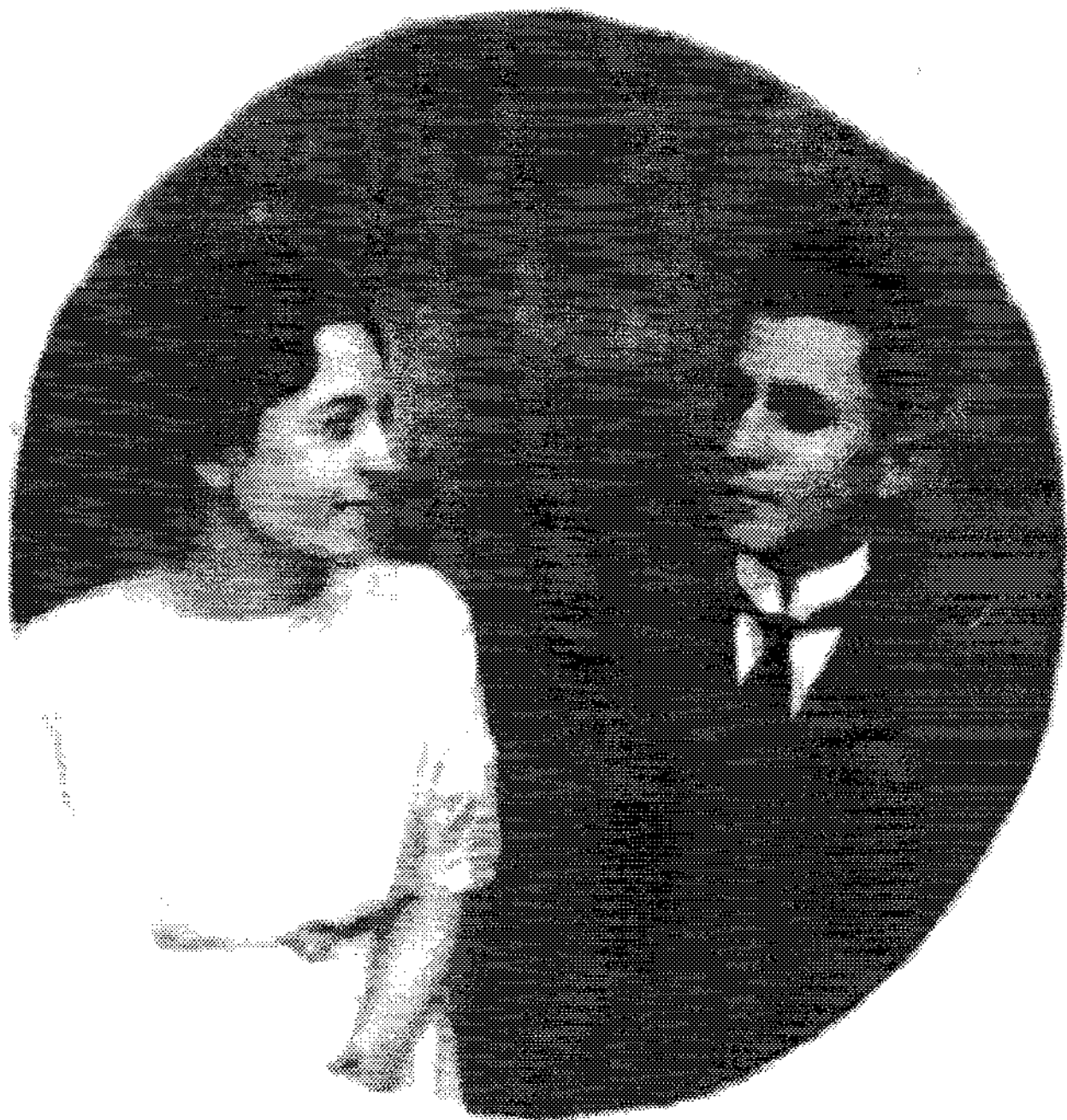
[...]

Sabes que é ser esposa, o amor, de um homem como eu?

**Poderás ressurgir. Mas a ressurreição
Será grito de guerra e pean de redenção**

**Se te sentes com força, eleva-te à Montanha
Vem comigo, a abraçar a minha alma tamanha.**

Sua voz não emudeceu. No entanto, mudou de tom. Assim ela passa a ser ouvida nas ruas, nas praças, no plenário da câmara municipal, nos sindicatos, nos comícios.



Laura e Octávio Brandão alguns meses antes do casamento - 1920

CAPÍTULO III
DOS SALÕES AOS COMÍCIOS

1. Flamboyant

"contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo..."

Walter Benjamin

Na pequena e bucólica rua do Curvelo, rodeada de flamboyants com suas flores rubras contrastando com as trepadeiras de variadas cores, as revoadas dos pássaros, os beija-flores e borboletas completavam a paisagem que inspirou poesia, pelos menos para dois de seus moradores: Laura e Manuel Bandeira. Talvez tenha sido o acaso que reuniu no bairro de Santa Teresa, naquela pequena rua de cerca de meio quilômetro de extensão, na terceira década deste século, pessoas como Nise de Silveira, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Rachel de Queiroz, Laura e Octávio Brandão, mas também, Álvaro e Zólia Teixeira Abreu, Júlio e Ester Hauer, Sana-Khan - um armênio que dedicava-se à quiromancia, Dona Mariquinha, mulher de um velho alfaiate. No entanto, há quem duvide¹¹⁵. Nas palavras de João do Rio, as ruas sempre escondem seus mistérios e as de Santa Teresa estão entre elas. "um cavalheiro salta no Curvelo ... e quando volta

¹¹⁵ Nádia Abreu Teixeira, filha de Álvaro e Zólia Abreu Teixeira, aposta que pelo menos Zólia Abreu Teixeira, Nise da Silveira e Laura Brandão já se conheciam anteriormente e que o fato de, em um determinado período, se reunirem na pequena rua do Curvelo não foi nenhum acaso. Sua mãe viera do Espírito Santo, em 1928, e em pouco tempo estabeleceram-se laços muito profundos entre eles. Na sua opinião, a coincidência pode ter sido uma espécie de acerto político entre companheiros, conforme depoimento gravado em 18 de junho de 1994 no Rio de Janeiro.

todas as ruas perguntam que deseja ele. Em geral, procura-se o mistério da montanha para esconder um passeio mais ou menos amoroso ... é descobrir o par e deitar a rir proclamando aos quatro ventos os acontecimentos."¹¹⁶ Ao que parece, nossos protagonistas da rua do Curvelo não escondiam nenhum caso amoroso; mas alguns deles proclamavam aos quatro ventos seus sonhos e suas utopias, e o que os unia talvez fosse a perspectiva de construir um mundo novo. Cada um a seu modo, sonhavam com a libertação humana.

Acaso ou não, a verdade é que estas pessoas acabaram atuando de maneira muito direta na rotina do número no.11 da rua, onde Laura viveu com a família de 1923 a 1931. Havia uma pequena casa térrea na frente; nos fundos, perigosamente debruçada sobre o morro numa altura de quinto andar, a residência dos Brandão de cujas janelas a baía de Guanabara, o Pão de Açúcar e o Oceano Atlântico podiam ser vistos com privilégio. Na sala da pequena casa, havia três camas das filhas, uma mesa e algumas cadeiras, uma estante cheia de livros e, na parede, retratos de Goethe, Walt Whitman e Lenin, expressando a admiração dos moradores.

Nem mesmo as dificuldades financeiras impediam que Laura procurasse um toque de elegância e beleza em seu cotidiano. Sua casa era cuidadosamente arrumada, embora tudo fosse muito simples. Mantinha sempre um ambiente agradável e

¹¹⁶ RIO, João. op.cit. pg. 17

harmonioso, e havia sempre sobre a mesa um vaso com flores.¹¹⁷ Laura preocupava-se com a aparência, e gostava de vestir-se bem. Sempre que precisava ir à rua, mesmo que para agitação política, usava um chapéu de palha marron escuro, rodeado de um pequeno ramo de roseira com folhas e flores. Gostava de roupas claras. Em geral, preferia vestir-se de branco com tecidos de linho ou seda.¹¹⁸

Este mesmo cuidado e carinho ela também dispensava às filhas. Certo dia, desabou um grande temporal com ventania, relâmpagos, trovões. Dionysa, com quatro anos, encolheu-se e desabou em choro, com medo da tempestade. Laura tomou-a nos braços e, no momento do estrondo dos trovões, levou-a à janela e mostrou a baía de Guanabara toda riscada pelas luzes dos relâmpagos, acalmando-a : veja como é bonito ! "Assim era Laura, esta era a sua maneira de estar no mundo, descobrindo beleza em todas as coisas".¹¹⁹ Nem mesmo a falta de dinheiro fazia com que ela passasse negatividade ou tristeza para as filhas. Quando saía para passar dias fora do Rio, as meninas pediam que ela trouxesse suspiro e beijinho de coco. Como geralmente não tinha dinheiro, na volta ela dava um beijo em cada uma e suspirava dizendo : "aqui estão

¹¹⁷ A respeito do ambiente harmonioso na casa de Laura, BASBAUM escreve em seu livro de memórias: " ... Octávio era casado com uma mulher inteligente e culta, Laura Brandão, que escrevia belos poemas, e tinha mesmo livros publicados [...] era agradável visitar a casa deles, onde tudo estava sempre bem arumado, e sempre havia um cafezinho para nos servir" . BASBAUM, Leôncio. Uma Vida em Seis Tempos : Memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1976 , pg. 66

¹¹⁸ A Imagem de Laura.... pg. 106

¹¹⁹ Depoimento escrito e assinado por Nise da Silveira, Fundo Octávio ... pasta 123

os beijinhos de coco e os suspiros que vocês me pediram".¹²⁰ Dionysa lembra-se de como viviam e hoje, sete décadas depois, pondera: " havia uma certa cumplicidade entre nós. Como sabíamos da falta de dinheiro, a gente só pedia o que era possível. Eu não me sentia pobre pois tinha tudo, educação e perspectiva de vida ".¹²¹

O cuidado de Laura com as filhas deixou lembranças na pequena menina Norma, vizinha da rua do Curvelo, que no período tinha cinco anos: "as meninas de dona Laura eram muito arrumadinhas, isso eu me lembro bem", diz ela, "pois eu e minhas irmãs não éramos." Outra coisa que marcou em "dona Laura": "a gente sempre se referia às mulheres da rua como a mãe do fulano, pois às vezes não sabíamos o nome da mãe do amigo. Com dona Laura era diferente, era a dona Laura, e a Sáttva, Vólia e Dionysa é que eram as filhas dela." ¹²²

Nas memórias de Lycio, que no período tinha dez anos de idade, não é diferente. Lembra da tranquilidade que viviam na pequena rua de Santa Teresa. No verão, as vizinhas conversavam na calçada e as crianças brincavam na rua até nove horas da

¹²⁰ Conforme depoimento de Nádia Abreu, recordando-se das histórias que sua mãe Zólia contava sobre Laura, gravado em 18/06/94, no Rio de Janeiro.

¹²¹ Conforme depoimento de Dionysa Brandão cedido ao Arquivo Edgard Leuenroth, gravado em 18 de junho de 1992 no Rio de Janeiro.

¹²² Conforme depoimento gravado com Norma Hauer, filha de Júlio e Ester Hauer - vizinhos de Laura na rua do Curvelo - em 16 de Julho de 1993, em Petrópolis-RJ.

noite. O menino Lycio, apaixonado por Vólia - filha de Laura -, mantinha o olhar atento para casa no. 11 da rua do Curvelo. As casas todas tinham a porta da frente dividida ao meio e davam diretamente para rua. Com o calor do Rio , as portas ficavam sempre abertas. Então, o menino observava que , à noite, Laura arrumava as meninas, dava-lhes um copo de leite e contava-lhes estórias. "Engraçado" diz ele, "parece uma coisa tão insignificante, mas para mim não era, pois minha mãe não fazia o mesmo. Eu admirava muito dona Laura, primeiro porque eu a achava muito bonita, e também porque ela tinha uma personalidade muito forte. Na vizinhança, todos diziam que ela era o *homem da casa*. E olha que o marido dela era um homem de personalidade", acrescenta ele. "Alguma coisa de diferente que eu não sei definir marcava a personalidade dela. Andava sempre depressa, com passos firmes; de longe era possível reconhecer quando ela vinha chegando... Tinha sempre um olhar firme e decidido. Contava-me histórias sobre a guerra do Paraguai e as mocinhas da rua sempre a procuravam para conversar. Nunca se metia nas intrigas da rua. Talvez seja por isso que a imagem de dona Laura ficou tão fortemente marcada em minhas lembranças de menino..."¹²³

Quando Sáttva completou seis anos de idade, Laura começou alfabetizá-la. Vólia que tinha cinco anos, quis também aprender. Laura comprou para ambas *A Cartilha das Mães*, onde cuidadosamente escreveu o nome de cada uma. Só após aprenderem as

¹²³ Conforme depoimento de Lycio Hauer, filho de Júlio Hauer e Ester Hauer, em entrevista gravada no dia 17 de julho de 1993, em Petrópolis -RJ.

primeiras palavras, aprenderam o alfabeto todo. Uma vez alfabetizadas, Laura dava-lhes como tarefa de leitura as poesias de Olavo Bilac e as fábulas de Esopo. Liam também os poemas de Laura , em especial *Meia Dúzia de Fábulas* e Laura explicava porque este livro fora tão criticado pela "burguesia" na época de sua publicação. A palavra "burguesia" era sempre repetida para que as crianças desde cedo aprendessem o seu significado. Ensinou também a primeira estrofe em francês de *Marselhesa* , recitava Dante, falava de Petrarca e dos mitos da Grécia antiga. Octávio as corrigia lembrando das regras gramaticais e Laura, quando queria realçar alguma coisa de gramática, citava os poemas. Em casa, enquanto fazia seus afazeres, Laura declamava os poemas de Camões, Castro Alves, Gonçalves Dias e assim as meninas aprendiam novas palavras e novas construções gramaticais.¹²⁴

Com Laura e Octávio aprenderam bastante da história recente do Brasil, pois eles contavam as suas experiências vividas. Vólia relata que mantém muito viva em sua memória a história do Quilombo dos Palmares e desde pequena sabia quem era Zumbi. Octávio havia viajado a pé por toda aquela região e cantava uma 'toada" daqueles tempos: "Samba negro, branco não vem cá, / Se vier - pau há de levar!" . Para que as meninas gravassem o ano da revolução Francesa, Laura ensinou que elas deveriam memorizar : "7" , depois vem "8", depois "9" e teriam então 1789. Desta mesma maneira aprenderam

¹²⁴ Conforme depoimento escrito de Vólia Brandão de Miguelena - México, 26 de junho de 1995

geografia. Embora Laura tenha adquirido um Atlas com muitos mapas, contava as peculiaridades de cada estado lembrando das suas viagens pelo Brasil quando criança. Igualmente, usava a poesia quando queria que as meninas gravassem nomes. Falando dos maiores rios, ela recitava : " O Nilo não fale, / O Mississipi se cale, / Que o Amazonas sou eu "¹²⁵

Se Laura levava as meninas para os comícios e até mesmo para as reuniões sindicais, também as levava ao teatro. Vólia relata a vez que foram ao Teatro Municipal assistir à ópera *Príncipe Igor*, do compositor Borodín, apresentado por uma companhia russa que estava no Rio de Janeiro. Brandão, como intendente, tinha um camarote reservado no teatro. Com esta facilidade, estes passeios eram frequentes.¹²⁶ Neste mesmo teatro, em outra ocasião, Laura era observada por uma das espectadoras, intrigada com a cena que vira ao seu lado: sentada na primeira fila, com Dionysa no colo, Sáltva e Volia ao lado, Laura tinha uma expressão de alegria nos olhos e, com um semblante sereno e riso claro, respondia com voz baixa e meiga às perguntas que as filhas lhe faziam. Foi então que a jovem mulher ao seu lado indagou : "a senhora não acha que são muito pequenas para este concerto?" Ela sorrindo, passando carinhosamente a mão em cada uma das cabeças das meninas, respondeu: "nunca é cedo demais para se

¹²⁵ Idem

¹²⁶ Idem

conhecer o que é belo. É preciso acostumar as crianças, desde pequeninas, com a beleza!"¹²⁷

Embora fosse uma pessoa afável e cordial, Laura não era de intimidades e nunca visitava a vizinhança. Mas Nise ia quase todos os dias à sua casa e freqüentemente almoçava com ela. Nise havia sido uma menina rica que, com a morte do pai, viera "naufragada" para o Rio. Laura contribuiu muito para que Nise se adaptasse na sua nova condição de mulher pobre e descobrisse que era possível ser feliz e alegre. Com Brandão, as relações de Nise eram tumultuadas. Ela era apaixonada por Tolstói e Brandão a criticava por isso. Nas discussões, Laura ficava quieta, de fora, e sorria. Preparava um cobertor no chão, perguntava o que queriam ler. Brandão e Nise deitavam neste cobertor, ficando horas lendo. Liam *Le Monde*, revistas francesas e outros periódicos. ¹²⁸ Zólia Abreu e Ester Hauer também faziam parte de seu círculo íntimo de relações. Quando saía para suas atividades políticas, era com uma delas que as crianças de Laura ficavam - inclusive foi a família Abreu que recebeu em sua casa, no Rio de Janeiro, Dionysa, Valná e Octávio, quando voltaram do exílio em 1946.

¹²⁷ Conforme depoimento escrito de Lia Correa Dutra, datado de 28 de julho de 1958, Fundo Octávio... pasta no.123

¹²⁸ Conforme depoimento de Nise da Silveira cedido ao Arquivo Edgard Leuenroth, gravado em 19/06/92, no Rio de Janeiro. NISE DA SILVEIRA, médica psicanalista, foi fundadora e diretora do Museu do Inconsciente, no Rio de Janeiro.

Certa tarde de domingo, Octávio não estava em casa. Provavelmente estivesse em alguma reunião partidária. Chegou na casa de Laura um jovem dizendo que era um parente nordestino de seu marido. Contou uma estória, pediu dinheiro e Laura acabou dando. Algum tempo depois soube que não era verdade e que havia caído no conto do vigário. Mesmo assim não perdeu o humor e compôs:

Era uma vez
Um primo burguês
Que deu um logro
Em vocês três

Foi nesta pequena rua que Laura viveu o período mais importante de sua militância política. Como já sabemos, a partir de 1919 sua vida tomou outro rumo. A poeta festejada nos salões engajou-se ao movimento social e político no qual exerceu sua militância como ativista de rua. Sempre presente com "as filhas pelas mãos" nos acontecimentos que marcaram o movimento operário da época, atuou nos comícios, greves e reuniões sindicais. Sua militância deu-se ao lado do Partido Comunista do Brasil, que nos anos quarenta se transformaria em Partido Comunista Brasileiro, embora nunca tenha tido ligação orgânica com o Partido. Sua recusa em integrar-se formalmente ao PCB constitui um enigma. Talvez fosse devido ao desagrado pela posição secundária que o Partido atribuía às mulheres, ou porque discordasse da postura de atrelamento e subordinação imposta à militância. Por outro lado, o Partido exigia de seus militantes um compromisso em tempo integral, e Laura tinha que dar conta sozinha das filhas e da

rotina doméstica para que Octávio pudesse dedicar integralmente seu tempo à militância. Lembrava sempre a fábula “o Lobo e o Cachorro” de Lafontaine, para defender sua maneira livre de viver a militância política. A fábula conta a história de um lobo que vivia faminto na floresta quando um cachorro robusto falava-lhe da comida farta e até das carícias que recebia de seu dono. O lobo já sonhava com a nova vida que poderia vir a ter quando descobriu que todas aquelas regalias tinham um preço: o cachorro vivia preso em uma coleira e só podia fazer o que o seu dono ordenasse. Amava a liberdade, por isso tinha aversão por grades e pelo barulho de chaves, pois lembravam a prisão. Das prisões - quatro ao todo - pouco restou, a não ser um sentimento de solidão e impotência. Na memória de seus descendentes ela é lembrada como uma mulher ativa, emancipada, humana e generosa. Não admitia intromissões em sua vida. Manteve sempre sua independência de espírito e, apesar dos anos duros que viveu, atravessou o mundo com paixão.

* * *

O Brasil viveu no ano de 1922 acontecimentos de grande significação. Em fevereiro, acontecia a *Semana de Arte Moderna*, iniciando um processo de revisão crítica e abrindo novos caminhos à arte e à literatura. A pintora Tarsila do Amaral, amiga e admiradora de Laura, ligou-se aos modernistas em 1922, casando-se com Osvald de

Andrade em 1928. É muito provável que Tarsila tenha compartilhado com Laura os acontecimentos culturais que sacudiram a cidade de São Paulo nesta época. Afinal, a poesia e a literatura declaradamente faziam parte de suas paixões. No entanto, também em maio deste mesmo ano nascia a primeira filha de Laura. Desta maneira, em fevereiro ela estava no sexto mês de gravidez. Como a semana aconteceu em São Paulo e considerando ainda a distância e as dificuldades de transporte, pode-se conjecturar que tenha sido esta uma das razões para que Laura tenha ficado fora deste importante acontecimento.

Por outro lado, neste período ela já havia "rompido" com os literatos considerados "burgueses" e, para o novo círculo de relações em que ela estava inserida suas preocupações eram outras. Simultaneamente aos acontecimentos culturais de São Paulo, no Rio de Janeiro, os comunistas preparavam-se para o primeiro Congresso que resultaria na fundação do PCB. Embora Laura nunca tenha participado das decisões da cúpula do partido, desde 1920 já havia despertado seu interesse pelo movimento social e operário, e é provável que neste momento também estivesse envolvida, mesmo que apenas emocionalmente, com a questão. Em setembro de 1920, ainda solteira, viajara com Brandão a fim de conhecer o movimento operário de São Paulo. Brandão havia sido convidado, na condição de militante anarquista, para ministrar várias palestras em São

Paulo, inclusive na sede da União dos Trabalhadores Gráficos.¹²⁹ No bairro do Belenzinho, participou de duas grandes assembléias, uma dos gráficos e outra dos tecelões. Neste período, Laura estava lendo *A Mãe*, de Máximo Gorki. O movimento sindical deste período, dirigido pelos anarquistas, procurava levar aos operários, além da filosofia anarquista, discussões ligadas à cultura e à arte. No final das reuniões citadas, Laura recitou uma de suas poesias.¹³⁰

No ano de 1921 o movimento operário tomou conhecimento que dez províncias russas das regiões do Volga, da então U.R.S.S., exatamente as mais férteis, foram vitimadas por uma grande seca. Em setembro deste ano, Laura junto com Brandão e Astrogildo, fundam o Comitê de Socorro aos Flagelados Russos¹³¹, aderindo assim a um movimento mundial que já contava entre seus patrocinadores Albert Einstein, George Bernard Shaw e Upton Sinclair¹³². Posteriormente, juntaram-se à eles operários e intelectuais.¹³³ Em outubro, com a campanha indo de vento em popa, sob a direção de Astrogildo foi lançado um único número do jornal *Solidariedade* redigido em Paris por Antônio Canellas. O jornal dirigia-se aos trabalhadores brasileiros e lembrava que "a

¹²⁹ *O Trabalhador Gráfico*, São Paulo - ano I no. 3, 15 de setembro de 1920.

¹³⁰ BRANDÃO, op. cit., pg. 186

¹³¹ Em 1921, a região do Volga foi castigada por uma terrível seca. Em socorro das vítimas do flagelo, organizou-se no mundo inteiro um movimento de solidariedade, do qual participaram inclusive alguns governos de países capitalistas. Idem, pg. 144, ver também BRANDÃO op. cit. pg. 226

¹³² PEREIRA, Astrogildo. op. cit. pg. 67

¹³³ Idem. pg.176

República dos Sovietes, glória e esperança do proletariado universal, estava seriamente ameaçada" ¹³⁴ e que havia chegado a hora do Brasil dar sua ajuda concreta à Rússia . Alguns anarquistas brasileiros, embora estivessem envolvidos no debate ideológico com os partidários do bolchevismo, associaram-se à campanha de donativos tendo, inclusive, o anarquista Fábio Luz como tesoureiro da campanha; outros como José Oiticica, que permaneceu fiel ao anarquismo, foram menos prestativos. Oiticica foi mais além: não aderiu ao movimento e não poupou suas críticas. Numa reunião promovida por Astrojildo na sede do sindicato dos empregados em Padarias, no Rio de Janeiro, que tinha por objetivo arrecadar fundos para a campanha, Oiticica combateu o bolchevismo e advertia os operários para que não tivessem ilusões com Lenin, Trotski e outros revolucionários da mesma linha.¹³⁵

Astrojildo, desde 1921, reunia-se com outros militantes anarquistas preocupados com a "incapacidade teórica, política e orgânica do anarquismo para resolver os problemas da direção de um movimento revolucionário de amplitude histórica" ¹³⁶ e discutiam, em todas as reuniões, documentos pertinentes à Revolução Mundial, à luz dos acontecimentos na Rússia. No entanto, este debate não foi nada tranquilo e rendeu muitas farpas de todos os lados. Oiticica rebelou-se ao pedido de Victor Serge que, em

¹³⁴ DULLES, John W. Foster. Anarquistas e Comunistas no Brasil . Rio de Janeiro : Nova fronteira, 1977 pg. 142

¹³⁵ Idem pgs.142 e 143.

¹³⁶ PEREIRA, Astrojildo, op cit. pg. 103

carta aos anarquistas do mundo inteiro, convidava-os "a rever as idéias anarquistas à luz da experiência russa"¹³⁷. Em 1922, Fábio Luz inicia campanha em que identifica Mussolini a Lenin e protesta atacando o desvio da Revolução Russa , combatendo o partido bolchevista com sua suposta ditadura do proletariado. Astrojildo rapidamente responde à Fábio e diz que ele, erradamente, confundia ditadura burguesa com ditadura proletária , e que esta confusão representava "perigo para a causa da revolução social". Junto a este debate, as divergências doutrinárias se misturavam com os ataques pessoais, pois, do ponto de vista anarquista, as divergências eram encaradas como "traição" e neste sentido Otílica não poupou Brandão e principalmente Astrojildo.¹³⁸

Os partidários do bolchevismo concluíram que seria inútil continuar os debates uma vez que as posições de ambos os lados estavam mesmo definidas. Desta maneira, fundaram em 1921 o primeiro Grupo Comunista do Rio de Janeiro. Este grupo defendia a Rússia e propagava a linha da III Internacional. O grupo da Capital contactou outros centros proletários espalhados pelo país, divulgando as 21 cláusulas da IC o que resultou, nos dois meses seguintes, em outros grupos semelhantes no Recife, Juiz de Fora e Cruzeiro-SP. Porto Alegre já contava com a União Maximalista - mais tarde conhecida como grupo Comunista de Porto Alegre - que desde 1918 já conclamava os trabalhadores

¹³⁷ Idem pg. 132

¹³⁸ CARONE, Edgard. Classes Sociais e Movimento Operário. São Paulo: Ática, 1989 pags.103, 104, 105 e 109

a seguir o exemplo dos bolchevistas russos. O Grupo do Rio de Janeiro publicou, em janeiro de 1922, a revista *Movimento Comunista*. Esta revista foi lançada com o propósito de defender e propagar, no Brasil, o programa da Internacional Comunista. Não teve, no entanto, vida longa. Lançada em janeiro de 1922, extinguiu-se em junho de 1923, quando a tipografia no Méier-RJ foi invadida pela polícia do governo Artur Bernardes¹³⁹

Preocupado com os rumos que o movimento revolucionário deveria tomar, o Grupo Comunista de Porto Alegre escreveu ao do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1922, e decidiram realizar um Congresso para organização de um Partido Comunista para que o Brasil pudesse ser representado no IV Congresso Mundial da Terceira Internacional.¹⁴⁰ Desta maneira, nos dias 25, 26 e 27 de março de 1922, com a presença de nove delegados - Astrogildo Pereira, João da Costa Pimenta, José Elias da Silva, Joaquim Barbosa, Luís Peres, Hermogênio Silva, Abílio de Nequete, Manuel Cedón e Cristiano Cordeiro - realizou-se o Congresso de fundação do Partido Comunista do Brasil¹⁴¹. As duas primeiras reuniões foram realizadas na sede do Sindicato dos Alfaiates

¹³⁹ DULLES, op. cit. pgs. 143 e 144

¹⁴⁰ O Grupo Comunista do Rio de Janeiro tinha como objetivo difundir no Brasil o programa da III Internacional.

¹⁴¹ Na sua fundação, o PCB chamava-se Partido Comunista do Brasil. O nome foi mudado para Partido Comunista Brasileiro no V Congresso, em 1960. Sobre a fundação do PCB ver PEREIRA, Astrogildo. *Formação do PCB - 1922/1928*, Prelo Editora, 1976 e *Construindo o PCB 1922/1924*, São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão- A Revolução Mundial e o Brasil 1922- 1935*, pgs. 51 a 62; DULLES, J. W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil.*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977 .pgs.146 a 149; BRANDÃO, Octávio. op.cit. pgs.214, 218 e 223; CHILCOTE, Ronald H. O

e Metalúrgicos no Rio de Janeiro. Por questões de segurança, as duas últimas reuniões foram realizadas num sobrado em Niterói, na casa das tias de Astrojildo. Na sessão de encerramento, a seu pedido, a *Internacional* foi cantada baixinho pois ele não revelara às tias o que se passava. Neste Congresso, são examinadas e aceitas por unanimidade as 21 condições impostas pela Terceira Internacional ¹⁴², que foram objeto de longa e minuciosa discussão. Aprovaram, ainda, em caráter provisório, o estatuto do novo Partido, inspirado no Partido Comunista da Argentina, constituindo-se uma Comissão Central Executiva [CCE] composta por Astrojildo Pereira, Antonio Canelas, Luís Peres e Antônio Gomes Cruz Júnior. Como secretário-geral foi escolhido o nome de Abílio Nequete por causa de seus contatos com o movimento comunista no Uruguai e com o Bureau Sul-Americano de Propaganda da Terceira Internacional. O Congresso deliberou que a CCE ampliasse o Comitê de Socorro aos Flagelados Russos, que já funcionava desde setembro do ano anterior, e convidasse, indistintamente, para uma organização comum, entidades operárias e revolucionárias, independente de suas tendências ideológicas.¹⁴³

Partido Comunista Brasileiro-Conflito e Integração - 1922/1972. Rio de Janeiro : Graal, 1972; CARONE, Edgard - O PCB - 1922/1943 vol. I São Paulo : Difel, 1982.

¹⁴² As 21 Condições eram impostas pela IC, organização que congregava os partidos comunistas liderados pelo PCUS, aos partidos comunistas que desejassem se candidatar a membros da organização. Não restava outra opção, pois o partido que não preenchesse as 21 Condições era recusado pela IC.

¹⁴³ PINHEIRO, op. cit. pgs. 51 e 52

Otávio Brandão não ingressou no PCB neste primeiro momento, alegando não conhecer as obras marxistas. Entretanto, a pequena farmácia da rua General Câmara testemunhou os primeiros passos das discussões em torno da organização do PCB. Astrojildo visitava Brandão e emprestava-lhe livros que Laura também lia. A partir de 1922, Brandão leu as obras de Marx, Engels e Lenin pela primeira vez. Por dois anos, de 1922 à 1924, a farmácia foi centro de debates e propaganda do PCB e posto de venda da revista *Movimento Comunista*. Foi nesta farmácia que Brandão escreveu *Rússia Proletária*, editado em 1924. Com tantos entra e sai, acabou caindo na vigilância permanente da polícia política, o que espantou os fregueses. A farmácia foi fechada e, com isso, as dificuldades financeiras da família aumentaram.¹⁴⁴

Durante os poucos meses que viveu na legalidade, o PCB teve sua sede à Praça da República, no. 40, um sobrado de esquina com a rua da Constituição. Quatro meses depois, em 25 de julho de 1922, logo após o estado de sítio decretado à 5 de julho, a polícia fechou a sede do Partido, confiscou materiais de propaganda, prendeu seus dirigentes e daí por diante a clandestinidade seria uma regra na vida dos comunistas. Brandão firmou suas novas convicções ideológicas e filiou-se ao Partido já ilegal em 15 de outubro de 1922, rompendo com o anarquismo¹⁴⁵. O estado de sítio, que na verdade restringia-se ao Distrito Federal, foi sucessivamente prorrogado até 31 de dezembro de

¹⁴⁴ BRANDÃO, op. cit. pg. 234

¹⁴⁵ Idem, pg. 227

1926. Foi também neste mesmo período, de 1922 à 1925, que nasceram as três filhas de Laura e Octávio.

Laura, em 1922, já havia iniciado suas leituras sobre Marx e Lenin , defendia a revolução bolchevista e propagava a política adotada pelo PCB. Sua militância deu-se prioritariamente na rua. Podia ser vista nas madrugadas distribuindo panfletos e manifestos nas portas das fábricas de tecidos da Gávea, Laranjeiras, Andaraí e Vila Isabel; nos armazéns do cais do porto, entre os metalúrgicos, os operários dos estaleiros e da construção civil ; entre os ferroviários da Cia Leopoldina, nas oficinas da Estrada de Ferro e Central do Brasil; e também entre os trabalhadores da Light & Power ou nas repartições públicas, como o Tesouro Nacional, Prefeitura e Ministérios. Foram ainda palco de sua militância, os bairros operários e as favelas.¹⁴⁶

Laura participou da fundação e acompanhou o desenvolvimento do semanário *A Classe Operária* no qual ela assumia tarefas informais de redatora. Tratava-se do órgão oficial do PCB , lançado no primeiro de maio de 1925, que trazia em sua primeira página um histórico do hino da *A Internacional*. Em sua conferência de 22 de fevereiro de 1925, o PCB determinou que o jornal tinha como tarefa divulgar a nova organização do partido a partir das células, contribuindo para sua penetração entre os

¹⁴⁶ Idem, pg. 88

trabalhadores. Os militantes vendiam assinaturas nas portas das fábricas. Laura também fazia este trabalho, pois ela não media esforços para que o jornal fosse editado e distribuído. Dizia na época : "tenho quatro filhas, Sáttva, Vólia, Dionysa e *A Classe Operária*".¹⁴⁷

A redação funcionava à rua Marechal Floriano 172, 1o. andar, numa pequena sala. Para obter seu registro legal, a exigência que a censura fizera é que ele só tratasse de questões operárias. Brandão era o diretor e Astrojildo o redator do jornal, embora como diretor oficial aparecesse o nome do alfaiate Alcides Adett Brazil de Matos. Obviamente, a redação oficial era só fachada. Todo trabalho era feito em outro local. Para viabilizar a legalidade de um jornal ligado a um partido ilegal, a direção buscou colaboradores fora da redação e, deste modo, muitos trabalhadores juntaram-se a ele. Depois que a pequena tipografia da rua Frei Caneca entrou em pane, dois membros da célula comunista do jornal *O Paiz* , viabilizaram junto aos diretores daquele diário que o jornal *A Classe Operária* pudesse ser impresso nas suas oficinas e no horário normal de trabalho. Em pouco tempo o jornal cresceu e era distribuído entre os trabalhadores e camponeses em boa parte do país: Rio de Janeiro, São Paulo, Amazônia, Alagoas, Bahia, Rio Grande do Sul , Mato Grosso. Entretanto, neste primeiro momento *A Classe Operária* teve vida curta. Resistiu somente a dois meses e meio de existência. O

¹⁴⁷ A Imagem de Laura ... pg. 87

Governo, perturbado com o sucesso do jornal comunista e com seus ataques, em 18 de julho fechou o jornal .

Laura era quem cuidadosamente editava as cartas dos correspondentes que eram publicadas numa secção especial. Duas décadas depois, num outro momento, o jornal *A Classe Operária* acentua em uma matéria sobre sua própria história:

" E realmente , era de braços abertos que Octávio Brandão recebia as cartas dos operários do Rio, de Campos, de São Paulo e Santos, de Muritiba e São Felix, de Juiz de Fora, de qualquer lugar de onde as enviasse um trabalhador. Dedicava-lhes horas seguidas, com meticulosidade, revendo-as, tornando-as publicáveis." 148

Entretanto, o próprio Brandão admite que Laura editava as cartas dos trabalhadores. ¹⁴⁹ Mais uma vez, assistimos a direção do PCB ocultando o trabalho da militância feminina, até porque não havia razão para que seu nome não fosse citado como editora das cartas uma vez que o jornal contava com colaboradores externos à sua diretoria editorial. Apesar de Laura ter sido uma militante ativa e dedicada, sua recusa em filiar-se ao partido parece nos mostrar que o compromisso dela era com o comunismo e não com o PCB, inclusive porque o Partido não dava espaço efetivo de igualdade para as mulheres. Sua atuação é claramente demarcada pelos movimentos de solidariedade, - Socorro Vermelho, Socorro aos Flagelados do Volga - , ou às atividades ligadas à cultura

¹⁴⁸ *A Classe Operária*, 16 de março de 1946, apud BRANDÃO, op.cit. pg. 308

¹⁴⁹ BRANDÃO. op. cit. pg. 303

e à literatura, embora seu nome não aparecesse. As tarefas que davam a ela maior visibilidade eram as atividades de agitação e propaganda mas, como podemos constatar, todas as tarefas que ela executava eram fora da estrutura partidária, portanto, fora da esfera do "poder" interno do PCB.

Uma das importantes tarefas executadas por Laura, embora invisível, foi a de esteio do "marido guerreiro". Do ponto de vista do PCB, parece ter sido esta, aliás, a principal missão atribuída às mulheres. Brandão viveu na ilegalidade por dois anos, de 1924 à 1926. Vivendo na clandestinidade, não tinha trabalho e a pequena farmácia já havia sido fechada. Assim, as dificuldades financeiras da família aumentaram. Com a fundação do jornal *A Classe Operária*, a partir de 1925, Brandão recebia 250 mil réis mensais do PCB pelos trabalhos que fazia enquanto diretor do jornal¹⁵⁰. Mas este dinheiro não era suficiente para as despesas. Assim, a comida da família vinha da pensão da Jacintinha, mãe de Laura. O que, aliás, não era novidade: segundo Dionysa, "na pensão da Jacintinha, quem estava desempregado não pagava". As roupas das meninas também era a Jacintinha que costurava. Os calçados, que eram caríssimos, também ela sempre dava um jeito. Mas o bonde era muito caro, e tinha também o aluguel. Desta

¹⁵⁰ Idem, pg. 301

maneira, se não fosse a Jacintinha, que colaborava para complementar o orçamento da família, as dificuldades seriam maiores ainda.¹⁵¹

Além do mais, a casa no. 11 da rua do Curvelo era diariamente vigiada pela polícia, que mantinha um agente policial de plantão o tempo todo. Brandão, que andava disfarçado, contava com a ajuda dos vizinhos e até das crianças para poder entrar e sair de casa. A pequena menina Sáttva, de apenas seis anos de idade, era quem dava ao pai sinais se o policial estava ou não na vigília. Brandão ficava escondido e, quando o policial por algum motivo se distraía, Sáttva, que ficava na porta brincando, levantava a boneca. Este era um dos códigos usados para que Brandão pudesse entrar em casa.¹⁵² Os vizinhos igualmente participavam das manobras para driblar a polícia. Brandão, usando disfarce quando chegava à noite, não podia voltar direto para casa. Passava primeiro na casa de Zólia Abreu, que sempre deixava a porta aberta. Trocava de roupa e na calada da noite, depois de certificar-se que não corria perigo, voltava para sua casa. Como nem sempre Álvaro, marido de Zólia, estava em casa, alguns vizinhos que não sabiam o que acontecia faziam comentários maldosos a respeito de Zólia e Brandão.¹⁵³

¹⁵¹ Conforme depoimento de Dionysa Brandão, cedido ao arquivo Edgard Leuenroth, gravado em 18 de junho de 1992 no Rio de Janeiro.

¹⁵² Conforme depoimentos de Dionysa e Valná Brandão gravados em 17 de junho de 1994 no Rio de Janeiro.

¹⁵³ Conforme depoimento de Nádia Abreu gravado em 18 de junho de 1994.

Portanto, não era por acaso que Laura era vista na rua como o *homem da casa*. Aos olhos dos vizinhos deveria mesmo ser muito esquisita aquela gente, apesar de simpáticos. Brandão, o marido, levava uma vida enviesada, sempre esquivo, sem trabalho regular ou pelo menos visível aos vizinhos. Laura, exceto para os amigos, levava a fama de mulher traída e aos olhos de todos era o esteio do marido. Ela mesma, em sua poesia, nos passa a imagem desta mulher que organizava o dia a dia da família, resolvia todos os problemas, inclusive os de ordem financeira, enquanto o "guerreiro" saía em busca do saber:

[...]
Vivemos , assim, felizes
Com tão pouco:
Tu, numa grande trajetória, quase louco,
Aprofundando as múltiplas raízes
Do pensamento,
E eu, solicitamente, a todo o meu agrado,
Guardando sempre acesa a luz, fogo-sagrado
Do nosso humilde lar
do nosso "bem-secreto"
Vivemos, assim felizes
Com tão pouco:
Apenas o alimento
A roupa e o teto
Num modo de viver amplíssimo e discreto.
 [...]
E eis-nos em meio da batalha ativa:
Na luta sem o mínimo esplendor
-Eu, que nasci para contemplativa,
Tu, que nasceste para sonhador.

Provavelmente, era mesmo difícil para os vizinhos compreender o que significava para Laura "viver de um modo amplíssimo e discreto". A imagem da mulher

forte que todos tinham dela escondia uma valentia muito superior ao que eles viam, pois a partir de 1929 também ela passou a ser perseguida pela polícia e, como Brandão, tinha que inventar peripécias para sair de casa.

É que a aprovação da famosa lei Celerada, que tinha como objetivo legalizar a repressão ao movimento operário em atenção às queixas dos banqueiros da Inglaterra sobre a grande quantidade de "elementos subversivos em atividade no país", autorizava o fechamento de sindicatos, centros ou agremiações que perturbassem à ordem, moralidade e segurança pública; proibia também a distribuição de panfletos e suspendia os órgãos de publicidade que se dedicassem a isso.¹⁵⁴ O governo Inglês, em outubro de 1925, reprimiu e prendeu líderes comunistas de seu país. Os documentos apreendidos na sede do Partido Comunista britânico incluíam alguns nomes e endereços de brasileiros. O adido militar americano rapidamente informou seu governo sobre a existência de "espões" russos na América do Norte e do Sul. O *Jornal do Brasil*, de 28 de maio de 1927, apresentou a lista desses endereços. Um deles era: Laura da Silva, rua do Curvelo no. 11. O repórter do referido jornal encontrando Laura no endereço indicado, que em solteira assinava o nome de Laura da Fonseca e Silva, não conseguiu fazê-la admitir nada. Ao contrário, calmamente ela explicou que não entendia como seu nome

¹⁵⁴ DULLES, op. cit. pgs. 272 e 273.

fora parar em tal conexão. O repórter logo entendeu que ela estava determinada a não falar, mas percebeu também que não fora pega de surpresa.¹⁵⁵

Desta maneira, a partir de 1929 suas saídas de casa passaram a ser controladas pela polícia. Suas filhas, como os filhos de Zólia e Ester, foram educados para não passar nenhuma informação à polícia; ao contrário, colaboravam para que Laura saísse sem ser percebida. Os meninos, brincando na rua de bolinha de gude, distraíam os policiais que acabavam entrando na brincadeira também. Laura aproveitava e escapava pela gruta do morro denominado de "buraco quente", que ficava nos fundos de sua casa, em Santa de Teresa. ¹⁵⁶

Em 1928, Laura retomou sua atividade de redatora junto ao jornal *A Classe Operária*, que ressurgiu neste momento. Os comunistas aproveitaram o primeiro de maio para tentar unir o movimento operário que se encontrava dividido em suas organizações sindicais e, neste mesmo dia, relançaram o jornal entre os trabalhadores. No entanto, os esforços foram em vão e, em 1928, celebrou-se um primeiro de maio enfraquecido. Dois comícios foram realizados : um na Praça 11 de Junho, liderado pela Federação Operária do Rio de Janeiro, anarco-sindicalista e constituído principalmente pela União dos Operários em Construção Civil; e o outro na Praça Mauá, presidido pela Federação Sindical Regional do Rio de Janeiro, apoiado ainda pela Federação dos Trabalhadores

¹⁵⁵ PINHEIRO, op. cit. pg.s 263 e 264 - passim -

¹⁵⁶ Conforme depoimento de Lycio Hauer gravado em 17 de julho de 1993, em Petrópolis, RJ.

Gráficos do Brasil - organização de âmbito nacional com um ano de fundação - e União dos Trabalhadores Metalúrgicos do Rio de Janeiro.

No ano seguinte, no primeiro de maio de 1929, o jornal ia de vento em popa. Nele, foi publicado um poema de Laura intitulado "Flamboyant". Os poetas têm o estranho poder de perceber a poesia varando os acontecimentos do dia a dia. Laura havia saído, muito provavelmente para alguma atividade política e Nise, sua vizinha e amiga, havia ficado com as filhas. Laura chegou por volta do meio dia, cansada e suada da subida a pé. Era janeiro e, como sempre, verão rigoroso no Rio de Janeiro. Apesar do adiantado da hora, ela foi logo dizendo às meninas e a Nise, num largo sorriso: "você vão esperar um pouco pois, antes do almoço, tenho que escrever um poema". Explicou que encontrou no caminho um maravilhoso flamboyant florido e a árvore despertara o nascimento de um poema que estava fervilhando em sua cabeça. Foi logo pegando lápis e papel:

**Minha árvore dileta, predileta,
Meu flamboyant florido :
Fonte de fogo, espírito de poeta,
Ao Devenir galhardamente erguido!**

**Flamboyant flamejante, alma gaulesa,
Grandiosa labareda desfraldada.
Ampla bandeira acesa,
Cantando, numa indômita alvorada
A Marselhesa
Revolucionária !**

Na indômita alvorada, em ascensão triunfal

**Ao zênite maior que o proletariado avista
Sente-se o palpitante da idéia comunista:
Pois o canto que exorta à investidura
A Marselhesa revolucionária final
É o canto heróico da "Internacional" !**

"Naquela atmosfera que dela irradiava, com os olhos luzindo das alegrias da criação , o modesto almoço parecia um banquete", recorda-se Nise. No entanto, é bastante visível que sua poesia mudou de tom e de qualidade, agora inspirada pela perspectiva da revolução. A militância parece ter esvaziado a sensibilidade da poeta. Por outro lado, mesmo assim, ela parece nunca ter incorporado o mundo "sisudo" e cinza dos comunistas. As dificuldades enfrentadas pela constante falta de dinheiro e o cerco da repressão policial que foi obrigada a viver com suas filhas, a dor enfrentada pelas prisões freqüentes de Brandão e dela mesma, não a tornaram uma pessoa negativa nem triste. Brandão passou grande parte do tempo que viveram na rua do Curvelo na cadeia. Quando livrava-se da prisão e voltava para casa, nunca era recebido com apreensões; ao contrário, havia sempre um canto de esperança à sua espera. Laura estava sempre alegre e com um poema para recebê-lo.¹⁵⁷

Em outra ocasião, em uma noite depois do jantar, Laura lavava a louça e Nise enxugava. As três meninas dormiam e Brandão não estava. Na verdade , não se sabe onde ele andava. Talvez na cadeia. Enquanto ensaboava os pratos, Laura contava a

¹⁵⁷ Conforme depoimento de Nise da Silveira, cedido ao Arquivo Edgard Leuenroth, gravado em 19 de junho de 1992, no Rio de Janeiro

história do *Pássaro Azul* de Maeterlinck, que a amiga não conhecia.¹⁵⁸ A história desenvolvia-se numa atmosfera encantada, mágica, iluminada pela poesia, onde uma fada oferece a duas crianças a possibilidade da felicidade completa, desde que encontrassem o Pássaro Azul. Assim, os dois meninos percorrem longa distância no país dos sonhos, recomendado pela fada, à procura do tal pássaro. Por fim, descobrem que o que procuravam estava o tempo todo muito perto deles. Assim, como definiu François Albert-Buisson:

"Ai de nós: o pássaro azul da felicidade, só existe para lá dos limites deste mundo perecível, mas aqueles que têm coração puro jamais hão de procurá-lo inutilmente..."¹⁵⁹

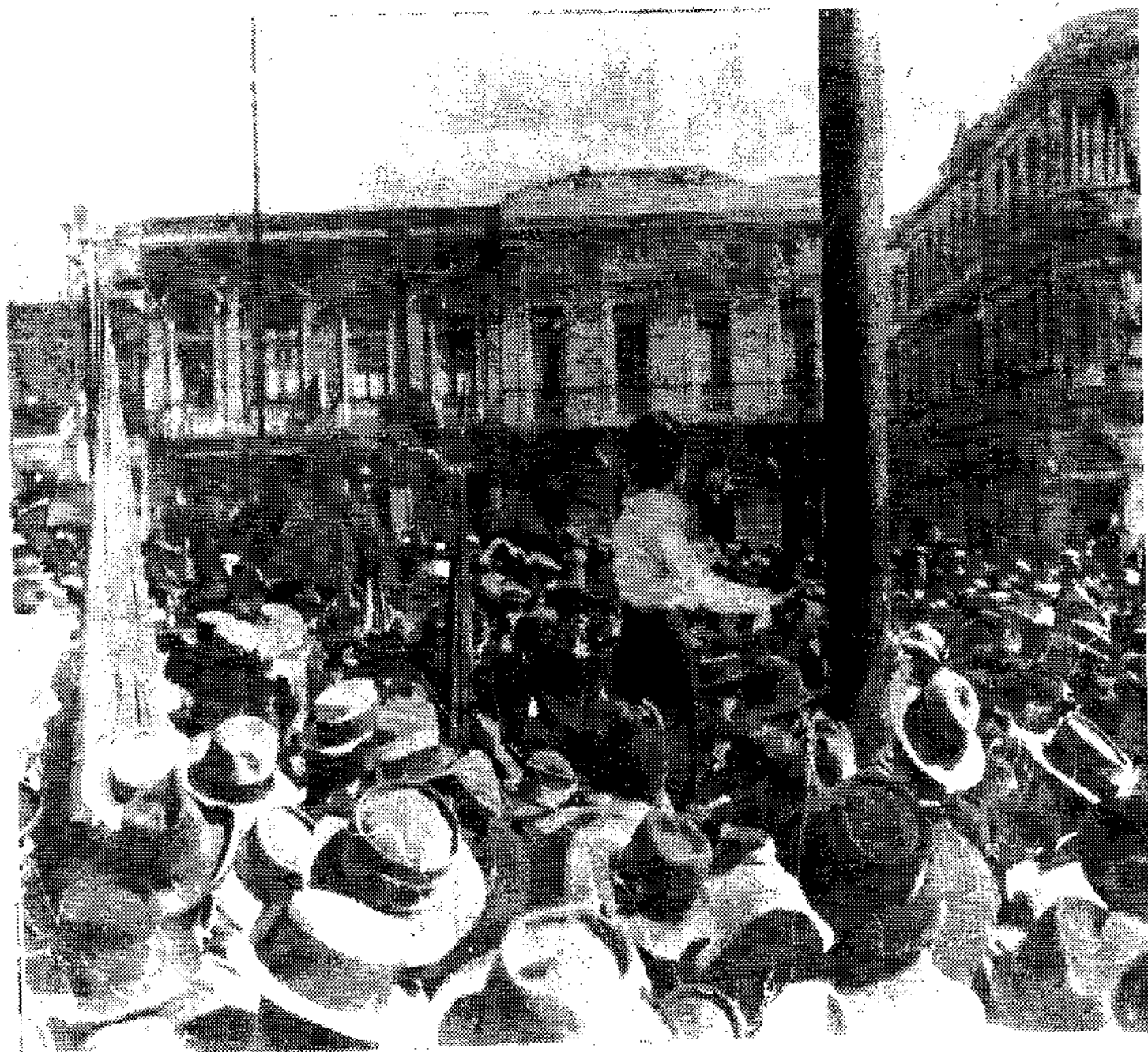
Quem sabe, disse Laura, se o Pássaro Azul não mora nesta casa, se ele não está aqui, neste instante! Sim, é certo, conclui Nise, embora isso pareça absurdo, a felicidade morava naquele tempo na rua do Curvelo no. 11. Mas, como ela mesma

¹⁵⁸ Maurice Maeterlinck, escritor Belga, Prêmio Nobel de Literatura em 1911, pela Academia Sueca, escreveu peças para teatro, entre elas, *L'Oiseau Bleu*, montada em Paris em 1911. Sua peça rompia deliberadamente com a tradição do teatro clássico francês.

¹⁵⁹ MAETERLINCK, Maurice. *O passáro Azul*. Tradução de Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro: Editora Delta, 1962, pg. 31 - Introdução.

assinála, era preciso ter os olhos de Laura para vê-la, ou que ela ensinasse outros a descobri-la nas coisas simples ¹⁶⁰.

¹⁶⁰ Conforme depoimento escrito e assinado por Nise da Silveira, Fundo Octávio ... pasta no. 123



Esta fotografia aparece com legendas diferentes em diversas publicações:

Cadernos Cut. As mulheres no sindicalismo. s/d e Mulher Trabalhadora, janeiro de 1986.

Nosso século - vol. 2 - 1981.

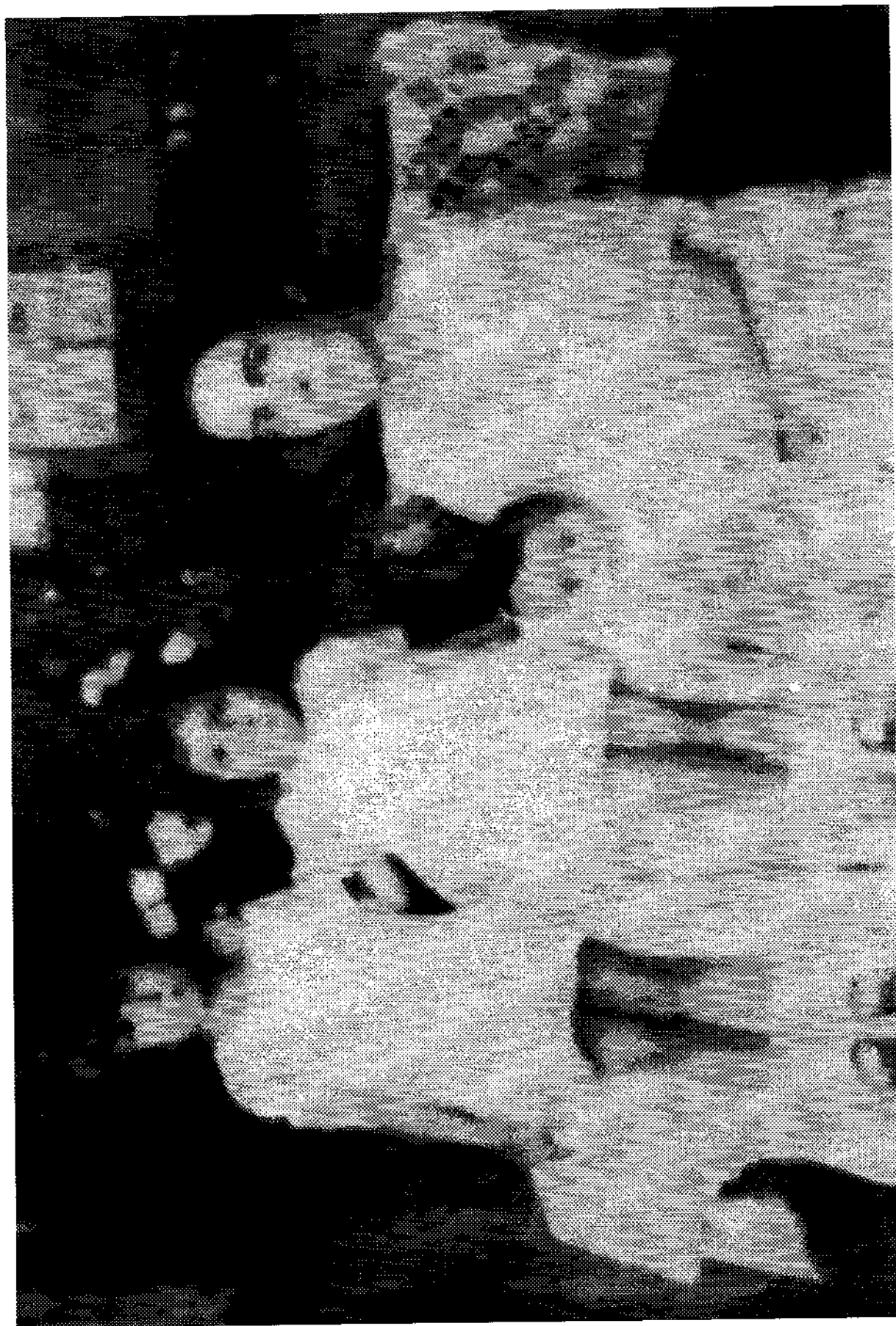
Candido, Antonio - Teresinha etc... - RJ. Paz e Terra, 1980.

A participação da mulher na sociedade brasileira - SMC - São Paulo - DPTH, 1987.

1890 - 1990 - Cem vezes Primeiro de maio

SMC - São Paulo - DPTH, 1990.

Nesta última, a mulher que discursa é identificada como sendo Laura Brandão, na Praça da Sé, em 1919. Na minha opinião se for realmente Laura, é mais provável que a data seja 1920, ano em que há registro de sua primeira participação em assembleias operárias em São Paulo.



Da esquerda para direita. Sáttva, Vólia, Dionysa e Laura - Rua do Curvelo - 1924.



Da esquerda para a direita. Sáttva, Dionysa e Vólia. Jardim do Passeio - RJ - 1926.



Esquerda para direita. Vólia (4º), Laura (6º), Dionysa (7º), Sáltva (8º).

2 . Uma Perene Fonte de Sofrimentos

“... Vocês, que vão emergir das ondas
em que nós perecemos,
pensem,
quando falares das nossas
fraquezas...”

Bertold Brecht

Em 1927, o PCB vivia momentos de grande transformações. Em um dos cafés da rua Larga, perto da Praça da República, com a presença de Astrojildo, realizou-se uma reunião da célula da Juventude. Ali foi formada a direção provisória da Juventude Comunista [JC] composta pelos militantes João Celso, como secretário, Manuel, agitação e propaganda e Basbaum, tesoureiro. O grupo tinha como objetivos fazer propaganda do PCB, da U.R.S.S. e do Socialismo, assim como organizar diretórios de estudantes, distribuir materiais do partido nas portas de fábricas e vender o jornal *A Classe Operária*. Segundo Basbaum, na magnífica manifestação do primeiro de Maio de 1927 os jovens comunistas já tiveram participação destacada ¹⁶¹. No dia primeiro de agosto do próximo ano, na sede da União dos Trabalhadores Gráficos [UTG], foi fundada a Juventude

¹⁶¹ BASBAUM. Uma Vida em Seis Tempos., pag. 46.

Comunista. No dia seguinte foi constituído o C.C., tendo como secretário geral Leôncio Basbaum, que neste mesmo ano lançava o jornal *O Jovem Proletário*. A JC inicia neste momento a penetração do PCB nas escolas superiores e entre os jovens proletários. Funda, em 1928, o Centro de Jovens Proletários, organização de caráter cultural e recreativo que, uma vez inserida nos sindicatos, colaborava na criação de departamentos juvenis e, através destes, ministrava cursos teóricos de marxismo. Nas Faculdades de Direito, Medicina e Engenharia a JC fundava os primeiros diretórios acadêmicos, em 1926, sob forte influencia dos livros *ABC do Comunismo*, de Bukharin e *Os Princípios do Comunismo*, de F. Engels, assim como do *Manifesto Comunista* que já havido sido editado em português. Ainda neste período, em dezembro de 1928, foi realizado o III Congresso do PCB e, em janeiro do ano seguinte, o I Congresso da Juventude Comunista. Neste momento o PCB contava com pouco mais de mil militantes e a JC com cerca de duzentos e cinquenta, sendo que a metade se concentrava no Rio de Janeiro. O PCB participou do VI Congresso da IC, sendo seus delegados Paulo Lacerda, Heitor Ferreira Lima e Leôncio Basbaum.¹⁶²

Ainda em janeiro de 1927, com o fim do estado de sítio [1922-1926], a Comissão Central Executiva do PCB decidiu organizar o Bloco Operário [BO] - depois Bloco Operário Camponês [BOC]- para melhor enfrentar a nova fase que a vida legal

¹⁶² BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República [1889 A 1930]*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975-76, pg. 213 ; DULLES., op. cit., pg. 295

exigiria dos comunistas, tendo em vista, principalmente, as eleições parlamentares de 1928. Com a criação de um Bloco que defendia uma "frente única", a tática dos comunistas era a tentativa de articulação com o tenentismo e com a pequena burguesia urbana.¹⁶³ Com este intuito, a Comissão Central Executiva do PCB lança, na primeira página do jornal *A Nação* de 5 de janeiro de 1927, uma *Carta Aberta* a Parlamentares socialistas ou identificados com as lutas dos trabalhadores, bem como a centros e núcleos políticos proletários do Distrito Federal e de Niterói. Os primeiros são identificados nas pessoas de Maurício Lacerda, Azevedo Lima e ao Partido Socialista, isto é, Evaristo de Moraes; os outros representam o Centro Político dos Operários do Distrito Federal, o Centro Político dos Chauffeurs, o Partido Unionista dos Empregados do Comércio, o Centro Político Proletário da Gávea, o Centro Político Proletário de Niterói. Nesta *Carta Aberta*, os comunistas mostravam que seria a primeira vez que o proletariado teria a "possibilidade de sua intervenção direta e independente no pleito a travar-se" e, no que se referia à frente única proletária, argumentava que, se cada uma dessas agremiações e forças citadas lançassem candidaturas próprias, certamente não seriam vitoriosos nas eleições que se aproximavam. A saída mais acertada seria a classe operária formar uma

¹⁶³ *A Nação*, 10 de janeiro de 1927, apud ZAIDAN FILHO, Michel. *Comunistas em Céu Aberto - 1922-1930*, Belo Horizonte: oficina de Livros, 1989, pg.30

frente única eleitoral, principalmente porque acreditava que havia interesses comuns entre as diversas camadas trabalhadoras.¹⁶⁴

Somente Lacerda e o Partido Socialista não aceitaram o convite lançado pelo PCB. Mas, de qualquer maneira, na eleição de 24 de fevereiro de 1927, o BO concretiza seu objetivo de frente única e Azevedo Lima é eleito pelo primeiro distrito eleitoral. Entretanto, os resultados não são totalmente positivos, pois Azevedo Lima passou a agir independentemente, o que gerou conflitos com as diretrizes coletivas do Bloco.¹⁶⁵

Superados os incidentes provocados pela questão eleitoral, o Bloco procurou ampliar suas forças. Em primeiro lugar, transforma-se de Bloco Operário em Bloco Operário Camponês e lança a idéia da aliança política dos operários com os camponeses para que ambos participem da mesma luta.¹⁶⁶ Depois, exerce importante papel político como aglutinador das forças operárias comunistas e não comunistas, fazendo importante trabalho de organização, agitação e propaganda das idéias comunistas. Teve participação decisiva na greve dos gráficos em 1929, em São Paulo.

¹⁶⁴ ZAIDAN, .op. cit., pgs. 32 a 37 e CARONE, .op. cit., pgs.179 a 181. O texto completo da CARTA ABERTA ver: PEREIRA, Astrojildo. A Formação do PCB, pg. 87-92; CARONE, Edgard. O PCB [1922-943], pg.64-68.

¹⁶⁵ CARONE, .op. cit., pg. 181

¹⁶⁶ BASBAUM, .op. cit., pg.. 213

Brandão foi um dos fundadores e colaboradores do BOC que, em pouco tempo, contava com cerca de sessenta Comitês nas fábricas, sindicatos e bairros operários do Rio de Janeiro. A reedição do semanário *A Classe Operária*, que ressurgia com mais força ainda no período - já que, com a aplicação da lei celerada, *A Nação* fora fechada em agosto de 1927 - , contribui de maneira definitiva nos trabalhos realizados pelo BOC.

Outra importante iniciativa do BOC foi a criação do Comitê de Mulheres Trabalhadoras - a primeira associação de massa de mulheres sob a influência do PCB. Foram seus fundadores Laura Brandão, Minervino de Oliveira, Joaquim Nepomuceno e Octávio Brandão. Contrariando a política predominantemente masculina da direção, Maria Lopes, casada com o metalúrgico José Vicente Lopes, participava das reuniões da direção do BOC, com direito a voz e voto, representando o Comitê de Mulheres Trabalhadoras. Integravam ainda o BOC e o Comitê de Mulheres, Isaura Nepomuceno, mulher do operário Joaquim Nepomuceno¹⁶⁷ e a operária têxtil Rosa Bittencourt que, segundo Astrojildo, foi a primeira mulher brasileira a ingressar no PCB, logo após sua fundação, em 1922.¹⁶⁸

¹⁶⁷ BRANDÃO, .op. cit., pgs. 160, 348 e 349

¹⁶⁸ DOSSIER ROSA BITTENCOURT - Coleção ELOIZA FELIZARDO PRESTES - Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP - não catalogado s/d.

Rosa, que aos sete anos de idade já trabalhava numa fábrica de linhas em Petrópolis, foi uma combativa militante sindical, tendo participado das grandes campanhas da classe operária brasileira, desde as lutas por uma hora de almoço, pela jornada de 8 horas, pela estabilidade no emprego e pelo direito a férias. Aos doze anos de idade, tendo sido vítima de "abusos" por parte do contramestre, feriu-o sem titubear com um rolo de ferro. Este episódio deu a ela grande prestígio entre as companheiras de trabalho, além de confiança e coragem para protestar sempre que preciso. Participou das lutas do BOC e gabava-se em "declarar-se comunista". Vendia o jornal *A Classe Operária* de porta em porta. Em 1930, Rosa foi delegada no Congresso Mundial da Mulher na URSS - representando a mulher trabalhadora brasileira. Entretanto, a combativa Rosa não teve sorte no amor. Por três vezes seus noivados foram desfeitos, "porque a sociedade de então não perdoava ser uma mulher revolucionária". Casada, enfim, enviuvou muito moça e não se casou novamente.¹⁶⁹

Na medida em que é desvendado o papel da militância feminina junto ao PCB, constata-se que as mulheres quase sempre estiveram atreladas ao marido que desempenhava algum papel de destaque na estrutura interna do Partido. Mais uma vez elas estão fora da estrutura partidária, executando tarefas junto ao Comitê de Mulheres que, embora tivesse representação nas reuniões da direção do BOC, não deixava de ser considerado uma tarefa menor. É interessante também observar que Rosa era a única que

¹⁶⁹ Idem.

não era casada com militante e que somente ela teve relação orgânica com o partido no momento de sua fundação - daí o interesse que sua presença despertava.

Em meio às tarefas que Laura executava junto ao Comitê de Mulheres Trabalhadoras, um de seus desejos era escrever sobre as mulheres que ela admirava: Clara Camarão - heroína da guerra contra a invasão holandesa, ao lado de seu marido Antônio Felipe Camarão.¹⁷⁰ Luíza Maim - mãe do abolicionista Luiz Gama, negra combatente que encabeçou as rebeliões de escravos da Bahia, na sua época - e Anita Garibaldi - a mulher de dois mundos, defendeu a República vestida de homem, ao lado de Giuseppe Garibaldi, de quem, mais tarde, se tornou esposa.¹⁷¹ É possível que estas mulheres fossem uma espécie de espelho para Laura, por isso sua admiração e a vontade de escrever sobre suas vidas. É interessante observar que todas eram heroínas e casadas

¹⁷⁰ DOSSIER CLARA CAMARÃO. Coleção Eloisa Felizardo Prestes-Arquivo Edgard Leuenrouth-UNICAMP-n/catalogado. A mais lembrada das vitórias obtidas pelo casal foi quando Maurício de Nassau, nomeado governador Geral do Brasil, em 23/01/1637, determinou os ataques ao exército pernambucano em porto Calvo. Em 18/02 do mesmo ano, foi travada a dura batalha de Comandatuba, nome de um riacho que se lança no Rio das Pedras, abaixo de Porto Calvo, nas Alagoas, onde os pernambucanos, inferiores em número e sem comando, foram derrotados. Camarão e seu exército de índios começavam a fraquejar quando, de súbito, surge sua mulher de espada em punho à frente de um grupo de mulheres e reanimou, com seu exemplo e sua bravura, aqueles homens já vencidos pelo desânimo

¹⁷¹ DOSSIER ANITA GARIBALDI - Idem, Anita tomou parte ativa na Guerra dos Farrapos, e mais tarde na Itália. É lembrada como uma mulher do século XIX que, ao lado dos homens, lutou com bravura na defesa de seu país

com heróis exceto Luiza Maim, com seu filho ilustre. Escrever sobre suas trajetórias poderia ser uma oportunidade de rever a sua própria história.

Lideradas por Laura, as militantes do Comitê foram às fábricas e aos sindicatos e organizaram as mulheres em torno da política do PCB. Desempenharam papel importante nas eleições municipais, realizadas em outubro de 1928. Por intermédio do BOC, o operário Minervino de Oliveira e o intelectual Octávio Brandão concorreram às eleições municipais, como candidatos a intendentes municipais, em outubro de 1928, saindo vitoriosos no Distrito Federal. O Brasil elegia o primeiro operário para exercer um cargo eletivo. No Conselho Municipal, enquanto intendente, Brandão dedicava-se aos assuntos referentes ao Conselho Municipal; era ainda secretário do BOC e dirigia o semanário *A Classe Operária*. Minervino concentrava seus esforços no trabalho sindical. Dois terços de seus salários de intendente ficavam com o PCB, sendo que o restante - 600 mil réis - era o salário de cada um.¹⁷² Desta maneira, as dificuldades financeiras na casa no. 11 da rua do Curvelo continuavam as mesmas.

Laura acompanhava de perto as discussões no Conselho Municipal. Certa ocasião, estando nas galerias, ouviu um intendente lançar duras críticas contra as mulheres soviéticas. Num tom provocador ele dirigiu-se a Laura, em alusão à sua

¹⁷² BRANDÃO, .op. cit., pg. 353 e DULLES, .op. cit., pg. 306

participação no movimento político e sindical para afirmar: “o lugar da mulher é no lar”. Laura não se conteve e travou uma dura discussão com o referido intendente. Apesar de todas as ordens para que se calasse, ela prosseguiu. Fez longo discurso sobre qual era, na sua opinião, o papel e o lugar da mulher, citando, para ilustrar sua fala, a atuação de Anita Garibaldi. Foi presa logo em seguida.¹⁷³ Mas, nem mesmo a prisão a intimidava. Nas memórias de Lia Correia Dutra, funcionária daquela casa em 1947, ela é lembrada numa manifestação em frente ao Conselho Municipal:

A primeira vez que vi Laura foi numa manifestação, em frente à Câmara de Vereadores, dissolvida violentamente pela polícia. Havia, no meio dos manifestantes, uma mulher que se destacava pela coragem - diria quase : pela agressividade. Sobre sua cabeça choviam os golpes de cassetetes; assim mesmo ela conseguiu desvencilhar-se, subiu a um banco e de pé, com uma bandeira na mão, gritou qualquer coisa, não me lembro o que gritou, se um viva ou uma reivindicação. Logo a arrancaram do banco e a arrastaram aos repelões, até que a intervenção de alguns intendentes a libertou, e eu a vi ser levada para o saguão da Câmara ¹⁷⁴

Em março de 1929, os trabalhadores gráficos de São Paulo deflagraram uma greve que durou setenta e dois dias. Alguns dias após, a justiça declarou a ilegalidade do movimento grevista, fechou a União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo [UTG] e prendeu sua Comissão Executiva. O PCB organizou comícios em diversos pontos do país com o objetivo de organizar uma campanha de finanças no sentido de socorrer as quase seis mil famílias de trabalhadores gráficos, que começavam a

¹⁷³ A Imagem de Laura ... pg. 89

¹⁷⁴ Conforme depoimento escrito de LIA CORREIA DUTRA, datado de 28 de julho de 1958, Fundo Octávio... pasta no. 123

passar fome. A situação foi agravada quando as autoridades ordenaram a prisão dos comerciantes e o fechamento de seus estabelecimentos, se fornecessem alimento e crédito aos grevistas¹⁷⁵ Laura dispunha de 15 contos de réis, em uma poupança destinada às filhas, os quais ela entregou ao comando de greve como contribuição da família.¹⁷⁶ Deixou as filhas com Zólia, sua vizinha, e foi para São Paulo representando o Comitê de Mulheres Trabalhadoras, para colaborar na organização do movimento grevista, como anunciava o jornal *O Trabalhador Gráfico*:

O Comitê de Mulheres Trabalhadoras, segundo a linha de seu programa, é solidário e apoia os gráficos paulistas em greve, em toda as manifestações de protesto contra as arbitrariedades cometidas pelo Governo Paulista contra os operários que reclamam pacificamente direitos sagrados e incontestáveis, que lhe são negados pelos patrões...¹⁷⁷

Quando a greve completava sessenta dias, a CGTB anunciou uma grande manifestação marcada para o dia 23 de maio na Praça da Sé, em São Paulo, que marcaria o início da *Semana dos Grevistas Gráficos*. O comício foi realizado com sucesso. No entanto, resultou na detenção de Danton Jobim e cerca de 20 operários.¹⁷⁸ Minervino de Oliveira defendeu publicamente que A *Semana dos Grevistas Gráficos* fosse apoiada

¹⁷⁵ O Comitê Central da Federação dos Trabalhadores Gráficos do Brasil, "A greve dos operários gráficos de São Paulo", in O JORNAL, 10 maio de 1929, apud em DULLES, .op. cit., pag. 313

¹⁷⁶ *A Imagem de Laura* ... pg. 87 e DULLES .,op. cit., pg. 313

¹⁷⁷ *O Trabalhador Gráfico* - São Paulo, 23 de abril de 1929, pg. 4

¹⁷⁸ *O Jornal*, 24 de maio de 1929, apud em DULLES, .op. cit., pg. 314

por todos os assalariados e oprimidos. A CGTB já havia anunciado um comício no Rio de Janeiro para o dia 25 de maio; Minervino e Francisco Mangabeira foram obrigados a comparecer à polícia central do Rio de Janeiro, onde foram informados que a polícia não se oporia ao comício de solidariedade aos gráficos, desde que a ordem pública não fosse perturbada. Os dois concordaram, mas pediram também a garantia de que o comício não fosse perturbado por "agentes provocadores"¹⁷⁹

Na tarde do dia 25 de maio, milhares de pessoas, entre elas operários, mulheres e crianças, seguiram em passeata cantando a *Internacional*, saindo da sede da CGTB, à rua Barão de São Felix, perto da estação da Central do Brasil com destino à Praça Mauá. Os manifestantes levavam cartazes que reafirmavam a necessidade de fortalecer o movimento grevista dos gráficos de São Paulo, repetindo a palavra de ordem lançada pelo jornal *A Classe Operária*: - *A luta contra o capital precisa de capital*. Os responsáveis pelo Comitê Pró Direito de Greve - Minervino, Francisco Mangabeira e Manuel Karacik - não puderam participar das manifestações, pois foram chamados à tarde na polícia central e lá ficaram detidos até à noite. Fernando de Lacerda abriu o comício da Praça Mauá e foi calorosamente aplaudido, sobretudo quando se referiu às violências praticadas pela polícia durante todo o movimento dos gráficos, e apontou para as viaturas estacionadas nas imediações da praça. Em seguida, outros oradores falaram no mesmo sentido e os discursos foram ficando cada vez mais radicalizados.

¹⁷⁹ *Crítica*, 26 de maio de 1929, apud em DULLES, op.cit., pg.314

Irritados, o delegado Oliveira Sobrinho e o Coronel Bandeira de Melo resolveram ordenar a entrada de mais ou menos 300 soldados da cavalaria e forças de infantaria para dissolver o comício. Começaram por impedir o trabalho dos fotógrafos, proibiram a circulação do jornal a *Classe Operária* que estava sendo distribuído no comício, arrancaram os cartazes e as bandeiras que as pessoas portavam nas mãos. A tensão foi aumentando com os agentes policiais prontos para dispersar o comício quando Laura, "alva e bela, toda vestida de branco, com uma capa azul sobre os ombros", - relata Brandão -, subiu na estátua do Barão de Mauá e, num discurso, defendeu os gráficos grevistas de São Paulo, protestou contra as violências da polícia política e conclamou os trabalhadores à luta, à organização, à fraternidade e à solidariedade.

Por ordem do comandante, os soldados avançaram e iam começar a atirar contra os trabalhadores. Laura prosseguia o seu discurso, com a voz firme e olhar determinado, fazendo um apelo às tropas : "Soldados, irmãos, não atirem nos seus irmãos operários" ! Os soldados, talvez surpreendidos, recuaram quando num só coro todo o comício acompanhava a voz de Laura: Soldados, irmãos... Em seguida, pairou um grande silêncio e o comício foi encerrado com o discurso de Laura, que acalmava os operários dizendo que não temessem os soldados, pois todos eram igualmente explorados e que chegaria o dia que em eles se juntariam à luta do proletariado. O comício, que a princípio

parecia conduzir a uma grande tragédia, terminou com gosto de uma grande confraternização.¹⁸⁰

O ano de 1929 foi definitivamente difícil para os militantes comunistas. A perseguição não acabou com o fim da greve dos gráficos de São Paulo. Cinco dias após o fim da greve, a polícia reprimiu violentamente fechando as sedes de instituições operárias situadas à rua Senador Pompeu, onde funcionavam a CGTB, o Centro dos Jovens Proletários e o Comitê de Mulheres Trabalhadoras. Sessenta e nove pessoas foram presas e, apesar das tentativas de denúncias através da imprensa feitas por Minervino e Brandão, então intendentes do BOC, nada se conseguiu de concreto que reverteresse a situação.¹⁸¹

Laura esteve presente em todas as manifestações organizadas pelos trabalhadores. A Liga Antiimperialista realizou um comício nas escadarias do Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, no dia 23 de Agosto de 1929. Laura, ao lado de Brandão, discursou referindo-se ao número assustador de analfabetos que o país congregava e da miséria a que a maioria do povo era submetido. Atacou o privilégio de poucos à custa de uma espantosa exclusão social. Dois meses após, os operários e operárias, na sua maioria da fábrica de tecidos Barreto, em Niterói, entraram em greve. Laura, Brandão e

¹⁸⁰ BRANDÃO, op. cit., pgs. 359 e 360. DULLES, op. cit., pag. 314 e 315. A Imagem de Laura ... pg. 91, 92 e 93

¹⁸¹ DULLES, op. cit., pg. 332

Minervino foram até a fábrica na manhã de 7 de outubro em solidariedade aos grevistas. Laura subiu em uma pedreira ao lado da fábrica, improvisou um discurso e falou aos operários em defesa de seus direitos. Foram presos logo em seguida, inclusive os dois intendentess . Laura foi detida num cubículo com uma mulher doente mental.¹⁸² Por sorte, as vizinhas Zólia e Nise eram avisadas cada vez que Laura saía para uma atividade em que ela sabia que corria risco de ser presa: se ela não voltasse, as meninas eram invariavelmente socorridas por uma delas.¹⁸³

A notícia do jornal *Correio da Manhã* não deixava dúvidas. A polícia não estava disposta a dar tréguas aos comunistas e noticiava com todas as letras: "cada manifestação bolchevista terá uma imediata reação da polícia"¹⁸⁴. Com a sede do BOC fechada, as dificuldades para se conseguir um lugar para o seu Primeiro Congresso nacional não foram poucas. Naquela conjuntura, nenhum proprietário de auditório, cinema ou outro espaço similiar iria permitir que uma convenção comunista se realizasse em seus imóveis, e nem mesmo o Conselho Municipal cedeu o seu auditório. Desta maneira, o BOC realizou o Congresso, clandestinamente, num casebre perdido entre a estação do Campo Grande e Guaratiba, onde os delegados aprovaram o novo programa do BOC e escolheram os candidatos para as eleições de 1930. A sessão pública de encerramento do

¹⁸² BRANDÃO, op. cit., pag 363 e 364

¹⁸³ Conforme depoimento de Dionysa Brandrão gravado em 16 de junho de 1994, no Rio de Janeiro.

¹⁸⁴ *Correio da Manhã*, 08 de novembro de 1929

Congresso foi marcada para a rua do Curvelo , em frente à casa de Brandão, por falta de outro lugar. No entanto, a polícia proibiu o encontro e bloqueou a rua do Curvelo, prendendo oitenta e cinco pessoas.¹⁸⁵

No dia seguinte, o BOC fez um comício em frente ao Teatro Municipal, em comemoração ao décimo segundo aniversário da Revolução Socialista de 1917. Minervino abriu o comício discursando sobre a ação policial em Santa Teresa no dia anterior. Em seguida, apresentou os nomes dos candidatos do BOC às eleições : para Presidente da República, o próprio Minervino, tendo como vice em sua chapa o ferroviário Gastão Valentin Antunes; para Senador, Fenelon José Ribeiro; para Deputados Federais, o advogado Paulo de Lacerda e o gráfico Mário Grazini. Cada nome anunciado era recebido com aplausos, referendando a escolha feita pelos delegados do BOC no dia anterior. Mário Grazini era o próximo orador mas nem conseguiu falar, pois a polícia , de posse dos nomes dos candidatos, acabou com o comício a borrachadas e tiros para o alto.¹⁸⁶ Laura, em pé em cima de um banco da praça, tentou inutilmente reanimar o comício.¹⁸⁷

¹⁸⁵ Idem e BRANDÃO. , op. cit., pgs. 364 e 365

¹⁸⁶ Correio da Manhã , 08 de novembro de 1929

¹⁸⁷ BRANDÃO , op., cit. 365

O jornal *A Classe Operária* informava que "além dos ferimentos leves causados pelos tiros, o camarada Prado teve o braço varado por uma bala críminosa dos agentes do Sr. Oliveira Coutinho ... além de efetuar sob maus tratos, a prisão de cerca de 100 companheiros operários" ¹⁸⁸. Em seguida, o jornal *A Classe Operária* foi novamente fechado e os dois intendentes do BOC passaram a ser constantemente atacados, no Conselho Municipal, por uma campanha declarada contra os comunistas. No final do ano de 1929, o Conselho Municipal aprovou um projeto de lei que proibia a publicação dos discursos dos intendentes comunistas no *Diário de Debates*. Brandão tinha que recorrer a apartes quando queria registrar sua palavra. No começo dos anos 30, a censura foi estendida inclusive aos seus apartes, deixando os intendentes comunistas completamente sitiados no Conselho Municipal.¹⁸⁹

Por outro lado, o PRP lançava Júlio Prestes, o candidato preferido de Washington Luís à sua própria sucessão, enquanto Getúlio Vargas era lançado pela Aliança Liberal. Vargas, com seu "programa social" que incluía reivindicações imediatas do movimento operário referentes às leis trabalhistas - tais como férias, salários, horário de trabalho, etc -, acabou conquistando para a Aliança Liberal grande parte do apoio que o BOC esperava obter nas eleições de primeiro de março de 1930. Entretanto, segundo Leôncio Basbaum, a posição de neutralidade de Luís Carlos Prestes foi um trunfo na mão do candidato da AL. Seu silêncio sugeria que o Cavaleiro da

¹⁸⁸ DULLES., op. cit., pg. 333

¹⁸⁹ Idem

Esperança era um aliado e aceitava Getúlio como candidato à presidência da República. Além disso, certamente o PCB não conseguiu convencer a maioria do proletariado que levaria a cabo a transformação efetiva da sociedade, muito embora o lema do BOC fosse "Votar no PCB é votar na Revolução".¹⁹⁰

Derrotados na eleições, os comunistas divergiam em suas análises sobre o futuro imediato. Suas avaliações oscilavam desde a "explosão de uma insurreição revolucionária das grandes massas" descontentes com o resultado das eleições, até a "possibilidade mais ou menos próxima de um pronunciamento militar a ser feito pelos líderes da Coluna Prestes", apostando que a questão da eleição presidencial se resolveria de maneira pacífica a favor do presidente eleito.¹⁹¹ Enquanto os comunistas procuravam um entendimento em suas análises, a campanha contra eles não dava tréguas. A imprensa diária colaborava para alardear o "perigo" de sua propagação em todo país, como anunciava o jornal *Correio da Manhã*: "Em toda parte, o comunismo vai se infiltrando, em consequência da propaganda surda que fazem os defensores das idéias de Lênin..."¹⁹²

Em Moscou, o Comintern, através de seu presidente Dimitri Manuisky, instruía os partidos comunistas a "romperem o cordão umbilical que os prendia à

¹⁹⁰ BASBAUM. *Uma Vida em Seis Tempos*. pg. 78

¹⁹¹ *A Classe Operária*, 17 de abril de 1930

¹⁹² *Correio da manhã*, 29 de março de 1930

sociedade burguesa de classes" . Para ele, os Partidos Comunistas da América Latina "encontravam-se na estaca zero do movimento revolucionário". Exigia destes Partidos "uma transformação radical de toda prática diária, na direção de uma política independente de classe". Dimitri acusou os brasileiros pela atuação paralela realizada através do BOC em relação ao PCB. As críticas à linha partidária - política a reboque da classe média, o partido sobrevivendo atrás do Bloco Operário e Camponês e as severas críticas a Octávio Brandão , nas palavras de Heitor Ferreira Lima - , deixaram os "brasileiros perplexos, atônitos, quase aniquilados, pois eram esforços, trabalhos de tantos anos que víamos desmoronar irremediavelmente, ante nosso espanto e inconsciência, como se o mundo viesse abaixo" ¹⁹³.

Astrojildo, que partira do Brasil em direção a Moscou, em fevereiro de 1929, para representar o Partido nesta reunião, chegava ao país em janeiro de 1930, trazendo na bagagem a difícil missão de proletarizar ou "bolchevizar" a estrutura orgânica do PCB. Em abril deste mesmo ano, Brandão e Astrojildo foram a Buenos Aires representando o PCB na conferência dos PCs latino-americanos. A situação brasileira voltou a ser discutida, e Brandão foi severamente criticado, acusado de " desvios de direita ". No entanto, os escritos de Brandão "não representavam sua opinião pessoal e

¹⁹³ LIMA, Heitor Ferreira. Caminhos Percorridos - Memórias de Militância. São Paulo: Brasiliense, 1982, pg.

única, e, sim, constituíam pensamento oficial da direção do PCB.¹⁹⁴ Brandão e Astrojildo, que nos anos vinte foram os principais responsáveis pela elaboração teórico-política do PCB, foram destituídos da direção do Partido e o Bloco Operário Camponês foi dissolvido.¹⁹⁵

A crise interna na direção do partido intensificou-se com a política de proletarização. Este conceito se afirma durante o VI Congresso da IC [1928] e "é utilizado para a consolidação do stalinismo na Rússia e nos vários PCs mundiais"¹⁹⁶. A determinação de proletarizar o Partido tinha como objetivos atrair principalmente os operários das grandes indústrias e levar-lhes a "teoria revolucionária", ensinando-lhes os fundamentos do "marxismo-leninismo". De acordo com Basbaum ¹⁹⁷, o conceito de proletarização fora mal entendido, inclusive por Astrojildo, e acabou se transformando em obreirismo. Os intelectuais, a partir de então, tinham que receber ordens dos operários. Para ele, configurava desprezo pelos aliados de classe, sobretudo pelos intelectuais que deviam seguir a "linha justa" de endeusamento do "operário", chegando ao absurdo de copiar seu modo de vida e comportamento.

¹⁹⁴ Idem

¹⁹⁵ PINHEIRO., op. cit., pg 246

¹⁹⁶ CARONE. ,op. cit., pg.281

¹⁹⁷ BASBAUM. Uma Vida em Seis Tempos. pg. 94

Por decisão tomada nas reuniões da IC, os intelectuais, que num primeiro momento da vida do partido foram os quadros mais importantes e que de maneira decisiva interviam na direção partidária, entre eles Brandão, Astrojildo e Basbaum, deveriam ser afastados. Brandão protestou contra o que pensava ser uma política equivocada e ultra-sectária do Secretariado Sul-Americano. No entanto, obedeceu ao Partido e defendeu em público uma política em que não acreditava, embora tenha confidenciado a Astrojildo que a "linha de sovietação imediata" proposta pela IC, sem passar pela etapa da revolução popular agrária e antiimperialista, era um absurdo. Acusou Astrojildo de estar enveredando, naquela hora, por uma política errada e protestou contra o desmoramento do BOC, afirmando que o abandono do movimento de frente popular ia diretamente ao encontro dos planos de Getúlio Vargas. Astrojildo respondeu a Brandão, acusando-o de oportunista.¹⁹⁸

Embora Laura tenha sido respingada com esta discussão toda, - afinal ela era a mulher de Brandão -, pelo menos sua condição era mais confortável pois não viveu o dilema de ter que optar por nenhuma corrente. Seu compromisso, como vimos, era com o comunismo e não com o PCB. Desta maneira, seu comportamento, neste período, continuou o mesmo e podia ser vista nas ruas, nos comícios e na defesa incansável do marido e outros companheiros presos.

¹⁹⁸ DULLES, op. cit., pg. 354

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, o primeiro de maio de 1930 teve sua comemoração proibida. O PCB tentou realizar um comício na praça Mauá, na tarde do primeiro de maio, dissolvido com violência pela polícia. Muitos manifestantes, entre eles Laura Brandão, Minervino de Oliveira, Paulo e Fernando Lacerda e Sadi Garibaldi, foram presos. Embora, oficialmente, a polícia não reprimisse manifestações pacíficas promovidas legalmente nos limites constitucionais do direito de reunião, o governo justificava sua ação repressora com alusão aos pequenos grupos de operários filiados ao comunismo com representação até no Conselho Municipal, em referência a Brandão e Minervino eleitos pelo BOC, e aos perigos que vinham do estrangeiro sob a forma de "doutrinas políticas exóticas" infectando o "bom e inofensivo proletariado brasileiro" com sua pregação subversiva.¹⁹⁹

Brandão chegou ao Rio de Janeiro, vindo de Buenos Aires, no último dia de maio. Foi detido e teve seu passaporte confiscado. Por volta de junho deste mesmo ano, a polícia invadiu a casa de Laura e Octávio, em busca de documentos. Revirou a casa toda, pôs abaixo os livros que estavam na estante e não encontrou nada, pois tudo estava guardado na casa de um operário no morro de Catumbi. Mas, alguns dias depois, a polícia acabou encontrando a mala e confiscou todos os documentos que continha. Entre eles, além dos materiais e livros revolucionários, havia apontamentos pessoais, livros e

¹⁹⁹ Idem . pgs. 246 e 247 - passim -

escritos de Octávio, fotografias e toda a correspondência entre Laura e Octávio durante o período em que namoravam.

Muitos esforços foram empreendidos no sentido de conseguir a restituição deste material. Laura fez várias tentativas junto à polícia e, nada conseguindo, foi à imprensa. Não encontrando eco na imprensa carioca, através dos amigos de São Paulo conseguiu publicar uma carta no *Diário de São Paulo*, denunciando o fato:

Se o proletariado e os intelectuais do Brasil não protestarem, todas as obras literárias e científicas inéditas de Octávio Brandão serão destruídas por um auto de fé na Polícia Central. [...] Acostumada a ver nosso modesto lar invadido pelos agentes policiais que revolviam todos os papéis íntimos e carregavam documentos preciosos ... sem relação alguma com a luta política , tratei de guardá-los fora de casa ... que durante anos rolaram por vários esconderijos ... Há quase dois meses vou à Polícia Central ansiosa para reaver estas obras. Em vão ! A polícia pretende destruí-las num auto de fé como já fez com outros trabalhos de meu companheiro... apelo para o povo, para os homens de cultura e, em particular para o proletariado, não permitirem que sob o pretexto de luta política, a polícia destrua obras literárias e científicas. Seria um crime contra a cultura permitir em silêncio a consumação deste monstruoso auto de fé.²⁰⁰

Apesar de todos os protestos e do evidente exagero na avaliação sobre o valor das obras literárias e científica do marido, os documentos não foram recuperados e, certamente, foram destruídos pela polícia. A partir de 1930, a vigilância policial na casa no. 11 da rua do Curvelo intensificou-se. No início de outubro, Brandão estava em casa preparando-se para partir na madrugada. Entretanto, à meia-noite, foi surpreendido pela

²⁰⁰ *Diário de São Paulo* . 09 de agosto de 1930.

polícia que o levou preso para a Casa de Detenção, à rua Frei Caneca²⁰¹. Brandão escreveu ao presidente do Conselho Municipal denunciando e protestando contra a violência praticada. Ficou preso vinte e um dias, até que, na tarde do dia 24 de outubro, a Polícia Central foi invadida por trabalhadores militantes e simpatizantes do PCB que libertaram os presos políticos - entre eles, Octávio.

Na tarde do dia seguinte, o PCB organizou um comício na Praça Mauá para protestar contra a "revolução" da Aliança Liberal que levou Getúlio Vargas a assumir um Governo Provisório ditatorial, rasgando a constituição de 1891 e fechando todas as câmaras legislativas. A manifestação fora, mais uma vez, violentamente dissolvida pela polícia e Brandão foi preso novamente quando discursava. Ficou em liberdade somente vinte e sete horas. Minervino, que discursava na mesma linha, também foi preso e metido junto com Brandão na famosa "geladeira" da Casa de Detenção: um cubículo sem sol e sem ventilação. Brandão estava doente, com bronquite e muita febre, e, após muitos protestos de Laura, foi transferido para o Hospital da Polícia Militar, também na Frei Caneca. Aproveitando qualquer oportunidade, fazia propaganda revolucionária entre os soldados da guarda do hospital. Como castigo, acabou voltando para a Casa de Detenção de onde saiu em fevereiro de 1931, após 105 dias de prisão. O PCB vivia, nesse momento, uma crise interna gerada pela destituição de seus dirigentes históricos. Laura, portanto,

²⁰¹ Sobre as prisões de Brandão citadas daqui para frente ver BRANDÃO, Octávio, *op. cit.*, pgs. 395 a 404

acabou sozinha na defesa do companheiro preso. Mobilizou a imprensa e protestou em vários jornais ²⁰²contra as arbitrariedades cometidas pela polícia, como podemos ler nas páginas do *Jornal do Brasil* :

Após 62 dias na Casa de Correção e no Pavilhão dos Criminosos Primários, na Detenção, o meu esposo, o escritor e proletário Octávio Brandão, continua sem processo, sem acusação, sem ter sido interrogado pelas autoridades [...] de todas as suas 14 prisões a do dia 25 foi a mais brutal. Metido num cubículo, a saúde abalada por anos de lutas e perseguições, sem sol, sob a friagem, no mais profundo isolamento adoeceu gravemente... Transferido pelo atual diretor para uma saleta, melhorou, mas não se restabeleceu. Reivindico, mais uma vez, do chefe de polícia a transferência de Octávio Brandão para um quartel.²⁰³

Este foi um período particularmente árduo para Laura. As dificuldades financeiras foram agravadas, pois não havia mais o salário de Brandão como intendente. Por outro lado, o PCB em crise, também vivia sérios problemas financeiros. Além disso, havia as filhas e a defesa de Brandão, entregue à própria sorte na prisão. Tudo para ser resolvido por Laura - o "homem da casa". Por esta ocasião, ela escreve, ao que tudo indica, a Astrojildo ²⁰⁴, uma carta bastante codificada, naturalmente por causa do

²⁰² Entre eles *Correio da Manhã* 10 de dezembro de 1930, 30 de dezembro de 1930 e 17 de maio de 1931; *Diário de Notícias* 23 de dezembro de 1930 e 27 de janeiro de 1931; *Diário Carioca* 10 de dezembro de 1930; *Jornal do Brasil* 06 de dezembro de 1930

²⁰³ *Jornal do Brasil*, 06 de dezembro de 1930.

²⁰⁴ Segundo Dionysa Brandão, Astrojildo havia sido testemunha na certidão de nascimento de Sáttva e por esta razão Laura e Octávio o consideravam seu padrinho.

momento de repressão que o país vivia, por meio da qual ficam evidenciados os momentos difíceis que ela estava enfrentando:

Padrinho de Sáttva :

Parece-me que andei bem agindo com segurança. O dinheiro corresponde a um mês de subsídio [junho] e um [...] [outubro]. O salário do compadre já tirei [dois meses 1:200\$000]. O compadre está inquietíssimo. Não pode estar parado. Já me escreveu treze cartas. Destas, o diretor do colégio já me fez rasgar três. No dormitório estão 68 alunos. Ele me diz que é um pandemônio ! É um confucionismo medonho. Resumo do Brasil todo. Como deve já saber, o Xavier está com o coleguinha do seu compadre. Eu estou de cama: a mesma coisa que por ocasião da Vitória do grande campeonato em outubro de 1928. Mas não é nada. Sinto-me forte e pronta para assumir ordens logo que me levante. Saúde e um grande abraço a todos que perguntarem por mim. A mãe da afilhada.²⁰⁵

E as amarguras não pararam por aí. No início de 1931, Brandão encontrava-se novamente em liberdade , mas sem emprego. A direção do PCB decidiu, então, delegar-lhe a tarefa de reeditar o jornal *A Classe Operária* , suspenso desde 1929, quando fora novamente decretada sua ilegalidade. Brandão era auxiliado nesta tarefa por outros militantes operários, entre eles o gráfico Ferreira da Silva, que ajudava na composição e impressão, o ferroviário Romualdo de Andrade e o servente de pedreiro João Domingos, que ajudavam na distribuição do jornal, cuja sede de redação e depósito ilegal estava situada à rua da Misericórdia, perto da Praça 15, estação das barcas de Niterói.

²⁰⁵ Carta de próprio punho de Laura, datada de outubro de 1930, Fundo Octávio ... pasta 118

Nesta ocasião Laura foi presa junto com as três meninas. Elas haviam saído para um passeio quando um policial aproximou-se e disse que estavam presas. Laura pediu permissão para que primeiro pudesse levar as crianças à casa de uma vizinha, mas não foi autorizado. Na delegacia, foram colocadas em uma saleta onde ficaram horas esperando. A polícia procurava Octávio e queria saber de seu paradeiro. As três haviam sido educadas para nada dizer à polícia e desta maneira nada foi revelado, até porque, segundo Vólia, elas não sabiam mesmo por onde andava o pai.²⁰⁶

Entre uma peripécia e outra para fugir do cerco da polícia, Brandão acabou sendo preso outra vez: João Domingos Silva, operário simpatizante do Partido que vivia numa miséria quase absoluta, denunciou à polícia o endereço da redação do jornal em troca de 600 mil réis. Na noite de 23 de abril de 1931, Brandão foi preso quando subia as escadarias da redação para preparar a edição de primeiro de maio. Não teve como escapar, pois estava cercado com cinco revólveres apontados para sua cabeça.

Laura sempre se manteve serena em todas as situações duras que enfrentou ao longo dos anos de sua militância, mas já dava sinais de estar cansada. Foi visitar Octávio na cadeia junto com as três meninas, que geralmente a acompanhavam nessas ocasiões. Ela acreditava que com a presença das crianças a polícia pudesse ter um pouco mais de consideração. Mas, desta vez, parece que não foi bem assim. Não permitiram

²⁰⁶ Conforme depoimento de Vólia Brandão, escrito no México em 02 de julho de 1995.

que Laura entrasse e nem que Octávio viesse até a saleta de visitas, pois ele estava incomunicável. Partiu dos policiais a sugestão de que as três crianças fossem até o cubículo onde ele estava detido. A intenção era castigar Octávio, mostrando às filhas a situação degradante em que ele se encontrava. Laura concordou e sorrateiramente colocou na mão de Vólia um bilhete que deveria ser entregue a Octávio. Acompanhadas de um policial, as três crianças adentraram o pátio da prisão sob olhares dos presos que tomavam sol. No final do corredor, depois de atravessarem muitas portas com grades, chegaram no cubículo. Ficaram com ele apenas alguns minutos. Ao abraçá-lo, Vólia passou para suas mãos o bilhete de Laura.²⁰⁷ Na cadeia, Octávio teria sorrido aos receber estas linhas ?

O P.C. é uma perene fonte de sofrimentos. O teu amor era o bálsamo , o meu encanto, a minha força, a minha luz, a minha glória. Tu, só tu me compreendias ! No teu amor é que eu bebia forças para suportar essa longa amargura que tem sido minha vida.²⁰⁸

Durante o tempo que Brandão ficou preso, desta vez cinquenta e seis dias, Laura não poupou esforços para impedir que ele fosse deportado para a Colônia Correccional de Dois Rios, na Ilha Grande, como denunciava no *Correio da Manhã*:

Solto , o meu esposo não pode voltar a trabalhar, [como antes de ser intendente] porque as perseguições recommçaram e ele teve que viver escondido por quase dois meses [...] Preso novamente ele e mais vinte e cinco companheiros estão numa lista da

²⁰⁷ Idem

²⁰⁸ Manuscrito de Laura datado de 10 de janeiro de 1931. Fundo Octávio ... - parte 2 - não catalogado..

secretaria da Detenção para serem deportados para a Colônia Correccional de Dois Rios como se fossem criminosos. Ali serão surrados, como já o foram seus companheiros José Maria e Manoel Soares. Esposa e mãe, protesto contra esta selvageria e reivindico a liberdade de meu marido cujo pretenso crime é ser um homem de ideal. Protesto igualmente contra os espões que a polícia põe no meu encaço, bloqueando-me a casa dia e noite.²⁰⁹

No momento de dificuldade, Laura assume o papel de “esposa e mãe”, e o mobiliza a seu favor. Faz dele o veículo de sua denuncia cujo objetivo, em última instância, era garantir a própria sobrevivência do marido. Segundo Brandão, seria muito difícil sair vivo da Colônia Correccional de Dois Rios. Ele sugeriu várias alternativas, como Alagoas ou alguma outra parte do país, ou então qualquer lugar da América Latina. No entanto, o governo decidiu deportá-lo, para Bremen, na Alemanha.

Ao mesmo tempo, Laura e suas as três filhas - Sáttva, com nove anos, Vólia, com 8 anos e Dionysa com quase 6 anos - , foram também deportadas do país. Na pequena rua do Curvelo o clima era de grande desolação. Laura preparou a despedida. Talvez prevendo que não voltaria mais, reuniu a família na pensão da Jacintinha e registrou o momento com várias fotografias. Zólia presenteou as meninas costurando-lhes vestidos para o frio. A despedida na casa da família Hauer confirmava o que Laura jamais desejou. Júlio Hauer, vizinho dos Brandão, prefaciou o livro *A Mão, Sonhos e Destino*, escrito por Sana-Khan, um estudioso da quiromancia, que também morava na rua do Curvelo. O livro continha interpretações das mãos de várias personalidades do Rio de

²⁰⁹ Correio da Manhã, 17 de maio de 1931.

Janeiro, entre elas Manuel Bandeira, Octávio e Laura. Júlio, que também gostava de praticar a leitura das mãos, afirmava que Brandão voltaria ao Brasil, mas Laura não. Com muita tristeza, ela sorriu : "ainda bem que eu não acredito em nada disso" !²¹⁰

Assim, na tarde do dia dezoito de junho de 1931, Brandão saiu da Casa de Detenção e foi direto para o cais, onde encontrou Laura e as três filhas. Cercados por oito agentes da polícia foram embarcados. Eram 15:45 horas quando o navio Weser deixou o cais da Praça Mauá. Na despedida, poucos amigos : Dominginhos, o pai de Laura, as amigas Nise e Zólia e Benjamim Soares Cabello - o Caberrito. Enquanto o navio se afastava , Laura se despedia da família , dos amigos, da cidade do Rio de Janeiro, do povo e da cultura que ela tanto amou.

²¹⁰ Conforme depoimento gravado com Lício Hauer em 17 de julho de 1993 , em Petrópolis-RJ



LAURA DE FONSECA E SILVA BRANDÃO

Poetiza, escritora, publicista e educadora. - Deportada, em 1931, pela revolução de Outubro, como chefe comunista. - Atualmente (1932) professora de um educandário, na Rússia.

Foto cedida por

LYCIO HAUER - PETRÓPOLIS - RJ



No quintal da pensão de Jacinta - próximo da partida para o exílio - 1931
Laura e as filhas, Volia, Sáttva e Dionysa.

Embora Octávio Brandão afirme que as filhas não frequentaram escola no Brasil,
as crianças parecem estar usando uniforme escolar

CAPÍTULO IV
CANÇÕES DO EXÍLIO

1. Uma Grande Terra

Os vinte e três dias a bordo do navio Wener, rumo a Bremen, na Alemanha, foram vividos com dificuldades.²¹¹ De um lado, a dor da partida, pois o país e os amigos queridos estavam ficando para trás. Na condição de deportados, Laura não sabia se a mesma viagem seria feita de volta ao Brasil. Todos adoeceram algumas horas após a partida do navio. Brandão havia saído da prisão com a saúde comprometida e a gripe adquirida na viagem transformou-se em uma delicada pneumonia. Com exceção da pequena Dionysa, todos vomitaram bastante durante a viagem, principalmente quando as tempestades caíam e o mar ficava muito agitado. Mas, depois de alguns dias, as meninas foram se adaptando à nova situação e acabaram ficando "senhoras" do navio. Em Lisboa, fizeram uma breve parada. Laura aproveitou para escrever um cartão para sua mãe, mandando notícias. A forte tempestade que tiveram que enfrentar no Mar do Norte fez com que o navio atrasasse sua chegada à Bremerhafen, final da travessia marítima. Chegaram a Bremen na noite de 9 de julho, após quase duas horas de uma agradável viagem de trem. A princípio, pretendiam seguir no mesmo dia para Berlim. Mas, o estado de saúde de Brandão impedia. Dormiram em Bremen, passaram o dia todo descansando e só no dia seguinte partiram para a capital alemã.

Chegando em Berlim, a família foi diretamente da estação para o Socorro Vermelho, onde foram gentilmente recebidos pelos camaradas que providenciaram

²¹¹ As informações a respeito da viagem para o exílio foram extraídas da primeira carta que Laura escreveu de Moscou para sua mãe Jacinta, datada de 17 de setembro de 1931 - Fundo Octávio ... PASTA 118

biscoitos e cerejas para as crianças. Agora era a vez de Laura ser atendida pelo mesmo Socorro Vermelho em que havia trabalhado no Brasil. Foi imediatamente encaminhada para a casa da camarada Frida que cedeu sua sala de visitas para hospedar a família recém-chegada. Frida instalou Sáttva , que era a mais velha das três, em seu quarto, preocupada em dar-lhe a melhor acomodação possível. Na tarde deste mesmo dia foram conhecer a cidade . Caminhando pelas ruas largas, limpíssimas e movimentadas, Laura não escondia o seu deslumbramento com tudo que via.

No dia seguinte, fizeram um passeio pouco comum a turistas normais. Os camaradas alemães os levaram ao cemitério para visitar a sepultura de muitos camaradas, entre eles Rosa de Luxemburgo e Karl Liebknecht. Afinal , o assassinato de Rosa e Karl, em 1919, havia provocado uma comoção nos círculos revolucionários da Europa, e parece natural que os camaradas alemães sugerissem tal roteiro. Rosa, que conhecia bem a obra de Marx, foi uma importante teórica do Partido Social-Democrata alemão. Teórica e militante, foi uma dissidente e isso custou-lhe a vida. Nas palavras de Hannah Arendt , "a morte de Rosa tornou-se um divisor de águas entre duas eras na Alemanha; e tornou-se irrevogável a divisão da esquerda européia entre os partidos comunista e socialista."²¹²

É possível que naquele momento Rosa não fosse conhecida entre os comunistas brasileiros, mas Laura muito se assemelhava a ela. Se a revolucionária vermelha "nasceu para cuidar de gansos" ²¹³, ela havia nascido para escrever poemas. Possivelmente as duas não teriam mudado o rumo de suas vidas se as circunstâncias do mundo não tivessem ferido os seus sentidos de justiça e liberdade.

²¹² ARENDT, Hannah. Homens em Tempos Sombrios . São Paulo : Cia das Letras, 1987, pg.39

²¹³ Idem, pg. 41

Laura, por alguns momentos, até procurou esquecer o verdadeiro motivo que a levava à Alemanha. Tentou aproveitar a atmosfera da terra do poeta que tanto a inspirava. No entanto, não houve tempo para que ela escrevesse sequer um poema pois, dois dias após sua chegada à Berlim, Brandão foi chamado à polícia para ser comunicado de que deveria deixar a Alemanha imediatamente. Embora tivessem entrado no país legalmente, a pedido das autoridades brasileiras a polícia política alemã os intimou a deixar imediatamente o território da Alemanha, sob pena de serem presos por seis meses e deportados.

Solicitaram então asilo político à URSS e, no mesmo dia, embarcaram para Moscou a toda pressa, mal tendo tempo de se despedir da camarada Frida e arrumar algumas roupas de inverno cedidas pelo Socorro Vermelho. Apesar do verão, logo precisariam de roupas adequadas para o clima do país em que iriam viver. Assim, no dia 14 de julho, cantando a *Internacional*, atravessaram a fronteira russa. Acima de tudo era preciso manter aceso o otimismo e a "fé". No dia seguinte chegaram à Moscou. Não é difícil imaginar que Laura não pudesse conter sua emoção! Afinal, estava entrando não só em um novo país, mas em uma nova sociedade, o paraíso prometido pelo socialismo onde a miséria e a desigualdade haviam sido banidas. E agora ela estava lá e poderia viver no dia a dia o sonho desejado pelos comunistas. Ao que parece, sua primeira impressão era de muito entusiasmo, principalmente porque o lugar destinado à mulher era bastante diferente daquele vivido no Brasil. Assim escreve ela a sua mãe Jacintinha, após dois meses de vida em Moscou:

" ... nós aqui estamos muito bem. O Octávio diz que nunca teve tanta paz de espírito. A Rússia nova é uma terra de trabalho; a palavra que mais se ouve aqui é robotnik, que quer dizer operário. Nós *mulheres* aqui ocupamos todos os lugares, com a maior

naturalidade e a maior capacidade, desde um cargo político de responsabilidade até a um lugar de varredora de rua ou condutora e motorneira de bonde [...] e tudo numa alegria sã, de quem sabe ser independente! As mulheres ocupam todos os lugares, e nem se diga que isso altera ou sacrifica o instinto maternal. Nunca vi tanto recém-nascido e nem tanta criança por nascer, como aqui em Moscou. A Rússia nova é uma grande terra, que cada dia melhora mais. Gente sem preconceito, gente sem requintes, sem decadência - gente do trabalho!"²¹⁴

Parece que ela realmente respirava novos ares e sentia-se renovada. As possibilidades de ver as mulheres reconhecidas como cidadãs, "liberadas" do preconceito de uma categoria subalterna, o Socorro Vermelho funcionando e concretizando sua idéia de solidariedade. Chegando em Moscou, foram novamente recebidos pelo Socorro Vermelho e encaminhados para a *Casa dos Emigrados Políticos*, um belo palácio que havia pertencido ao Príncipe Vorontzono. A regra na *Casa dos Emigrados* era que os homens ocupassem um dos salões e as mulheres outro. No entanto, por sorte os camaradas ofereceram-lhes uma sala menor e Laura pôde ficar junto de sua família. Foi um grande alívio, pois lá viveram por dois meses.

Entretanto, logo de início tiveram alguns problemas: Brandão não tinha nenhum documento que comprovasse sua função no PCB e, na seção soviética do Socorro Vermelho, chamada MOPR, o trataram com visível desconfiança. A princípio, a família não fora reconhecida como exilados políticos, até que Tina Modotti, responsável pelos latino-americanos na Casa de Emigrados do Socorro Vermelho Internacional,

²¹⁴ Conforme primeira carta de Laura a mãe, citada na nota 1.

esclareceu quem era de fato Octávio Brandão.²¹⁵ Felizmente, por seu intermédio, o seguinte documento chegou ao Socorro Vermelho:

Caros Camaradas,

O presente credencia o camarada Octávio Brandão, membro o Comitê Central do P.C. Brasileiro, que daqui partiu com sua família, expulso pelo governo de seu país.

Saudações comunistas

Barreto ²¹⁶, pelo B.P. do C.C. Rio de Janeiro, 3 junho de 1931

No mesmo documento, Tina escreveu de próprio punho a seguinte declaração:

Declaro que a presente é uma cópia integral do original que se encontra nos arquivos do MOPR. Departamento de Emigração Política

Tina Modotti (Referência pelos Países da América Latina na C.E. do S.R.I.) ²¹⁷

Tina acabou sendo uma espécie de anjo da guarda da família. Sempre que precisavam de alguma coisa, inclusive as coisas simples necessárias para o dia a dia - como, por exemplo, uma panela -, ela acabava resolvendo. Com a sua ajuda, as dúvidas em relação a Brandão foram esclarecidas e só então foram tratados com amabilidade e puderam dizer que haviam realmente chegado²¹⁸. Laura mudou-se com a família para um

²¹⁵ CANALE, Cristiane Barckhausen. No Rastro de Tina Modotti. São Paulo: Alfa-Omega, 1989, pgs. 180 e 181.

²¹⁶ BARRETO era o pseudônimo de HEITOR FERREIRA LIMA, apud DULES, op. cit., pg. 402

²¹⁷ Documento datilografado e datado com carimbo de 3 de julho de 1931. Este documento encontra-se no Arquivo da IC em Moscou, no dossiê Octávio Brandão.

²¹⁸ Conforme entrevista de Sáttva Brandão apud CANALE, op. cit., pg. 181

quarto no Hotel Lux, onde passaram a ocupar o apartamento 103. Apesar do pouco espaço, o apartamento não era de todo desconfortável: arejado, tinha duas janelas, fogão a gás e cada andar era servido por um telefone de uso coletivo instalado no corredor. Não havia banheiro no apartamento, portanto, a família servia-se do banheiro de uso coletivo. Só em 1937, passaram para um outro apartamento, o número 118 do mesmo hotel. Era um pouquinho maior, tinha uma sala grande, um quarto menor e uma pequena despensa. Entretanto, não havia fogão e Laura valia-se da cozinha coletiva, o que no inverno dificultava sobremaneira o cotidiano doméstico. Pela manhã, as crianças tinham que tomar leite frio e à noite, quando precisavam de água quente para o chá, também era sempre um transtorno.

Uma vez instalados, era preciso dar continuidade à vida. Afinal, não sabiam ao certo por quanto tempo a Rússia seria a nova pátria da família. No início de setembro de 1931, Sáttva e Vólia, que haviam sido alfabetizadas por Laura, pois segundo Octávio no Brasil não frequentaram escola submeteram-se a um teste e entraram para o segundo ano primário. Embora a professora fosse da opinião de que primeiro elas precisariam aprender a língua russa, por insistência de Laura, as meninas foram matriculadas e, em poucos meses, as duas falavam a nova língua sem grandes dificuldades. Dionysa, no mês seguinte, ingressou no jardim da infância. Nos primeiros dias, chegava em casa desolada dizendo: "eu sou a única analfabeta na Rússia!" Logo adaptou-se e já falava alguma coisa em russo. No ano seguinte, isto é, alguns meses após chegarem à Moscou, Sáttva, Vólia e Dionysa já frequentavam reuniões infantis dos outubristas.

As meninas iam às compras no "magazine" e passeavam sozinhas pela cidade. Nas lembranças afetivas que as filhas guardaram de seus primeiros meses em Moscou, relatam que, quando saíam Sáttva divertia-se com as irmãs dizendo "coisas engraçadas" em português às pessoas que passavam por elas na rua. Laura advertia e alertava-as pois quando chegassem ao Brasil elas poderiam fazer o mesmo pensando que as pessoas não entenderiam. Sáttva prontamente respondeu: "Não faz mal, mama, porque eu lá falarei em russo". Já nos primeiros meses Brandão fazia-se entender em russo. Fez seu primeiro discurso na nova língua, publicado num jornal da Comuna. Também traduziu uma de suas poesias para a *Revista Literária* dos intelectuais revolucionários.²¹⁹ Laura, porém, não conseguia aprender e tinha muitas dificuldades com a nova língua.²²⁰

Ao que parece, andava um tanto desolada. Não escreveu mais poemas e, embora sublinhasse nas cartas que escrevia à Jacintinha que em Moscou as mulheres ocupavam lugar de destaque, até então, ela ainda só se ocupava da rotina da família. Além disso, tinha que aprender a conviver com o "desconforto", compartilhar banheiro e cozinha coletivos o que, para os hábitos de higiene a que estava acostumada, não deveria ser nada fácil. Os banheiros localizados no corredor, além de coletivos, eram mistos, o que contribuía para que fossem menos limpos ainda, sem falar da inexistência de papel higiênico. Como sabemos, ela gostava de vestir-se bem. Em Moscou, usava meias de seda que havia trazido do Brasil. Brandão a repreendia dizendo que ela estava num país operário e que deveria se comportar adequadamente. Laura, tranquilamente, respondia que enquanto as tivesse usaria sem o menor constrangimento. Aproveitando o

²¹⁹ Conforme carta manuscrita de Laura a Jacintinha - Moscou 27 de abril de 1932 - Inventário Octávio ...pasta no.118

²²⁰ Conforme depoimento de Valná Brandão, gravado em 17 de junho de 1994, no Rio de Janeiro

verão, em desforra aos longos meses de rigoroso inverno com tempestades de neve que o país enfrentava, os moscovitas costumavam tomar banho de sol nas praças públicas. Laura não escondia sua irritação por não poder fazer o mesmo por falta de roupas adequadas.²²¹

Para ela, viver em Moscou não foi nada fácil e, ao que parece, não conseguiu adaptar-se nunca completamente. As esperanças de voltar ao Brasil eram remotas, ao contrário do que pensava Jacintinha, animada com a perspectiva que a conjuntura política mudaria e que logo a filha pudesse voltar. Laura, ao contrário, mostrava-se cética com as notícias que recebia do Brasil e os rumos que o país tomava. De Moscou, procurava alertar a mãe para que não tivesse ilusões:

"... já está desiludida da tal "Aliança Liberal" ? Já compreendeu que isso irá assim de mal a pior até que o proletariado tome conta de tudo quanto é dele e da grande massa camponesa e reparta tudo pelos trabalhadores em geral, tudo que lhes foi roubado pelos fascistas nacionais e estrangeiros? Ah! o dia que assim for no Brasil, que felicidade. No Brasil onde tudo é belo, tudo é grande, menos o regime burguês, que só pode ser cada vez mais desgraçado !"²²²

Suas lembranças saudosas, construindo uma imagem de beleza e a grandeza do Brasil, explicitavam a dor da sua condição de exilada que a impedia de voltar na hora que desejasse. Enquanto sonhava com o dia em que a revolução triunfasse no Brasil e todos pudessem retornar, a vida de Laura em Moscou seguia o dia-a-dia marcado somente pelas atribulações domésticas. No primeiro inverno todos da família caíram doentes. As

²²¹ Conforme depoimento de Dionysa Brandão, gravado em 17 de junho de 1994, no Rio de Janeiro.

²²² Conforme carta manuscrita de Laura a Jacintinha - Moscou 03 de junho de 1932 - Inventário Octávio...pasta no.118

meninas tiveram uma forte gripe, em seguida contraíram caxumba e depois escarlatina. Brandão teve gripe com complicações no ouvido. Logo depois, uma pneumonia o prendeu por um mês no hospital. Por sorte, não faltou atendimento médico e remédios e ele ainda recebeu o salário completo da IC da qual ele era funcionário. Laura também não conseguiu livrar-se da forte gripe com complicações no ouvido, mas logo recuperou-se. Ansiosa, esperava a primavera na esperança que tudo ficasse mais calmo.

A primavera chegou e, apesar do tempo úmido e dos poucos dias de sol - que a deixavam com mais saudades ainda do Brasil, foi menos complicada do ponto de vista doméstico. Ainda na primavera, engravidou de sua quarta filha, Valná, que nasceu à dois de agosto de 1932, na maternidade *Clara Zetkin*²²³. Talvez, por falta da adaptação de Laura com o clima, Valná, ainda bebê, acabou adquirindo pneumonia no vai e vem para o banho que ficava fora do quarto. E as dificuldades em Moscou não paravam por aí. O país concentrava seus esforços para terminar com êxito o plano quinquenal e exigia grandes sacrifícios de todos os cidadãos soviéticos - o que não era diferente para os refugiados políticos -, que tinham que enfrentar filas intermináveis para conseguir comprar alimentos escassos e racionados, inclusive o leite, até para os recém-nascidos. Tudo isso era agravado pelo frio que, para os emigrados brasileiros, era insuportável. Valná, assim que começou a andar, calçava sapatos de papel que Vólia todos os dias fazia e à noite jogava fora. Com o dinheiro do ônibus, que Sáttva e Vólia economizavam indo a pé para a escola, compraram a primeira botina da pequena Valná.²²⁴ Às vezes, as filhas chegavam da escola e contavam a Laura sobre algumas companheiras da escola que

²²³ Embora a II Internacional tenha colocado com um de seus objetivos a igualdade entre os sexos, na prática este objetivo programático não era seguido. Clara Zétkin, dirigente política alemã, trabalhou dentro e fora da II Internacional, pelo sufrágio para a mulher, pela conquista de uma legislação humana no que concerne às condições de trabalho da mulher na fábrica e por uma organização específica para as operárias. Conforme ALAMBERT, Zuleika. *Feminismo. O ponto de vista marxista*. São Paulo: Nobel, 1986, pg. 47

²²⁴ Conforme depoimento gravado com Valná Brandão, em 17 de junho de 1994, no Rio de Janeiro.

desfrutavam de *dolce vita*, contradizendo o que ela dizia às filhas sobre o consumismo e a moral revolucionária. Os privilégios da burocracia, no início, não assustavam Laura que, pacientemente, explicava-lhes : "chegamos à URSS às vésperas do 14o. aniversário da revolução. Será possível remodelar a mentalidade humana em apenas quatorze anos "? Preocupava-se também com a impressão que as filhas deixavam na escola: "Há poucos brasileiros aqui em Moscou. Os soviéticos julgam por nós todo o povo do Brasil" ²²⁵.

Aos três anos de idade, Valná foi para o jardim da infância do Comintern que ficava no último andar do mesmo Hotel Lux. Lá, alimentava-se bem, o que não acontecia na casa de Laura. Valná recorda-se , meio século depois, da pobreza franciscana que a família vivia: "aos domingos mamãe fazia sempre o mesmo prato - macarrão com carne moída. Lembro-me do dia em que Laura disse: hoje só temos pão com manteiga". Em compensação, o acesso à cultura era um direito de todos. Valná também recorda-se das vezes que ia ao teatro com Laura e especialmente de "A Pequena Cegonha", espetáculo de dança para crianças que viram juntas no teatro Bolshoi. Laura havia assistido com Brandão e , como gostou muito , foi pela segunda vez com as filhas.²²⁶ Procurava aproveitar ao máximo as oportunidades culturais que o país oferecia. Ia com Brandão ao teatro, assistia aos concertos clássicos, visitava museus como a Galeria Tretiakóv, onde acompanhava os mil anos de desenvolvimento da arte Russa; o Museu de Pintura Ocidental, onde pôde admirar quadros de Claude Monet e Paul Gauguin ; Museu Histórico Nacional e Museu da Revolução. Certa vez, viajaram a Arkhangeslskoe e, desde então, passaram a frequentar aquele palácio com seu parque majestoso, onde passeavam cantando canções brasileiras. Comovidos, visitaram muitas

²²⁵ A União Soviética em Foco, número 92, ano 8 - agosto de 1990, pg. 34

²²⁶ Conforme depoimento gravado com Valná Brandão, em 17 de junho de 1994, no Rio de Janeiro.

vezes o mausoléu de Lênin, assim como o seu museu, onde acompanhavam passo a passo a vida e obra do autor.²²⁷

* * *

A partir de 1935, a vida de Laura finalmente tomou outro rumo. Começou trabalhar na Rádio de Moscou como redatora e locutora de programas em português, com transmissões para o Brasil e países da América Latina, assim como Portugal, Espanha e colônias de Portugal na África. Foi ela quem fundou a redação brasileira com transmissões para o Brasil. A primeira edição foi ao ar em cinco de Julho de 1935. Laura em seus programas, além de difundir a propaganda soviética e glorificar a URSS e o socialismo, que era o objetivo do programa, aproveitava para divulgar a poesia e literatura brasileiras. Não se tem notícia de como era feita a revisão do que Laura escrevia mas, certamente, havia esta preocupação por parte da direção da rádio. Como as transmissões eram feitas em português, é provável que ela pudesse burlar sem muitos problemas a censura que porventura houvesse.²²⁸

Este trabalho lhe exigia um grande sacrifício que se agravava no inverno longo e rigoroso de Moscou. Além disso, por causa do fuso horário, os programas eram transmitidos de madrugada. Apesar de tudo, ela acabou encontrando um jeito de conciliar o trabalho com sua vocação primeira: a poesia e a literatura. No Brasil, logo após encontrar Brandão, Laura praticamente deixou de lado a poesia e o magistério, que ela exercia com tanta desenvoltura, para dedicar-se quase exclusivamente à militância

²²⁷ BRANDÃO, Octávio. *Combates e Batalhas*, VOL. 2, pgs. 60 e 61

²²⁸ Conforme depoimento de Dionysa Brandão, cedido ao AEL, em 18 de Junho de 1992, no Rio de Janeiro

política e às atividades domésticas. Quanto a ter deixado a poesia de lado, é difícil entender suas verdadeiras razões. Pode ter sido uma opção por acreditar que, naquele momento, a militância política significava uma arma mais eficaz e revolucionária do que a arte. "Um artista tem, como qualquer outra pessoa, o direito de escolher uma ou outra arma, temporária ou definitivamente" ²²⁹ como instrumento revolucionário. Também pode não ter sido uma escolha e, sim, uma condição imposta pela vida, quem sabe?

Quando chegou em Moscou, Laura ficou encantada com a possibilidade que o país dava às mulheres de conciliar a maternidade com uma atividade profissional. Logo que lhe foi possível, retomou o trabalho com muito entusiasmo. Talvez agora pudesse viver sem abdicar ou hierarquizar as coisas que para ela eram importantes: a família, a luta pela igualdade social, a liberdade, a poesia e o amor. Juntar, finalmente, as pontas de sua vida que por vezes havia ficado tão quebrada.

Com o trabalho de locutora, ela podia, então, refazer um percurso que há anos havia deixado de lado por causa das filhas - tarefa de responsabilidade quase que exclusiva da mãe, dificultada pelas condições precárias de infra estrutura oferecidas às crianças no Brasil -, e das atividades que a militância política exigia. É provável que o trabalho no rádio lhe desse muita satisfação, pois, além dos serviços de comunicação no país serem muito bem pagos, ela ainda podia sentir-se mais perto do Brasil por meio das cartas que recebia de seus ouvintes²³⁰. O dinheiro de seu trabalho era fundamental para o

²²⁹ CANALE. op. cit. pg. 186

²³⁰ Segundo Octávio Brandão, essas cartas estavam guardadas no quarto do Hotel Lux e quando voltaram de Ufá em 1942 elas haviam sido destruídas.

sustento e estabilidade financeira da família, uma vez que Brandão encontrou problemas junto à Internacional Comunista, onde trabalhou de 1931 a 1933.

Segundo Brandão, além do salário que recebia ser insuficiente para uma família de seis pessoas, ainda fora condenado ao ostracismo, por causa de sua divergência política com a IC: ele não aceitava a tese da Revolução imediata para o Brasil, nos moldes da soviética, e rejeitava a política ditada pelos burocratas da IC. Munuński, que detinha o poder na IC, era quem mais o tratava com indiferença e, seus aliados, Stepánov, Gurálski e Sinani, seguiam na mesma linha. Gurálski foi quem orientou - segundo Brandão, desorientou - a Conferência de Buenos Aires, em 1930, que destituiu Brandão da direção sob a alegação de que era um teórico de linha política errônea. Sinani, que dirigia a seção da América Latina da IC, também o ignorava, inclusive quando se tratava de questões relacionadas ao Brasil. Desta maneira, seus artigos não eram publicados e seus estudos e escritos acabavam nos arquivos sem nenhuma utilidade.²³¹

Aliás, em seus relatos, esta imagem de vítima aparece com frequência: "Apesar das promessas literárias do escritor Fadêiev, à frente da União dos Escritores Soviéticos, de colocar-me em contato com os escritores soviéticos, nada cumpriu". "O poeta Bagrítski prometeu escrever um prefácio para o livro de poesias traduzidas para o Russo. Mas, faleceu logo." "Enviei a narrativa da agonia de Laura à revista espanhola de Moscou. Kélin recusou publicá-la. Escrevi-lhe uma longa carta a respeito. Nada

²³¹ BRANDÃO, Octávio. Combates e Batallas - 2o. volume, manuscrito - 1976, pgs. 67 e 68

respondeu e sua resposta foi o silêncio. Perdi seu apoio e amizade". "No Socorro Vermelho Internacional tentei publicar uma brochura de divulgação do Brasil e, no Instituto de Economia e Política Mundiais, os três livros que aí escrevi. Nada consegui e, assim, perdi muitos esforços".²³² Com Brandão moralmente derrotado, parece claro que Laura sofria as consequências. No meio a tanta desgraça, ela aparece como a única luz na vida dele, pois, em seus relatos são frequentes a afirmação: "tinha ao meu lado a alma intrépida e o caráter inquebrantável de Laura."

No entanto, tanta indiferença pode ter uma outra explicação: o fato de Brandão ter mantido contatos com Josias Leão, na época cônsul do Brasil em Bremen. Josias Leão havia sido expulso do PCB como traidor do partido em 1930 porque, juntamente com outros companheiros de São Paulo, tinha aderido ao trotskismo. Seu grupo lançou o jornal *A Luta de Classes*, que se contrapunha à política adotada pelo PCB, ao partido bolchevista e à III Internacional. Em 1930, o jornal *A Classe Operária* alertava seus militantes: "Não é por acaso que esse grupo utiliza a velha bagagem do trotskismo contra-revolucionário que o proletariado internacional já compreendeu o que significa. Esse grupo de renegados [...] engana-se, pois sua luta contra a união Soviética e a Internacional Comunista, está completamente desmascarada aos olhos do proletariado internacional. Os comunistas brasileiros responderão a todas as tentativas desses inimigos de classe [...] Abaixo os renegados e traidores ! Viva a Internacional Comunista! Viva o Partido Comunista do Brasil !" ²³³

²³² Idem, pg.66

²³³ CARONE, Edgard. *O PCB - 1922 a 1943* - vol. 1, São Paulo ; Difel Editorial, 1982 pg. 130. - *A Classe Operária* - 19 de julho de 1930.

O encontro amistoso de Brandão com um "renegado" fazia com que ele amargasse a desconfiança de ser um deles, expressada em documento oficial do PCB :

Aos camaradas da Seção Latina Americana do Comintern.

Saudações Comunistas.

Camaradas!

Tendo o Partido Comunista do Brasil recebido informações seguras de que o camarada Octávio Brandão, quando se dirigia para Rússia, teve ligações com um dos piores inimigos, um traidor do proletariado, causador da morte, espancamento, deportações e maltratos na polícia de nossos melhores militantes, um dos grandes causadores da desorganização do Partido, tentando mesmo transformá-lo em um Partido da pequena burguesia [...] e é a este tipo que o camarada Octávio Brandão procura para minorar suas dificuldades particulares, quando podia muito bem tê-lo feito aos membros do Partido Comunista Alemão na região do Bremen, onde se encontrava tal indivíduo. O mais interessante de tudo isso, é que Brandão muito bem sabia quem era esse *elemento* [grifo meu], isto é, Josias Leão, no Consulado Brasileiro em Bremen, e a resolução do Partido Comunista do Brasil que expulsou Josias Leão de suas fileiras como traidor do proletariado. O B.P. do CC. do Partido Comunista do Brasil, considerando que essa atitude assumida pelo camarada Brandão é muito grave e, ao mesmo tempo, inadmissível num camarada de responsabilidade e militante antigo, censura-o severamente. Além disso, propõe que a Seção Latino Americana o censure energicamente, na presença dos camaradas brasileiros que se encontram na URSS, para que fatos semelhantes não sejam repetidos.

Pelo BP. do PCB . BERNARDO. ²³⁴

Em reunião especial, a Comissão internacional da IC, em um longo e severo interrogatório dirigido por Angaretis, censurou Brandão severamente. Apesar dele ter reconhecido os erros em uma longa autocrítica, sua permanência na IC ficou complicada

²³⁴ BERNARDO era o pseudônimo de FERNANDO LACERDA - apud. BRANDÃO. *Combates e Batalhas*, pg.69 - vol. 2. Documento datilografado e datado com carimbo com duas datas: 8 de abril e 13 de abril de 1932. Este documento encontra-se no Arquivo da IC em Moscou, no dossiê Octávio Brandão.

e ele foi demitido. Mas , como escreve Brandão , ironicamente, sendo excluído da IC, ele escapou da morte, pois todos os seus funcionários foram fuzilados ou condenados pelas perseguições de Stálin.²³⁵ Cansado de tanto isolamento, Brandão pediu à IC que o mandasse para o Rio da Prata, no Uruguai, o que também era o desejo de Laura. Ela, que acima de tudo valorizava a dignidade humana, certamente não podia imaginar a envergadura da repressão e do extermínio de pessoas pelo regime de Stalin. Mas, evidentemente, deveria vivenciar com muita dor - sobretudo pelas injustiças vividas -, os caminhos trilhados pela URSS e suspeitar que as coisas degradingavam.

A IC decidiu mandá-lo para o Instituto de Economia e Políticas Mundiais, sob a direção do economista Eugênio Varga. Para seu azar, Sinani era quem dirigia a secção da América Latina onde Brandão trabalhou como colaborador o que não melhorou em nada seu prestígio. Tempos depois, Sinani desapareceu e, segundo Brandão , deve ter sido fuzilado nas perseguições de Stalin. No entanto, nesse Instituto Brandão conseguia trabalhar, embora cada trabalho seu fosse passado pela censura da IC e, invariavelmente, ele tivesse que refazer seus artigos para adequá-los à "linha justa" . Mas restava-lhe o consolo de pelo menos poder dedicar-se ao estudo teórico sobre o materialismo histórico, assim como aos problemas do Brasil e da América Latina. Os trabalhos que desenvolveu no Instituto de Políticas Mundiais , segundo o próprio Brandão , deram-lhe, em 1934, o título de " trabalhador de choque ". Entretanto, sua falta de medida com o trabalho acabou levando-o a dois meses de repouso em um sanatório, vítima de tuberculose.²³⁶

²³⁵ BRANDÃO. Combates e Batalhas , pg. 68 - vol.2

²³⁶ BRANDÃO. Combates e Batalhas, vol. 2 pg. 70

A convite de Dimítrov, Brandão voltou à IC, no início de 1936, colaborando na campanha internacional contra a reação no Brasil e pela libertação dos presos políticos. No ano seguinte, foi mandado a Paris com a missão de ajudar na campanha pela libertação de Olga Benário e Anita Prestes que estavam nas mãos da Gestapo, em Berlim. Brandão permaneceu em Paris por cinco meses.²³⁷

Como podemos observar, em Moscou, a vida familiar de Laura não era muito diferente da anterior em relação à instabilidade de Brandão. Ora ele estava doente, ora ele estava de viagem em alguma missão do partido, e Laura é quem pagava o preço de suprir essas ausências. Desta maneira, mais uma vez era ela quem respondia pelas filhas no que dizia respeito às condições de sobrevivência, educação, estabilidade emocional, e ainda apoiava Brandão nos revezes que a vida partidária lhe impunha. Segundo Valná, este era um dos motivos de discussões entre Laura e Brandão, pois ela ficava horrorizada com as intermináveis humilhações a que ele era submetido e com as inúmeras autocríticas que era obrigado a fazer. É difícil imaginar aonde estava a sedução desse amor que Laura viveu por Brandão pois, se formos apurar bem os fatos, no dia a dia, pouco restava a não ser um grande desencanto seguido de muita espera, privações e dor.

²³⁷ Chegando em Paris, depois de interar-se da situação da campanha, Brandão percebeu que ela estava desarticulada, pois dona Leocádia e Bonnet, dirigente do Socorro Vermelho Internacional em Paris, haviam rompido relações. Brandão, junto com Ligia Prestes, trataram logo restabelecer as relações entre eles e, juntos, intensificaram a campanha que acabou sendo vitoriosa e Anita Prestes foi entregue à avó. Conforme BRANDÃO. *Combates e Batalhas*, vol. 2, pgs. 91 e 92. Sobre OLGA BENÁRIO e ANITA PRESTES ver MORAES, Fernando. *OLGA*. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. MORAES não relata a colaboração de Brandão em Paris.

Cada vez mais ela foi murchando e perdendo a alegria que sempre foi uma de suas características. Nas férias de verão, as meninas ficavam três meses no *Pionérsqui Laguer* - campos de pioneiros - um dos lugares de descanso que se localizava no campo. Era um lugar bonito, com bosques e rios, que se situava mais ou menos a sessenta quilômetros de Moscou. Acompanhando as cartas que ela escrevia às filhas, percebemos uma Laura pouco criativa, instintivamente preocupada com o cotidiano das filhas, mas sem a alegria que dela sempre irradiava:

Bom dia, querida filha Dionysinha !

Ontem à noite as Prestes estiveram aqui. Fomos leva-las ao bonde e, ao deixar a chave, encontrei um postal da Volinha. Hoje de manhã recebi uma carta do Papai e, agora de tarde, uma carta da minha Dionysinha querida. Só falta da Valná! [...] Já comprei a linha branca que a Sáttva pediu e os grampinhos da Vólia - e uma surpresa para as três! Advinhem!.... [...] Adeus minha filhinha, dá beijinhos em tuas irmãs. Aceita um abraço bem apertadinho da mamãe.

Volinha,

Então não dormes mais a sesta ? Estás muito forte e sadia ! E a Sáttva também. Muito bem!

Volinha, aqui vão os dois corpinhos no. 2 . Não necessito dizer que se a Sáttva precisar um será para ela. [...] Adeus, abraços e beijos da saudosa mamãe. ²³⁸

²³⁸ Dionysa,

A mamãe não se esqueceu de ti , no dia de teu aniversário. Mas, só hoje é que me informaram que todos os dias há

um portador para o Larquer e o portador de hoje já havia saído. Ainda é dia 10 [5 para meia noite] [...]

Viva 10 de agosto de 1925 !

Viva 10 de agosto de 1937 !

Viva a Dionysinha ! Viva !

Laura perdera o brilho? Poeta reconhecida pelos seus pares e admirada nos salões pela singularidade com que declamava seus poemas, agora apenas escreve às filhas em uma linguagem tão corriqueira. É possível que estivesse se sentindo muito só pois, nessa época, Brandão encontrava-se em Paris; mas, por outro lado, viver sem Brandão foi uma rotina em sua vida. Talvez fosse por causa da "fome lenta" que ela viveu por dez anos? ²³⁹ Percebemos uma Laura preocupada com o cotidiano das filhas: enviava-lhes roupas, sapatos, biscoitos e não esqueceu até mesmo dos "corpinhos número dois" das filhas adolescentes. Mas, a Laura da rua do Curvelo parece ter perdido em Moscou o Pássaro Azul de Maeterlinki e mostrava-se com poucas energias para procurá-lo.

Experimentava uma amarga contradição: se, de um lado, ela reconhecia em Stalin um grande líder que foi capaz de enfrentar Hitler, por outro lado, não suportava presenciar a perseguição de tantos companheiros. Essa política cega e fanática reproduzida pelo partido de Stalin estava longe da política humana que Laura pretendeu construir e, talvez, o seu protesto tenha sido não filiar-se nunca ao PC, pois, uma vez

Vólia e Dionysinha,

Aqui vão as suas encomendas : os dois vestidos um par de sapatos e dois pares de meias.

Aqui todos bem., a Sátiva foi ontem para o resto das férias na casa do Tchekine. Escrevo depressa. Beijinhos da

mamãe. Cartas manuscritas por Laura às filhas, quando estas encontravam-se em férias de verão com as respectivas

datas : Moscou 5 de julho de 1937 ; sem data; 10 de agosto de 1937 e 10 de julho de 1938. Fundo Octávio ...
parte 2 - não catalogado.

²³⁹ Segundo Dionysa a alimentação era racionada e todos comiam pouco e afirma que o fome foi uma realidade vivida

por todos. Conforme depoimento gravado em 17 de junho de 1994, no Rio de Janeiro.

filiada , estaria assinando as regras e a servidão impostas à seus militantes. Em 1937, quando à noite no hotel Lux ouviam-se passos e mais um camarada era levado e nunca mais voltava, Laura não continha sua indignação e muitas vezes chorou .²⁴⁰

A existência de contradições entre os grandes países imperialistas possuidores de vastos impérios colocava em risco a paz mundial. Além disso, o êxito do nazismo na Alemanha, em 1933, e a sua política, nos anos seguintes, de impedir que uma coligação anti-hitleriana agrupasse potências imperialistas do ocidente [França e Grã-Bretanha] e a U.R.S.S., juntamente com o rearmamento contribuíam para agravar ainda mais o quadro que contava com uma URSS temida por todas aquelas potências. Apesar das diferenças evidentes entre as potências antifascistas, a política externa da U.R.S.S. foi de isolar Hitler e resistir à agressão. Desta maneira, aderira à Sociedade das Nações, assinara um tratado com a França e propusera a adoção de medidas sérias visando a segurança coletiva na Europa. No início de 1939, os conflitos entre as grandes potências anunciavam a possibilidade de uma segunda guerra mundial .²⁴¹

Em setembro de 1939, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha em defesa da Polônia que acabava de ser invadida , mas "deixaram que a mesma fosse esmagada sem levantarem um dedo para ajudar". Em poucos dias a Polônia foi vencida pelo exército alemão. O desaparecimento deste país trouxe alguns problemas para a delimitação da nova fronteira entre a URSS e os territórios polacos ocupados pela Alemanha. Neste sentido, ainda em setembro, Von Ribbentrop, representando o governo

²⁴⁰ Conforme depoimento gravado com Dionysa Brandão, cedido ao AEL, em 18 de junho de 1992 no Rio de Janeiro.

²⁴¹ ELLEINSTEIN, op. cit., pgs. 5 a 15 - *pasim* -

alemão, dirigiu-se a Moscou e assinou com os Soviéticos um tratado denominado "de delimitação e de amizade". A União Soviética foi obrigada a reconhecer o domínio alemão "e a desintegração do antigo Estado polaco". Ao mesmo tempo, eram assinados um protocolo confidencial e dois protocolos secretos que dividiram a Polônia ao meio: o território do Estado lituano ficava com a U.R.S.S. e a província de Lublim e partes da província de Varsóvia ficavam com a Alemanha.²⁴²

Apesar desta guerra ter trazido poucas consequências para a URSS, para Laura, ao contrário, afetou diretamente sua vida. Cessaram as transmissões para o Brasil dos programas em português da rádio de Moscou e Laura perdeu o emprego. O programa fez sua última transmissão exatamente na hora em que os exércitos de Hitler invadiam a Polônia e foi finalizado com *O Canto ao Albatroz* de Gorki ²⁴³. Alguns meses antes, no Brasil, as autoridades já se sentiam incomodadas com a repercussão da propaganda comunista, como anunciava o *Jornal do Comércio*:

Um rádio ouvinte acostumado às ondas curtas escreveu-me algumas linhas a propósito do que se publicou a respeito de uma transmissão de Moscou. Explicava-me ele que, durante quase três anos, ouviu, às quintas-feiras, às 19 horas, na onda de 25 metros, a irradiação feita pela emissora soviética em língua portuguesa e voz feminina. Essas irradiações consistiam em louvores ao regime soviético e ataques à Alemanha, à Itália e ao Japão.

"Os louvores cingiam-se a enumerar os benefícios que o camarada Stalin proporcionava ao povo russo e a leitura de artigos do jornal oficial *Pravda*" ... Há poucos meses, a locutora brasileira entrou a fazer uso do poema de Castro Alves *Os Escravos* para sua propaganda do comunismo entre os ouvintes de cá. "E, de uma feita, chegou a afirmar que se preparava uma edição de cinco milhões de exemplares

²⁴² ELLEINSTEIN. ,op. cit., pg.24 - passim -

²⁴³ BRANDÃO. *Combates e Batalhas*, vol. 2

daquele poema para serem distribuídos nos sertões e nos quartéis do Brasil..." Foi a essa altura - prossegue - que a imprensa chamou a atenção do governo para essa irradiação, que passou a ser perturbada pelo nosso Departamento de Correios e Telegráfos. Daí os ruídos que o amigo ouviu no seu Philco ao ouvir a estação de Moscou, pois que sobre a onda desta *batem* as nossas emissoras oficiais para perturbarem sua nitidez, que antes era perfeita, mas não conseguiu inutilizá-la de todo porque se trata de um transmissor de 500 kilovats possante e bem modulado [...] Eu apreciava muito a locutora brasileira pela convicção que revelava nos seus louvores ao governo *camarada* e achava-lhe graça nas pretensões de obter adeptos do credo vermelho nestas bandas. Em seguida, ouvia com prazer trechos de música e cantos russos, realmente interessantes.²⁴⁴

Sem o seu salário a situação financeira da família ficou difícil, agravada ainda pela situação do país que havia decretado o racionamento de alimentação. Era preciso enfrentar longas filas à noite para comprar um pouco de manteiga.²⁴⁵ Com dinheiro insuficiente para alimentar minimamente a família, Brandão foi ao Comintern pedir ajuda. Dolores Ibarruri, a famosa Passionária - sugeriu que Sáttva e Vólia fossem morar na casa dos jovens espanhóis. Havia acabado a guerra na Espanha e as crianças que estavam em Moscou - dois navios cheios - haviam retornado ao país. As duas passaram a viver nesta casa, junto com outros jovens de 16-18 anos que estudavam na escola secundária. As duas falavam espanhol e a adaptação não foi difícil. Lá, alimentavam-se, vestiam-se e estudavam. Desta maneira, as despesas na casa de Laura diminuíram e só assim era possível viver com o salário que Brandão recebia da IC.²⁴⁶

²⁴⁴ Jornal do Comércio, Rio de Janeiro 21 de fevereiro de 1939 - seção rádio - pg. 5

²⁴⁵ Conforme depoimento de Dionysa Brandão, gravado em 17 de junho de 1994, no Rio de Janeiro

²⁴⁶ Conforme depoimento de Vólia Brandão, escrito no México em 02 de julho de 1995.

É provável que este tenha sido mais um período difícil para Laura. Sem trabalho, o dinheiro mal dava para comer e ainda teve que ficar longe das filhas, exilada num país cada vez mais desconhecido. No ano seguinte, nas férias de verão, todos viajaram e Laura, mais uma vez, ficou sozinha em Moscou. Brandão estava na Criméia, em um balneário dos trabalhadores da IC. Sáttva, Vólia e mais duas amigas espanholas foram para *Cencovo*, uma aldeia situada nos arredores de Moscou. Descansavam e ajudavam aos *coljosiânos* no campo; Dionysa e Valná, para o *Pionérsqui Laguer*. Não é difícil imaginar o sofrimento que ela deveria estar passando, sozinha num país distante e com a perspectiva de uma guerra iminente! Preocupava-se em alertar as filhas para que tivessem cuidado com a saúde. Sabia que se a guerra viesse era preciso estar preparada para resistir às dificuldades:

Vólia e Sáttva,

Hoje pela manhã tive o prazer de ser chamada ao telefone... Era a Ignez [a jovem comunista] que me trazia notícias de vocês todas.... Como já sabem o papai chegou no dia 14. Não engordou, mas veio muito queimado pelo sol - parece um índio! No dia 18 a Dionysa foi para o campo de pioneiros. Ela já me escreveu. Esta bem, pesa 49 quilos. [...]

Da Valná também tenho sempre boas notícias... Escrevam a Vovó contando como é a vida aí na aldeia. Dará muito prazer à ela. Adeus. Aproveitem e tenham cuidado com a saúde. mamãe.²⁴⁷

²⁴⁷ Carta manuscrita de Laura às filhas - Moscou, 21 de junho de 1940 - Fundo Octávio... - parte 2 - não catalogado.



Laura Brandão - 1931.



A querida vovó as três netinhas comunistas - Sáttva, Vólia e Dionysa - Moscou 10/03/1932.



Laura no centro, Sáttva à esquerda, Vólia em cima, Dionysa à direita,
Valná embaixo à direita - Moscou - 1935.

2. A Vitória Será Nossa ?

No dia 22 de junho de 1941, os exércitos de Hitler invadiram a União Soviética. Todos sabiam que a guerra não poderia ser evitada, mas ninguém esperava que ela chegasse tão depressa. Na verdade, o governo soviético não havia preparado verdadeiramente a opinião pública para a invasão. Ao contrário, o comunicado da agência Tass, de 14 de julho, era de tranquilidade. Stalin, que concentrava em suas mãos o secretariado-geral do partido e o comando do Exército Vermelho, desprezando as informações que lhe vinham dos seus próprios serviços , não tomou medidas de alerta, pois não estava convencido de que a guerra estava iminente. Nas ruas o clima era de normalidade, embora dezenas de milhares de voluntários se alistassem nas forças armadas. Ninguém esperava dificuldades tão grandes no início da guerra, pois o comércio ainda estava amplamente abastecido.²⁴⁸ Só após algumas semanas as autoridades soviéticas comunicaram ao povo:

"O Governo da União Soviética está profundamente convencido de que todo o povo do nosso país cumprirá o seu dever [...] O nosso povo deve estar mais unido do que nunca; dos patriotas soviéticos deve exigir-se a maior disciplina, o maior sentido de organização e solidariedade, a fim de satisfazer as necessidades do exército, da marinha e da aviação[...] O governo apela a vós, homens e mulheres, cidadãos da União Soviética, para cerrar fileiras à volta do glorioso Partido Bolchevique, do

²⁴⁸ ELLEINSTEIN, Jean. História da URSS. A URSS na Guerra [1939-1946] Publicações Europa-América, 1976 , pgs.49 e 56

Governo soviético e do nosso camarada Stalin. A nossa causa é a boa causa; o inimigo será esmagado. A vitória será nossa. "249

O que estava em jogo não era apenas a sorte da segunda guerra mundial, mas também o futuro do comunismo e o destino do regime soviético. Laura compreendia a necessidade de combater o nazismo e defender a URSS. Assim, ao lado das mulheres soviéticas trabalhou duramente. Transformou porões das casas em refúgios contra os bombardeios aéreos dos nazistas. Montou guarda durante noites e noites apagando as bombas incendiárias lançadas por aviões. Carregou nos ombros sacos de areia, cavou trincheiras nos arredores de Moscou.²⁵⁰ Vivia o sofrimento causado pela guerra: a destruição, a morte e a separação das pessoas queridas. Nas ruas destruídas, os mortos e feridos escancaravam a brutalidade e a insensatez da guerra. Neste clima de terror, voltou a escrever poemas: "A poesia está em tudo - tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas"²⁵¹. A "atitude de escuta" diante do mundo da poeta que parecia adormecido ressurgiu neste momento, embora em um tom de militância que estava muito longe da delicadeza de seus primeiros versos:

" Guerra Total "

**Quando na rua encontro cada inválido
Esquálido
Vítima da bestial
Guerra Total,
Salta do meu aflito coração
um grito:
- Maldição,**

²⁴⁹ Idem, pg. 52

²⁵⁰ Fundo Octávio. pasta 120

²⁵¹ André Breton, apud. ARRIGUCCI JR., Davi. "O humilde Cotidiano de Manuel Bandeira in Os Pobres na Literatura Brasileira - org. SCHWARZ, Roberto. São Paulo: Brasiliense, 1983, pg.109.

**Hitlerianos,
Desumanos !**

**Nesta selvagem
voragem
Neste tremendo
matadouro,
Sorvedouro
Vão perecendo
Dia a dia
Nesta orgia
De sangue e dor, milhões de existências humanas,
Sangradas pelas feras hitlerianas.²⁵²**

Vinte dias após a invasão alemã , as crianças foram evacuadas de Moscou. Valná ainda não havia completado nove anos e Dionysa iria completar quatorze anos. Era 11 de julho de 1941. Laura, com o coração amargurado, pegou um lençol, colocou as roupas das duas filhas menores e fez uma trouxa. Em silêncio, desceram à rua do Hotel Lux e foram para a estação onde ficaram horas sentadas esperando o trem. No silêncio da espera talvez houvesse a certeza que se tratava de uma despedida definitiva. Laura lembrou mais uma vez que estavam em uma guerra e que a disciplina era fundamental. No mesmo vagão de um trem carregado de crianças embarcaram Dionysa, Valná e Roberto, filho de Lúcia Prestes. O trem foi saindo devagarinho e Laura deu uma corridinha para acenar com mão : " foi a última vez que vi a mamãe, esta é a última imagem que eu tenho dela " .²⁵³ As duas meninas foram para Vetlúga, da região de Gorki. Nesta cidade havia uma fábrica de automóveis e os trabalhadores tinham uma casa de repouso, que ficava situada nos arredores. Com a guerra, esta casa foi transformada em abrigo para as crianças. Era um lugar bonito e ficava a mais ou menos 100 km da cidade.

²⁵² Fundo Octávio... pasta 119

²⁵³ Recordam-se Dionysa e Valná, em meio a muita emoção.

Sáltva e Vólia, que estavam em férias de verão juntamente com os jovens espanhóis, foram para o campo a 70 quilômetros de Moscou, no Koljos. Executavam trabalhos pesados de dez horas por dia, limpavam as ervas daninhas dos campos já semeados. À noite ficavam com dores nas costas porque passavam o dia todo inclinadas.²⁵⁴

Na noite de 21 de julho de 1941, mais de 200 aviões nazistas, carregados de bombas incendiárias, atacaram Moscou. Toda a cidade mobilizou-se. Laura fazia guarda todas as noites. Sofria com a brutalidade da guerra, com saudade das filhas e do seu país distante. Foi em meio a estes sentimentos que ela escreveu o poema *Brasil* :

**Esta é a ditosa Pátria minha amada
Transbordante, beijada pelo sol,
Imortalizada
Pelos seus gênios, mártires e heróis
[...]
Terra das minas e ouro e diamante,
Faiscante,
Tão rico de pepitas, de filões,
Terra dos formidáveis corações
De Clara Camarão e Anita Garibaldi !**

**Lá no meu imortal Brasil
Meu povo luta contra o imperialismo,
O fascismo
Hitleriano
Desumano
- Pela unidade nacional,
Continental!**

Parece dispensável dizer o quanto o poema é ruim se comprado com seus primeiros versos. Feita a leitura, temos a impressão que se trata muito mais de uma

²⁵⁴ Conforme depoimento de Vólia Brandão, escrito no México, em 02 de julho de 1995.

marchinha e muito menos de uma poema. Mas , por outro lado, nos revela o turbilhão de sentimentos que povoava o coração de Laura. Pensava em seus pais e amigos que estavam no Brasil e a saudade intensificava quando lembrava que era exilada e que, provavelmente, não retornaria ao seu país. Embora soubesse que as filhas, que haviam sido evacuadas para Gorki, estavam em segurança, isso não a deixava menos aflita. Valná ainda era tão pequena ! Estava completando nove anos no dia 02 de agosto. Sabia que a filha ficaria feliz em receber um telegrama no dia do seu aniversário, mas preferiu usar os 10 rublos que gastaria com esta iniciativa assinando a mesma quantia em uma lista que uma camarada do Exército Vermelho passara nos apartamentos do Hotel Lux . Mas para que Valná soubesse que ela não havia sido esquecida, aproveitou um portador e escreveu uma carta:

Querida Dionysinha e Valná

O papai e a mamãe estão com muitas saudades das filhinhas, mas estão tranquilos, porque sabem que elas estão muito bem.

Só no dia 28 recebemos o cartão da Valná e no dia 29 o da Dionysa. Não nos avisaram quando embarcaram mais crianças para ai, por isto não escrevemos para nossas filhinhas mais moças. [...] Há uma semana a Sáttva esteve aqui conosco. Ela , a Vólia e toda a juventude lá da casa espanhola têm trabalhado muito no Kolroz ! [...] Cuidem da disciplina e organização. E a Valnazinha ? É disciplinada, tem lido muito? Tem ouvido a emissão da rádio, especial para as crianças? Hoje é dia do aniversário da Valná e também da Ignezinha. A mãe da Ignezinha disse que a Valná ficaria muito contente se recebesse um telegrama da mamãe. Mas, a mamãe não tem muito dinheiro...e não passou o telegrama. Mais tarde, veio uma camarada ao nosso quarto, com uma lista para o Exército Vermelho. Então, pensando na Valná e em todas as crianças que o Exército Vermelho está defendendo dia e noite contra os monstros fascistas, a mamãe assinou 10 rublos. O preço do telegrama.

De hoje para amanhã [da meia noite às quatro da manhã] a mamãe vai ficar de plantão no pátio e o papai no telhado do nosso hotel.

Adeus queridas filhinhas, escrevam sempre à mamãe e aproveitem para mandar notícias das crianças que são mais nossos conhecidos : o Roberto, a Ignezinha e o Tony.

NB. A mamãe quer saber quantos kilos tú e Valná pesavam quando chegaram aí e quantos kilos estão pesando agora. Moscou , 2/8/1941

Com a mesma disposição com que enfrentava o frio da madrugada montando guarda, ela estava sempre pronta para atender os pedidos das filhas e, quando não era possível enviar o que sabia que elas estavam necessitando, por falta de dinheiro, na primeira oportunidade escrevia-lhes mesmo que as encomendas não pudessem ser mandadas de imediato:

Queridas filhas, Valná e Dionysa,

A mamãe e o papai estão bem, e vocês? [...] não é possível mandar agora o que a Dionysa pede na última carta, mas a mamãe vai preparar tudo e mandar pelo primeiro portador. Estimo saber que a Dionysia está trabalhando. Adeus queridas filhinhas - disciplina e organização e muitos beijinhos. Mamãe. Moscou , 8/8/41

Dionysinha, boa filha,

O caixote com as roupas de inverno e as valinkas²⁵⁵, o sabão e as balas, chegou direitinho aí? As balas foram presente da Sáttva; ela pediu dinheiro emprestado à Olga para comprá-las. Os livros, as galochas e tudo mais que vocês forem precisando irá depois, conforme houver portador e dinheiro. Adeus boa filha, continue a ser trabalhadeira, estudiosa e útil para as camaradas. Muito cuidado com a saúde! Olha pela Valnazinha, de quem aí, és a irmã mais velha. Adeus. Tua mamãe do coração. Lauí. Moscou, 20/8/41

²⁵⁵ Valinkas é um tipo de bota usada no inverno.

A insistência em ressaltar a disciplina e organização talvez tivesse menos a fala da militante e sim da mãe que queria garantir a sobrevivência das filhas. A estas alturas, já sem alegria - e não dava mesmo para ser diferente -, aparece uma Laura prática, preocupada com o cotidiano. A partir de então, começa a aparecer em suas cartas a assinatura "Lauli". Com este tom mais íntimo e carinhoso, é possível que ela quisesse se sentir mais próxima das filhas.

* * *

As privações de toda espécie que Laura viveu acabaram debilitando sua saúde. Foi assim que ela adoeceu em 10 de agosto de 1941, quando soube que sofria de dilatação no coração. Cinco dias após, foi internada em um hospital de Moscou, situado à rua Begováia, onde teve um diagnóstico mais preciso: estava com tumor maligno nas glândulas mamárias agravado por amplas metástases. Sentia-se perdendo as forças, e não conseguia dominar a doença que tomava conta de seu corpo. Para agravar a situação o país estava em guerra, os hospitais abarrotados de feridos e os recursos escassos. Na noite do dia 27 para 28 de agosto, em meio aos gemidos dos feridos e aos estrondos dos bombardeios aéreos, Laura completava cinquenta anos de vida. No entanto, pressentia que sua vida seria interrompida. Foi nesta madrugada de intermináveis sofrimentos que ela escreveu o poema "E a Vida Continua". O tom militante cede espaço à antiga poeta que interroga e revê sua própria dor física na imagem literária do seio materno :

Minha mãezinha, que me deste a vida,
Em meio a tantas dores,
num mundo já tão cheio de dores

Seio materno envolve, atraindo, convida...
E a vida que me deste no teu seio
Fatalmente há de ser - eu sinto, eu creio -,
Em breve, para sempre interrompida.

Não tenho medo de morrer, mas tenho
Um grande amor à vida, um grande empenho
No processo de humanas maravilhas !

Elevação da vida e morte calma...
Não te maldigo, não, mãe da minha alma
- Que eu também dei a vida a quatro filhas.

Provavelmente, sua grande vontade de viver colaborou para que ela melhorasse muito. Quando tudo indicava ser o fim, surgiu a oportunidade de um novo tratamento. Assim, no final de agosto e durante o mês de setembro, ela foi submetida a um tratamento com radioterapia que colaborou para sua melhora temporária. Animada, apostava que a União Soviética seria vitoriosa e que logo suas filhas poderiam voltar a Moscou. Neste clima de esperança, ainda no hospital, tranquilizando Dionysa a respeito de seu estado de saúde, escreve :

Dionyzinha, minha doce filhinha!

A mamãe não está passando mal, e tu? E a Valnázinha? Tens tido notícias dela? Muito obrigada pela tua lembrança do dia do meu aniversário. Dionyzinha; adivinhaste o pensamento da mamãe indo visitar a Valná! Sempre que puderes [aos domingos por exemplo] deve ser o teu passeio preferido. É preciso dizer a ela que mesmo quando não tiver pó de dentes não deixe de lavar os dentes com água pura e escovinha; é preciso ver se ela continua a tirar todas as notas ótimas - se continua a ter ótimo em disciplina. Ela ainda é muito pequena, ainda não tem o caráter formado, e tu Dionyzinha que estás aí mais perto dela, precisas sempre que puderes olhar por ela. [...] Adeus boa filha, muitos beijinhos da mamãe e, quando estiveres com a Valná, reparte com ela os beijinhos da mamãe. Moscou, 7/09/41

Depois de vinte e quatro dias no hospital , Laura voltou para casa. Parecia recuperar-se muito bem , passava o dia cantando, colocava flores no vaso e preocupava-se com a aparência, agora mais envelhecida pelo desgaste da guerra e pelos efeitos do tratamento de radioterapia . Cheia de esperanças , sonhava em voltar ao Brasil. Queria acreditar que o movimento popular avançaria e que o povo brasileiro reconquistaria as liberdades democráticas. Procurava sentir-se feliz. Talvez soubesse que a tristeza a aniquilaria mais depressa. Apesar dos bombardeios que a cidade sofrera desde o dia 21 de julho, a eficácia da defesa antiaérea evitara que os estragos fossem maiores. Os teatros, cinemas e restaurantes continuavam abertos, embora um racionamento severo houvesse sido decretado desde 18 julho.²⁵⁶ Laura estava confiante com sua melhora e procurava transmitir às filhas distantes este clima de positividade. Dois dias após sair do hospital, escreveu novamente as elas:

Querida filha Dionysinha,

Aqui em casa vamos todos com saúde, até eu estou bem melhor; naturalmente tenho tido muitas saudades de vocês duas. [...] Soubemos notícias de vocês duas, que estão bem, que talvez a Valná esteja um pouco mais magra, mas que está ainda queimadinha do sol.[...] A mamãe falou à camarada Lena a respeito de valinkas e ela disse que numa reunião lá da casa já se tratou disto, de modo que, logo que resolver isto, o papai lhe comprará as valinkas.

Adeus minha filhinha, dá muitos beijos na Valná, quando estiveres com ela, e a você um abraço bem apertadinho da tua mãe do coração, adeus, Lauí.

NB. Hoje faz dois meses que vocês partiram. A mamãe não se esquece de vocês na janela do trem dando adeus...adeus... Moscou 11/09/1941.

²⁵⁶ ELLEINSTEIN. , op.cit., pg. 69

Esta imagem das meninas na janela do trem e Laura correndo para acenar, parece que ficou marcada no coração das três. Talvez todas soubessem que era o último adeus. Se esta era uma lembrança que Laura acentuava, embora houvesse passado dois meses, para Dionysa e Valná igualmente ficou registrada com uma última imagem da mãe que elas guardam com emoção mesmo depois de mais de meio século

Infelizmente, esta melhora durou pouco tempo e Laura teve uma recaída. No dia nove de setembro, foi internada novamente. Para agravar seu estado de espírito, em meados de outubro o comando do Exército Vermelho anunciava que o Exército Alemão prosseguia seu avanço. Em um mês avançaram 720 km. No final de setembro a Ucrânia fora vencida, Leningrado estava completamente isolada e Hitler preparava o bote sobre Moscou. Tomou-se a decisão de transferir a IC e os diplomatas para outra cidade, permanecendo em Moscou só o Comitê de Estado para Defesa e o seu alto comando. O anúncio desta evacuação deixou a população moscovita em pânico. Dezenas de milhares de pessoas precipitaram-se para as estações e para as estradas do Leste. Enquanto Stalin evacuava prudentemente todos os comissariados para uma cidade segura, no Volga, o Partido transmitia uma locução pelo rádio afirmando a vontade de resistência de Moscou e lembrava que Stalin permanecia no Kremlin.²⁵⁷

Era 15 de Outubro de 1941. Laura, com a saúde debilitada, atravessou a Praça Vermelha rumo a estação ferroviária *Kazan* onde começaria sua derradeira viagem. Partiu em um trem de carga junto com Brandão e as irmãs Prestes - Lúcia, Clotilde e Eloiza. Vólia e Sáttva, então estudantes da Universidade *Lomonóssov*, em Moscou, partiram só no outro dia junto com os estudantes da Universidade. Neste dia, Moscou já

²⁵⁷ Idem

estava tomada pelos bombardeios nazistas. Depois de cinco dias de uma penosa viagem de mais de 1.600 km , chegou à cidade de Ufá, nos Urais, numa tarde triste e nevoenta. Uma semana depois, Laura havia piorado muito e teve que ser novamente internada. Sáttva e Vólia ainda não haviam chegado. Brandão continuava trabalhando numa seção da IC, que havia também sido transferida para Ufá, e morava em uma casa destinada a técnicos estrangeiros. Nesta mesma casa também moravam as irmãs Prestes.

O hospital ficava quase fora da cidade e as visitas eram permitidas uma vez por semana. Laura sentia-se sozinha. As filhas estavam espalhadas pelo mundo em destruição e guerra e ela nada podia fazer. Nem mesmo conseguia forças para resistir à morte que ela pressentia muito próxima. Ansiosa, esperava informações das filhas , pois não sabia nem mesmo se haviam chegado bem a Ufá, e já estava ficando aflita com a demora e a falta de notícias. Dionysa e Valná continuavam em Gorki e ela presumia que estavam bem e protegidas. Felizmente, a carta que Dionysa escreveu para família , onde relata o seu trabalho na guerra , nunca chegou em suas mãos:

Bom dia querido papai, mamãe, Sáttva e Vólia:

Eu e mais 6 pessoas do campos dos mobilizados agora estamos na região de Inanovo, distante de Gorki. Nós saímos da estação no dia 01 de novembro às 2 h da madrugada e na noite do dia 02 chegamos ao destino.[...] Aqui cavamos fossas anti tanques com profundidade de 3 metros. Trabalhamos das 8 h da manhã às 6 h da tarde. Trabalhamos muito duro. Por dia nos alimentamos com pão, uma vez uma sopa e três vezes ao dia água quente. Duas vezes nos deram manteiga e açúcar, mas acabou muito depressa. Desculpem se estou escrevendo com uma letra muito ruim. Mas estou escrevendo com um toco de lápis e com muita presa, pois a vela pode acabar. Hoje começamos a cavar a nona e a décima fossa [...]

Viver aqui é muito difícil, não temos dinheiro, ninguém nos envia e nem pretendem enviar [...] Pelo trabalho recebemos dinheiro, mas quando chegamos aqui nos adiaram 90 rublos, mas esse dinheiro nós tivemos que pagar pela sopa e pelo pão [...] Alguns dias fez muito frio e eu passei muito frio, sobretudo nas pernas. As botinas que eu usava estavam com os cadarços rasgados e o frio passava. Agora uso *lapti*²⁵⁸, mas não sei calçá-los direito. Uma pessoa que vive aqui me calça a cada dia. Nós vivemos em casas feitas na terra, cavadas na terra. Antes disso morávamos em casa de lona. [...] Até logo, Dionysa, 26 de novembro de 1941.²⁵⁹

No mesmo dia em que Laura foi internada, Brandão escrevia sua primeira carta para o hospital. Como as visitas não eram permitidas diariamente, a comunicação entre eles passou a ser através de cartas. Embora Brandão soubesse da aflição de Laura pela falta de notícias das filhas, escreveu-lhe sem nenhuma informação até aquele momento:

Minha Laulizinha!

Como passaste a noite ? Tomaste um banho morno? Mudaste de roupa branca? Como te sentes? Que precisas? Vão um pouco de açúcar e dois bolos que comprei ontem. Teu espírito é sempre muito forte. É uma das causas da minha admiração por ti. Não há razão alguma para perderes a esperança. [...] Precisas viver ! Deves viver. Ainda tens muito que fazer no mundo pela causa, pelo teu povo que te ama, que nunca te esquecerá, pelas tuas filhinhas ! Tenhamos coragem e não percamos a esperança. [...] Minha epopéia "O Caminho" será dedicada a ti. [...] Não posso pagar de outra forma tanto amor, tanto sacrifício e tanta grandeza de tua parte. Teu Fiel - Ufa 27 de outubro de 1941.

Começa aí uma longa despedida. A perda iminente de Laura era entremeada com a luta pela sobrevivência que tinha que ser priorizada, pois a guerra estava em curso. O dinheiro era pouco e a comida escassa. Segundo Brandão, no alojamento em que

²⁵⁸ sapato usado pelos camponeses, feito da folha de bétula entrelaçada

²⁵⁹ Esta carta não chegou às mãos de Laura. A censura confiscou e a carta foi parar nos arquivos da IC em Moscou, no dossiê de Octávio Brandão.

estava alimentava-se pouco e dormia no chão em meio a dezenas de pessoas. Além dos nazistas, ele ainda enfrentava a guerra interna do partido. Quase foi despedido, pois o camarada Rakoshi decidiu mandar os militantes da IC trabalharem em uma aldeia. Brandão recusou alegando que nunca havia trabalhado na agricultura e não poderia deixar Laura gravemente enferma em um hospital. Se não fosse a intervenção de Dolores Ibarruri, que conseguiu anular a decisão junto à direção da IC, ele iria parar na rua, sem emprego.²⁶⁰ A IC, finalmente, decidiu mandá-lo trabalhar na rádio em Ufa, juntamente com Lúcia Prestes, fazendo traduções das emissões de Lisboa e Rio de Janeiro.²⁶¹

No hospital, Laura continuava ansiosa para saber notícias das filhas. Na carta que responde a Brandão, esta é a sua primeira preocupação, embora o clima de despedida predomine em suas palavras. Foi a última carta que Laura escreveu:

Saúde !

E as filhinhas? Ainda não chegaram? Muito obrigado pela tua carta de hoje, por todas as cartas que me escreveste nesta vida, muito obrigada!

Quando estiveres muito compungido ao meu respeito, pensa nos meus defeitos...

Aqui naturalmente, há menos recursos que em Moscou, mas é muito melhor que aí, nem se compara. Tomei banho, depois vim para um quarto em que estão mais quatro doentes. Dormi mais ou menos, sem tomar remédio. A cama é boa, cheirando a roupa limpa ! [...]

Adeus meu maridinho, muito obrigada pelo que me mandaste. Faltam duas coisas : os meus chinelinhos pretos e um pouquinho de manteiga. Preciso também do meus outros óculos [...] Adeus meu amor. Quanto ao "meu espírito forte" sinto que ele se conserva muito mais forte que o meu corpo! ... não esqueça de cuidar das filhinhas . Fique forte, a causa precisa de ti. Adeus Lau! Ufa 28 de outubro de 1941.

²⁶⁰ BRANDÃO. *Combates e Batalhas*, vol. 2 - pag. 103

²⁶¹ Conforme depoimento gravado com Lúcia Prestes Brandão, em 15 de julho de 1993 no Rio de Janeiro

Finalmente, Vólia e Sáttva chegaram em Ufá mas não ficaram na cidade. Da estação, partiram para o interior, para uma aldeia tártara, onde trabalhavam , num frio de 40 graus negativos. No campo aberto aos fortes ventos, debulhavam girassóis. Moravam em uma casa de camponeses que estava vazia e não havia lenha. Quando o frio aumentava muito, elas não podiam ir ao campo e não recebiam alimentos, que normalmente já eram em pouca quantidade.²⁶² Desta vez, não foi possível visitar Laura. Só tiveram tempo de escrever um bilhete:

Querida mamãezinha

Chegamos só agora. A viagem foi muito pesada, mas nós tivemos o que comer e passamos bastante bem. Os camaradas espanhóis nos ajudaram muito. Eu tomava leite. Recebemos em Moscou o remédio da mamãe. Vólia. Ufá, 30 de novembro de 1941.

No caminho estivemos 14 dias. Estamos bem. Desejamos que a mamãe fique boa. Sáttva. Ufá 30 de novembro de 1941.

No mesmo bilhete, Brandão parece estar apreensivo:

Elas estão no trem, na estação. Não se sabe para onde irão. Pedi que elas te visitem. Eu as vi. Vão as torradas e o café. Guarda o pano e o vidro pois não são meus. Use o remédio que elas trouxeram. Octávio.

Mesmo que as notícias fossem vagas, Laura ficou mais tranquila. Embora não soubesse qual seria o destino das filhas, pelo menos sabia que elas estavam bem até aquele momento. No entanto, em relação a sua saúde as notícias não eram nada boas. No dia 20 de novembro, o médico clínico do Hospital Central da Saúde Pública do município de Ufá em que ela estava internada encaminhou-a para a seção de cirurgia com o seguinte parecer : "A paciente Laura Brandão não necessita de tratamento terapêutico. Durante os

²⁶² Conforme depoimento de Vólia Brandão, escrito no México em 20 de Julho de 1995

meses de agosto e setembro deste ano, ela foi submetida a uma terapia de radiografia por motivo de um tumor nas glândulas mamárias agravado por amplas metastases. Para saber como ela deve ser tratada de agora em diante é preciso que ela seja observada por um cirurgião e um oncólogo."²⁶³ Não se tem notícias do porque que ela não foi submetida à cirurgia: se por falta de condições técnicas por causa da guerra ou porque sua condição era mesmo muito grave e a equipe médica tenha avaliado que não era possível salvá-la. Pelas duas últimas cartas que Brandão lhe escreveu, podemos inferir que as condições no hospital não eram nada boas, pois ele sempre estava preocupado em mandar-lhe alguma alimentação; inclusive, parecia empenhado em transferi-la de hospital :

Laulizinha

Fui especialmente ao mercado para comprar leite. Envio-te meio litro de leite, uma espécie de bolo com batata, um garfo e uma colher. Apreveite a manteiga, o açúcar e o mel. Tenho mais açúcar. Trata de alimentar-se a mais possível ! Auxilia a natureza a lutar e resistir ! melhoraste um pouquinho porque te alimentaste melhor. As filhinhas estão em atividades. Muitos beijinhos. Fiel. Ufá, 24 de novembro de 1941

Laulizinha,

Envio-te dois vidros de leite cru. Quando receber dinheiro, comprarei as outras coisas. Dediquei toda a manhã procurando hospital para ti. Nada consegui. Continuarei. Hoje só dormi 2 horas. Quero dormir cedo. Se tens algo a dizer me escreva. Senão partirei logo. Estou cansado. Teu Fiel. Ufá novembro de 1941. PS. Vai Lúcia em meu lugar.

Não se tem registro que ela tenha mudado de hospital. Ao contrário, o laudo da autópsia relata que ela esteve internada no hospital de 27 de outubro 1941 até 28 de janeiro de 1942. A partir do final de novembro de 1941 seu estado de saúde piorava a cada dia. Sentia muitas dores. Lamentava-se muito da falta de remédios, pois ainda

²⁶³ Conforme parecer do médico clínico do Hospital Central da Saúde Pública de Ufá, emitido em 30 de novembro de 1941. Fundo Octávio - parte 2 - não catalogado.

acreditava que se tivesse um tratamento adequado poderia ficar boa. As enfermeiras diziam que a morfina estava racionada e a prioridade eram os soldados feridos.²⁶⁴ Assim, ela foi morrendo , sofrendo com muitas dores e quase nenhuma assistência.

Sáttva e Vólia, neste período, estavam em Ufá. Brandão havia conseguido que elas fossem transferidas do campo para cidade , onde foram trabalhar em uma fábrica, costurando roupas para os soldados. Vólia costurava e Sáttva ajudava nos arremates. Trabalhavam doze horas por dia em regime de revezamento : uma semana à noite, noutra durante o dia. Moravam em uma casa que ficava fora da cidade e um saco com palhas servia-lhes de cama. No entanto, a casa em que passaram a viver ficava não era muito distante do hospital em que Laura estava internada. Embora não houvesse transporte, a caminhada a pé não era muito longa..²⁶⁵ Dionysa e Valná continuavam em Gorki e nem sabiam que a mãe estava morrendo. Brandão e as irmãs mais velhas decidiram que seria melhor não contar a verdade e prepará-las aos poucos.

Sabiam que sua morte era uma questão de dias, por isso as visitas das filhas e de Brandão ficaram mais frequentes. Em 30 de novembro de 1941,²⁶⁶ Brandão e as filhas foram visitá-la . Ela parecia lúcida, embora o corpo estivesse desfalecido. Lembrou dos lugares que ela gostava no Rio de Janeiro: Santa Teresa, Paineiras, o caminho do Silvestre, praia da Gávea. Lembrou com saudades dos flamboyants floridos. Tentou reescrever seu poema “Homem”, onde glorificava os heróis brasileiros: agora , o novo texto glorificava os homens que combateram o fascismo . Não tinha coordenação motora

²⁶⁴ Conforme depoimento gravado com Lúcia Prestes Brandão em ,15 de julho de 1993 - no Rio de Janeiro

²⁶⁵ Conforme depoimento de Vólia Brandão, escrito no México em 02 de Julho de 1995.

²⁶⁶ As informações a respeito da morte de Laura relatadas daqui para frente estão de acordo com os documentos que estão no Fundo Octávio.... pasta 120

- provavelmente a doença já tivesse comprometido seu cérebro - e por isso teve que ditar o poema. Falava de sua vontade de viver, de seu amor à vida. Dizia: "tudo me chama à vida, minha família, meu povo, a causa e, no entanto, eu morro". Em seguida, falava da morte com serenidade e encarava seu fim próximo como uma coisa inevitável.

Foi quase um mês de agonia. No dia 25 de janeiro de 1942 ela piorou muito, parecia esgotada e gemia de dores. Ia morrendo pouco a pouco. As filhas colocavam em sua boca açúcar com chá quente. De súbito, teve uma melhora. Pediu notícias de Valná e Dionysa e recomendou a Sáttva e a Vólia: "Como eduquei vocês duas, velem pela educação da irmã mais moça." Estava despendido-se das filhas e de Brandão. Foi a última vez que elas a visitaram. Durante os três dias que antecederam sua morte, as visitas foram suspensas devido a uma epidemia de tifo.

Sozinha, longe do Brasil, da família, dos amigos, numa tarde gelada do dia 28 de janeiro de 1942, Laura, vítima de câncer generalizado ²⁶⁷, morreu, calma e tranquila, da maneira que desejava. No dia 30 de janeiro, na presença de Brandão, das filhas, dos amigos e camaradas, realizou-se o seu enterro no cemitério de Ufá, sob uma hostil tempestade de neve.

²⁶⁷ Resultado da autópsia: Laura Brandão esteve internada na Clínica Terapêutica Hospitalar da cidade de Ufá de 27 de outubro de 1941 até 28 de janeiro de 1942, por motivo de leucemia mielóide. Morreu a 28 de janeiro de 1942. A autópsia mostrou que a principal doença de Laura Brandão era a leucemia mielóide. - Fundo Octávio
.- parte 2 - não catalogado.



No cemitério após enterro de Laura Brandão. Ufá - 1942. Sáttva e Vólia.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

I. FONTES

1. Manuscritos

- Carta de Laura a Astrojildo Pereira - Rio de Janeiro, outubro de 1930
- Bilhete de Laura a Octávio na prisão - Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1931
- Cartas de Laura a Jacinta - Moscou, 17 de setembro de 1930, 27 de abril de 1932 e 03 de junho de 1932
- Cartas de Laura às filhas - Moscou, 5 de julho de 1937, 10 de agosto de 1937, 10 de julho de 1938, 21 de junho de 1940, 02 de agosto de 1941, 20 de agosto de 1941, 07 de setembro de 1941 e 11 de setembro de 1941
- Carta de Laura a Octávio - Ufá-URSS, 28 de outubro de 1941
- Cartas de Octávio a Laura - Ufá-URSS, 27 de outubro de 1941, 24 de novembro de 1941 e 30 de novembro de 1941
- Carta de Dionysa a Laura e Octávio, Gorki-URSS, 26 de novembro de 1941
- Carta de Vólia e Sáttva a Laura - Ufá-URSS, 30 de novembro de 1941
- Cartas de Jacintinha às netas - Rio de Janeiro, 07 e 15 de setembro de 1942 e 03 de fevereiro de 1946
- Carta de Hermes Fontes a Laura - Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1912 e 19 de agosto de 1914.
- Bilhete de Olavo Bilac a Laura - Rio de Janeiro, 14 de junho de 1913
- Carta de Alberto de Oliveira a Laura - Rio de Janeiro, 28 de junho de 1915
- Carta de José Otílica a Laura - Recife, 08 de fevereiro de 1916
- Carta de Tarsila do Amaral a Laura - Rio de Janeiro, 19 de fevereiro, 1919
- Carta de Murilo de Araújo a Laura - Rio de Janeiro, 12 de Março de 1918

- Carta de Júlia Lopes a Laura - Rio de Janeiro, 1916
- Carta de Alberto de Faria a Laura - Campinas-Sp., 25 de maio de 1916
- Carta de Júlia Cortinez a Laura - Rio de Janeiro, 1916
- Cartas de Nestor Victor a Laura - Rio de Janeiro, dezembro de 1916 e 10 de dezembro de 1918
- Bilhete de Antonio Parreiras a Laura, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1912
- Carta de José Avelino Silva a Laura, Maceió, 29 de junho de 1919
- Depoimento escrito de Lia Correia Dutra - 28 de julho de 1958
- Depoimento escrito de Nise da Silveira - 1958
- Depoimento de Emile Kamprad - 1958
- Documento do PCB datado de 25 de fevereiro de 1947 a respeito da publicação da biografia de Laura escrita por Octávio Brandão
- Documento enviado ao PC de Moscou emitido pelo B.P. do C.C. do Rio de Janeiro em 3 de junho de 1931, confirmando que Octávio Brandão era dirigente do PCB.
- Documento enviado ao PC de Moscou emitido pelo BP. do PCB em 08 de abril de 1932, relatando a ligação de Brandão com Josias Leão
- Parecer do hospital Central da Saúde Publica de Ufá-URSS, a respeito da saúde de Laura, em 30 de novembro de 1941
- Resultado da autópsia - emitido pela Clínica Terapútica de Ufá - janeiro de 1942
- Dossier Rosa Bittencout - coleção Eloiza Fellizardo Prestes - AEL-UNICAMP - não catalogado - s/d
- Dossier Clara Camarão - Idem
- Dossier Anita Garibaldi - Idem
- A Imagem de Laura Brandão - escrito por Octávio Brandão em 1947
- Combates e Batalhas volume 2- memórias - Octávio Brandão - Rio de Janeiro, 1975

2. Fontes impressas:

- Poesias - livro de poemas - Rio de Janeiro, sem editora, 1915
- Imaginação - livro de poemas - Rio de Janeiro, sem editora, 1916
- Meia Dúzia de Fábulas - fábulas - Rio de Janeiro, sem editora, 1917
- Serenidade - livro de poemas - Rio de Janeiro, sem editora, 1918

3. Periódicos :

Imprensa Comercial:

- CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: 1929, 1930, 1931
- DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro: 1930
- DIÁRIO DE SÃO PAULO, São Paulo: 1930
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro: 1930 e 1931
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro: 1930
- O CAIXEIRO, Uruguaiana-RS.: 1900
- O COMMERCIO, Rio de Janeiro: 1904
- O JORNAL, Rio de Janeiro: 1929, 1930
- O PAIZ- Rio de Janeiro: 1904

Imprensa Operária:

- A LANTERNA, São Paulo: 1911
- A VOZ DO TRABALHADOR - Rio de Janeiro :1915
- A PLEBE - São Paulo: 1902 , 1917 e 1924
- TRABALHADOR GRÁFICO - Rio de Janeiro: 1920
- A CLASSE OPERÁRIA, Rio de Janeiro : 1925,1928, 1930 e 1946

4. Revistas:

- FON-FON- Rio de Janeiro : 1913.
- CARETA- Rio de Janeiro :1913
- VIDA - Rio de Janeiro : 1914 ,1915
- A UNIÃO SOVIÉTICA EM FOCO : 1990
- CUT-ESPAÇO DE MULHERES E HOMENS. Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora, 1993

I I. BIBLIOGRAFIA GERAL

ALAMBERT, Zuleika. Feminismo: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.

ANTONIO, Candido. A Formação da Literatura Brasileira. 1o. vol. - Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1981

ARENDT, Hannah. Rahel Vernhagen: A vida de uma Judia na época do Romantismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. Homens em tempos Sombrios. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

ARIÈS, Philippe. "O amor no casamento" in Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BADINTER, Elisabeth. Um Amor Conquistado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

BATINI, Tito. Memórias de um Socialista Congênito. Campinas-SP.: Editora da UNICAMP, 1991.

BASBAUM, Leôncio. Uma Vida em Seis Tempos: Memórias. São Paulo: ALfa-Omega, 1976

BLAKE, Augusto Victorino. Dicionário Bibliográfico Brasileiro . 5o.vol. - Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899 - 1a. ed.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo; T.A. Queiroz Ltda, 1979.

BRANDÃO, Octávio. Combates e Batalhas 1o. vol. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

BURKE, Peter. A Escrita da História. São Paulo: Ed. UNESO, 1992.

CAMPOS, Augusto (org.) PAGÚ: Vida e Obra. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CANALE, Cristiane Barckhausen. No rastro de Tina Modotti. São Paulo: Alfa-Omega, 1989.

CARONE, Edgard. O PCB. vol.1 [1922-1943] São Paulo: Difel, 1982

_____. Classes Sociais e Movimento Operário. São Paulo: Ática, 1989

CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

CARVALHO, Marta M. Chagas. A Escola e a República . São Paulo: Brasiliense, 1989

CLAUDÍN, Fernando. A Crise do Movimento Comunista - O Apogeu do Stalinismo. vol.2., São Paulo: Global, 1985, 1986.

CHILCOTE, Ronald H. O Partido Comunista Brasileiro - Conflito e Integração. 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982

CHALHOUB, Sidney. Trabalho Bar e Botequim: Vida Cotidiana e Controle Social da Classe Trabalhadora no Rio de Janeiro da Belle Epoque. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COELHO, Neto. A Conquista. 3a.ed. Livraria Chardron de Léo Irmão, Ltda - Editores, Lisboa, 1921

COSTA, Albertina de Oliveira (org). Uma Questão de Gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma Familiar. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. "Loucura, Gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do Início do Século XX." in Mulher e o Espaço Público. Revista Brasileira de História no.18, São Paulo; ANPUH/Marco Zero, 1989.

DAVIS, Natalie Zemon. Culturas do Povo; Sociedade e Cultura da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

_____. O Retorno de Martin Guerre. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

DEL ROIO, Marcos. A Classe Operária na Revolução Burguesa. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990

Dicionário Literário Brasileiro. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1978.

DUBY, Georges. Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

DULLES, John W. Foster. Anarquistas e Comunistas no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977

_____. O Comunismo no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

EDMUNDO, Luís. O Rio de Janeiro de Meu Tempo. 1o. vol.- Rio de Janeiro: Conquista, 1957, 2a. ed.

ELLEINSTEIN, Jean. História da U.R.S.S. vols. I, II, III. Publicações Europa-América, 1976

ENGEL, Magali. Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro [1840-1890]. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ESTEVES, Marta. Meninas Perdidas. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

FONTAINE, Jean de La. Fábulas de La Fontaine. 1o. vol. - Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda

GHIRALDELLI, Paulo Jr. História da Educação. São Paulo: Coretz, 1990

GINSBURG, Carlo. A Micro História e Outros Ensaios. São Paulo: Difel, 1991.

_____. O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

HABERMAS, J. Mudança Estrutural da Esfera Pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984

HAHNER, June E. A Mulher Brasileira e Suas Lutas Sociais e Políticas: 1850-1937. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEITE, Miriam L. Moreira. Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo, Ática, 1984

LIMA, Heitor Ferreira. Caminhos Percorridos. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOBO, Elizabeth Souza. Ema Goldman. A Vida como Revolução. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MENEZES, Lená Medeiros. Os Estrangeiros e o Comércio do Prazer nas Ruas do Rio 1890-1930.

MAETERLINCK, Maurice. O Passáro Azul. Tradução de Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro: Editora Delta, 1962

MORAIS, Denis de e VIANA, Francisco. Prestes: Lutas e Autocríticas. Petrópolis: Vozes, 1982.

MORAIS, Fernando. Olga. São Paulo; Alfa-Omega, 1986

MOREIRA ALVES, Branca. Ideologia e Feminismo. Petrópolis: Vozes, 1980

MOURA, Maria Lacerda. Religião do Amor e da Beleza. São Paulo: Typ. Condor, 1916

NEDELL, Jeffrey. Belle époque Tropical: Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século. São Paulo: Cia das Letras, 1993

Nosso Século. vol. 1, 1900-1910. São Paulo: Abril Cultural, 1980

PATARRA, Judith. Iara: reportagem biográfica. 21.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992

PEREIRA, Leonardo A. M. O Carnaval das Letras: os Literatos e as Histórias da Folia Carioca nas últimas décadas do século XIX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995

PERROT, Michelle. Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estratégias da Ilusão.: A Revolução Municipal e o Brasil 1922-1935. São Paulo: Cia da Letras, 1991.

PEREIRA, Astrogildo. Construindo o PCB. [1922-1914]. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

RAGO, Margareth. Do cabaré ao Lar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Relatos Orais: do indizível ao dizível" In Ciência e Cultura. vol. 39 no. 3, 1989.

RIO, João. A Alma Encantadora das Ruas. Rio de Janeiro: Edição da "Organização Simões", 1952.

_____. A Mulher e os Espelhos. Rio de Janeiro: Sec. Municipal de Cultura-Depto de Documentação e Informação Cultural, 1990.

SAFFIOTTI, Heleith. A Mulher na Sociedade de Classes. Mito e Realidade. Petrópolis; Vozes, 1979.

SAMARA, Eni de Mesquita. Mulheres o Poder e a família. São Paulo: Ed. marco Zero , 1989.

SCHWARZ, Roberto.(org.) Os Pobres na Literatura Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983

SCOTT, Joan. "Gênero: Uma categoria útil de análise histórica" in Educação e Sociedade vol. 15 no. 2, 1990

SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público. São Paulo: Cia das Letras, 1988

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TUCHMAN, Barbara W. "A Biografia como Prisma da História" in A Prática da História. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991

VARIKAS, Eleni. "Pária: Uma Metáfora da Exclusão das Mulheres" in Revista Brasileira de História. vol.09 no. 16 , São Paulo: 1989.

VENTURA, Roberto. Estilo Tropical: História e Polêmicas Literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

WALTER, Benjamim. Magia e Técnica, Arte e Política. 4a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982

WHITMAN, Walt. Folhas das Folhas de Relva. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ZAIDAN, Michael Filho. Comunistas em Céu Aberto. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989

O PCB e a Internacional Comunista. 1922-1928. São Paulo:
Vértice, 1988.

III . DEPOIMENTOS

- Dionysa Brandão Rocha * - Rio de Janeiro, 18 de junho de 1992
- Valná Brandão Tchudínova - Rio de Janeiro, 17 de julho de 1994
- Vólia Brandão de Miguelena - México, 26 de junho e 10 de julho de 1995
- Mariana Mikchailovna - Rio de Janeiro, 18 de junho de 1994
- Lúcia Prestes Brandão - Rio de Janeiro, 15 de julho de 1993
- Marisa Coutinho - Campo Grande-MS, 30 de setembro de 1995
- Lycio Hauer - Petrópolis-RJ, 17 de julho de 1993
- Norma Hauer - Petrópolis-RJ, 17 de julho de 1993
- Lena Texeira Abreu - Rio de Janeiro, 18 de junho de 1994
- Nádia Texeira Abreu - Rio de Janeiro, 18 de junho de 1994
- Nise da Silveira **²⁶⁸ Rio de Janeiro, 19 de junho de 1992
- João da Costa Filho - Rio de Janeiro, 19 de junho de 1994

²⁶⁸ * Parte do depoimento cedido a Elaine Marques Zanatta para o Arquivo Edgard Leuenrouth-UNICAMP.

** Depoimento cedido a Elaine Marques Zanatta para o Arquivo Edgard Leuenrouth-UNICAMP.

IV. INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

- Arquivo Edgard Leuenrouth - UNICAMP
- Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro
- Arquivo Nacional - Rio de Janeiro
- Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro
- Biblioteca Municipal Mario de Andrade - São Paulo
- Bibliotecas IFCH, IEL e BC - UNICAMP